

CARLOS EDUARDO DE ARAÚJO



**XAMANISMO HOJE:
diálogos com uma sabedoria arcaica**



PPGED / UFRN / 2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE**

CARLOS EDUARDO DE ARAÚJO

**XAMANISMO HOJE:
DIÁLOGOS COM UMA SABEDORIA ARCAICA**

**NATAL/RN
2022**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Araújo, Carlos Eduardo de.

Xamanismo hoje : diálogos com uma sabedoria arcaica / Carlos Eduardo de Araújo. - 2022.
149 f.: il. color.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida.

1. Xamanismo - Tese. 2. Pensamento complexo - Tese. 3. Educação - Tese. I. Almeida, Maria da Conceição Xavier de. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

CDU 256

CARLOS EDUARDO DE ARAÚJO

XAMANISMO HOJE:
DIÁLOGOS COM UMA SABEDORIA ARCAICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para fins de obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição de Almeida.

NATAL/RN

2022

CARLOS EDUARDO DE ARAÚJO

XAMANISMO HOJE:
DIÁLOGOS COM UMA SABEDORIA ARCAICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para fins de obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
Orientadora
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. Dr. Daniel Monteiro Costa
Membro Externo
INSTITUTO UK'A – CASA DOS SABERES ANCESTRAIS

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias
Membro Externo
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira
Membro Interna
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção
Membro Interno
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. Dr. João Bosco Filho
Suplente Externo
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Dra. Eugênia Maria Dantas
Suplente Interna
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

DEDICATÓRIA

Ao grande espírito e a todos os xamãs.

Aos povos indígenas e a todos que reconhecem a importância dos saberes da tradição.

Ao amigo xamã Ivo Maia (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Fala a sabedoria xamânica que devemos agradecer cantando e dançando, como fazem os sóis e as estrelas do céu. Então eu canto, danço e agradeço a todos que me ajudaram nesta experiência da tese. Agradeço aos espíritos e xamãs que me guiaram até aqui.

Agradeço a Conceição Almeida, essa grande amiga-xamã, que cura com palavras e ideias; ilumina minha mente e é inspiração viva para minhas jornadas. Foi verdadeiramente uma orientação amorosa. Até porque sem amor nada disso teria sentido. Gratidão, Ceíça!

Reverencio com muito respeito a Dr^a Josineide Silveira de Oliveira, a Dr^a Eugênia Maria Dantas, o Dr^o Edgard de Assis Carvalho e o sábio Chico Lucas. Agradeço pelos membros da banca: Dr^o Carlos Aldemir Farias, o Dr^o Luiz Carvalho de Assunção, o Dr^o Daniel Munduruku e o Dr. João Bosco Filho. Gratidão especial pelas revisões da Dr^a Margarida Knobbe e da Dr^a Mônica Reis, e os resumos na língua estrangeira de Ana Carenina de Almeida Moura e do Dr^o Fagner Torres.

Ao GRECOM agradeço pelas parcerias com Maria José, Romão, Felinto, Izabela, Umberto, Gledson, Artemisa e demais colaboradores.

Agradeço às instituições, em especial à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela formação e acolhimento. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN e à CAPES, pelo apoio financeiro. Agradeço também aos amigos especiais, cultivados na universidade: Federico Sanguinetti, Andrielle Mendes, Marília do Vale e vários outros.

Por fim, agradeço aos familiares: meu querido filho Eduardo, minha mãe Dorinha e meu irmão Henrique. Gratidão aos amigos Ilton Soares, Iaponan Bastos, Kelly Nascimento, Yrahn Barreto, Pajé Kuaracy Katu, Rômulo Angêlico, Manoel Ubiratan, Mukunã, Eriberto Moreira, José Roberto, Glênio Tavares, Jorge Lima e todos do Movimento Alternativo Goto Seco.

Gratidão a todos!

Enquanto houver um único pajé sacudindo seu maracá, haverá sempre a certeza de que o mundo estará salvo da destruição."

Daniel Munduruku

A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

Ailton Krenak

RESUMO

O xamanismo apresenta um modo de sentir, experimentar e pensar a vida, estabelecendo outro tipo de relação com a natureza, longe do utilitarismo, da dominação mercantil. Carrega saberes que revelam valores cosmoéticos importantes e imprescindíveis para a sustentabilidade do planeta, como solidariedade, partilha, cooperação e a ideia de comunidade. Esses saberes confrontam o pensamento racionalizante e pragmático, que trata a natureza apenas como matéria-prima e mercadoria, promovendo uma exploração insustentável que esgota as possibilidades de reabilitação dos seus processos cíclicos. Xamãs e indígenas sinalizam a necessidade de mantermos a nossa coesão como comum-idade, retomando a cosmovisão que compartilha e que vive com o espírito da floresta. Nessa perspectiva, o xamanismo precisa ser entendido também como uma reserva antropológica de pensamento, sendo o xamã um catalizador das forças da natureza, mediador entre mundo e homens, caminhando por jornadas que inspiram a pensarmos que é possível vivermos de outra forma.

Palavras-chave: Xamanismo. Pensamento complexo. Educação.

ABSTRACT

Shamanism presents a way of feeling, experiencing, and thinking about life, establishing another type of relationship with nature, far from utilitarianism and from commercial domination. It carries knowledge that reveals important and essential cosmoethical values for the sustainability of the planet, such as solidarity, sharing, cooperation and the idea of community. This knowledge confronts the rationalizing and pragmatic thinking that sees nature merely as raw material and a commodity, leading to an unsustainable exploration that exhausts the possibilities of rehabilitation of its cyclical processes. Shamans and indigenous people signal the need to maintain our cohesion as a *common-unity*, resuming the cosmovision which shares and lives along with the spirit of the forest. From this perspective, shamanism must also be understood as an anthropological reserve of thought, with the shaman being a catalyst for the forces of nature, a mediator between the world and men, walking along journeys that inspire us to think that it is possible to live in another way.

Keywords: Shamanism. Complex thinking. Education.

RÉSUMÉ

Le chamanisme présente une manière de ressentir, d'expérimenter et de penser la vie, établissant un autre type de relation avec la nature, loin de l'utilitarisme, de la domination mercantile. Il porte des connaissances qui révèlent des valeurs cosmoéthiques importantes et essentielles pour la durabilité de la planète, telles que la solidarité, le partage, la coopération et l'idée de communauté. Ce savoir confronte la pensée rationalisante et pragmatique qui ne traite la nature que comme matière première et marchandise, favorisant une exploitation non durable qui épuise les possibilités de réhabilitation de ses processus cycliques. Les chamans et les peuples autochtones signalent la nécessité de maintenir notre cohésion en tant qu'unité commune, reprenant la cosmovision qu'ils partagent et qui vit avec l'esprit de la forêt. Dans cette perspective, le chamanisme doit aussi être compris comme une réserve anthropologique de pensée, le chaman étant un catalyseur des forces de la nature, un médiateur entre le monde et les hommes, parcourant des parcours qui nous incitent à penser qu'il est possible de vivre d'une autre manière

Mots-clés: Chamanisme. Pensée complexe. Éducation.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01.	Manoel Ubiratan.....	65
Fotografia 02.	Espaço Shangri-La, do xamã Manoel Ubiratan.....	65
Fotografia 03.	O autor com Manoel Ubiratan em Shangri-La.....	66
Fotografia 04.	Amauri Kuaracy Pajé Katu.....	72
Fotografia 05.	O autor com Amauri Kuaracy Pajé Katu, na Oca de Cura.....	73
Fotografia 06.	Oca de cura na comunidade indígena do Katu Espaço Água Fria, nascente do rio Katu, na	73
Fotografia 07.	comunidade indígena do Katu, Canguaretama/RN.....	74
Fotografia 08.	Chico Lucas, na lagoa do Piató.....	78
Fotografia 09.	Barco no local de cheia da lagoa do Piató.....	84
Fotografia 10.	Casa da Memória do Piató.....	88
Fotografia 11.	<i>Chico Lucas, o autor, o barco e a lagoa de memória</i>	88
Fotografia 12.	Artista Ivo Maia, Daniel Munduruku e o autor.....	89
Fotografia 13.	Daniel Munduruku, no Projeto Guardiões dos Saberes.....	90
Fotografia 14.	Apresentação de Daniel Munduruku, no Espaço Cultural Sol & Lua Café, Ceará-Mirim/RN.....	91
Fotografia 15.	Conceição Almeida, pesquisadores do GRECOM e Daniel Munduruku, no Espaço Cultural Sol & Lua Café.....	91

SUMÁRIO

QUANDO SE OUVE O CHAMADO -----	13
PRIMEIRA JORNADA:	
Ecos do xamanismo -----	25
Resistências e metamorfoses -----	31
O retorno dos saberes arcaicos -----	41
SEGUNDA JORNADA:	
Fluindo como o Espírito do Vale -----	44
Uma estranha realidade -----	55
TERCEIRA JORNADA:	
Meu céu: uma constelação de xamãs -----	60
Meu céu: minhas <i>mirações</i> -----	97
Meu céu: ensaios poéticos -----	102
A alegria de ser um xamã -----	107
QUARTA JORNADA:	
Educação para o presente e o sensível -----	116
Xamanismo para adiar o fim do mundo -----	131
PARA ABRIR NOVOS CICLOS	
O sonho do xamã -----	142
INSPIRAÇÕES -----	145

QUANDO SE OUVI O CHAMADO



Eu chamo a força, eu chamo a força, eu chamo a força.
Força das pedras para me firmar.
Eu chamo a terra, eu chamo a terra, eu chamo a terra.
Eu chamo a terra para me enraizar.
Eu chamo o vento, eu chamo o vento, eu chamo o vento.
Eu chamo o vento vem me elevar.
Eu chamo o fogo, eu chamo o fogo, eu chamo o fogo.
Eu chamo o fogo para me purificar.

Eu chamo a Lua, chamo o Sol, chamo as Estrelas.
Chamo o Universo para me iluminar.
Eu chamo a água, chamo a chuva e chamo o rio.
Eu chamo todos para me lavar.
Eu chamo o raio, o relâmpago e o trovão.
Eu chamo todo o Poder da Criação.
Eu chamo o mar, chamo o céu e o infinito.
Eu chamo todos para nos libertar.
Eu chamo Cristo, eu chamo Budha, eu chamo Krishna.
Eu chamo a força de todos os Orixás.
Eu chamo todos com suas forças Divinas.
Eu quero ver o Universo iluminar.

Eu agradeço pela vida e a coragem,
Ao Universo pela oportunidade,
E a minha vida eu dedico com amor
Ao sonho vivo da nossa humanidade.
Sou mensageiro, sou cometa, eu sou indígena.
Eu sou filho da nação do Arco-Íris.
Com meus irmãos eu vou ser mais um guerreiro
Na nobre causa do Inka Redentor.
Eu sou guerreiro, eu sou guerreiro e vou lutando.
A minha espada é a palavra do amor,
O meu escudo é a bondade no meu peito
E o meu elmo são os dons do meu Senhor.

Eu agradeço à nossa Mãe e ao nosso Pai,
E aos meus irmãos por todos me ajudar.
A minha glória para todos eu entrego
Porque nós Todos Somos Um nesta união.
Desde o princípio Todos Nós Somos Irmãos!
Viva o Poder de todo o Universo!

Guerreiro da Paz
Composição do Xamã Orestes Grokar

Para atender a esse chamado, construir o caminho e seguir, invoco as forças, pois não é apenas uma tese, é uma narrativa que tem vida. Esta tese é parte da minha vida. Posso dizer que esta pesquisa se iniciou há dez anos, quando tive o contato com a força xamânica. Desde esse tempo, essa força me impulsiona na busca permanente de um saber mais que especial para mim. Esta pesquisa-vida é tomada como grande momento de experimentação e narrativa de uma jornada que decidi seguir como caminho de cura, transbordando meu ser, e que ressoa na cura do planeta.

As narrativas devem antes fazer um caminho dentro de nós, como diz Daniel Munduruku, e isso me aconteceu. Esta narrativa que exponho possui como ponto de partida uma sede de conhecimento sobre a vida, sobre o homem, a espiritualidade, a arte, os ritos e os saberes ancestrais. Ao colocar o ponto final no texto, não reconheço o fim, mas o reinício de uma nova jornada por conhecimentos, um processo que creio ser permanente, assim como me ensina o xamanismo.

Longe de ser uma religião, ou uma instituição, o xamanismo é mais do que um conjunto de práticas e saberes. É um modo de ver, sentir e agir no mundo. É também inspiração, entrega, mistério, aprofundamento, expansão e cura. Algo que está prestes a transbordar em cada um. Abrir-se ao silêncio é o primeiro passo para adentrar no xamanismo. Ouvir os ecos desses homens e mulheres que refletem a sabedoria da natureza e mergulham nesse sensível é o segundo passo. É o que fiz.

Uma sabedoria adormecida sempre esteve aqui, como os espíritos que existem em cada ser. Como uma energia a ser velada e que permeia todas as vidas. O xamanismo passou a ser, para mim, o sinônimo de uma cosmoética a ser imitada, repetida, por ver em cada coisa um ser sagrado, fruto da comunhão, de solidariedade e fraternidade. Cada ser participa deste ciclo vivo e está interligado a ele, retroalimentado numa espiral de ciclos de morte e renascimento; de pensar e repensar; de decompor e se recompor. Essa é a base de

um pensamento xamânico que se conjuga com o pensamento complexo.

Esta jornada de compreensão sobre o pensamento xamanista é composta de outras jornadas que revelaram, aos poucos, o xamã em várias direções, apresentando um homem em suas potencialidades e em suas múltiplas dimensões. Nesse seu domínio, encontro a criatividade, capacidades de evocação, de comunicação, de viagens a outras esferas; estados xamânicos de consciência, a tecnologia do sonho, da intuição, telepatia, osmose, plasticidades e outros elementos que tornam o xamanismo um reserva antropoética de humanismo, capaz de trazer saberes de cura para uma civilização enfeitiçada pela mercadoria, cada vez mais doente e doentia no frenesi do capital.

É uma forma de pensar que se relaciona com várias dimensões de conhecimento e de vida. Aqui tomo como principais interfaces a ciência, a espiritualidade e a arte. Interfaces que se interligam, dialogam e se fundem, compondo o que chamamos de arte xamânica, que engloba a arte da cura da mente, do corpo e do espírito. Dependentemente, se alimenta de uma ciência de base complexa em que se utiliza da intuição, dos sonhos, da magia, da dança, do canto, dos ritos e vários outros elementos. A arte se situa no espectro do xamã como a própria energia espiritual de "bricolar" esses elementos e, principalmente, no sentimento estético que o levam a atingir o êxtase e estados alterados de consciência.

Essas interfaces colocam o xamã numa encruzilhada permanente de criação, recriação, diálogo com vivos e não vivos, experimentações, vivências multidimensionais, metamorfoses, consubstanciações e plasticidades, que o fazem aguçar sentidos, atingindo uma sensibilidade que o aproxima cada vez mais de um universo de novas sinergias e experiências.

Ainda mais, essas interfaces borram fronteiras, comunicando sua unidade no olhar sensitivo que não se desvencilha das coisas, suas interações, suas ressonâncias, retroações e conexões. Não se trata de

um estado de harmonia, mas, sim, momentos em que dialogam com as contradições e alinhamentos; sombras e luzes; concreto e abstrato; mortes e renascimentos; germinações e decomposições.

O que traz de valor às interações, entre essas interfaces que o xamã percorre, são as infinitas possibilidades, bifurcações, espontaneidades, retroalimentações e criações. A ciclicidade da vida se mostra em sua potência autogeradora e inviolável.

A sede de apreender este universo me trouxe até aqui e exponho agora como pensei e repensei esta narrativa, na qual me contento em escrever, juntamente com outras mãos que sentiram o mesmo chamado. Deixei que falasse o xamã que habita em mim.

A atitude que assumo na tese está entre essas duas posições: por um lado, sou levado a afirmar que fui me tornando um cultuador das práticas xamânicas, à medida que fui me convencendo da potência delas. Por outro lado, como trabalho acadêmico, eu tenho que me distanciar da minha própria prática e das práticas dos outros xamãs, tendo que proceder a uma construção que seja capaz de tratar o xamanismo como um conhecimento que tenta articular homem, natureza e cultura, acionar as forças energéticas contidas na natureza e uma religação de saberes. Esse é o movimento que sigo, ensinado por Lévi-Strauss em *O pensamento Selvagem* (1976).

Foi assim que os ecos, sinais, rastros e ruídos foram fazendo mais sentido na jornada, despertando-me para uma sabedoria adormecida em nossa civilização. Negada, reduzida, perseguida. Uma sabedoria antiga, arcaica, primeira, que perpassou várias gerações, se metamorfoseou, se recompôs e resistiu, velando sua matriz e egrégora reverenciada em vários cantos do planeta.

Fui entendendo que essa sabedoria xamânica está entrelaçada ao modo de ver dos povos originários, aos indígenas, aos quais eu buscava conhecer, e reconhecia em mim essa força ancestral. Passa a ser uma ramificação da pajelança, da arte de curar com os espíritos e de se comunicar com eles. Passei a apreender a relação mente-espírito

como via de entendimento dessa proximidade do xamã com uma cura profunda, que parte de si para a cura do outro e do planeta. Senti que essa sabedoria ultrapassou a fronteira do olhar e passou a ser, aos poucos, uma matriz de pensar o mundo.

Cada vez mais a narrativa do xamã me provocava a estar junto à sabedoria indígena. Me senti cada vez mais integrado. Seriam eles gerados na mesma semente que contém a comum-idade, o amor do pertencer, a fraternidade das coisas?

Como ouvi de um xamã: "as coisas se amam o tempo todo". Nesse meu caminho intelectual e de vida, passei a encarar o chamado como uma missão espontânea e me senti cada vez mais presente, aqui e agora. Somente no estado de presença pude ver e sentir o que muitos não sentem. Deve ser por isso que Daniel Munduruku indica que o presente é uma dádiva, um belo presente!

Quando me buscava na história dita oficial, entre os pensadores e nos diálogos sobre nossa sabedoria nativa, eu nunca me encontrava. Nas vezes que me encontrava, eu nunca era aquilo que diziam. Sou o resultado dos saberes de meus ancestrais e não um indivíduo numa sociedade hiperespecializada e tecnológica, sem raízes, sem solidariedade, nem comunhão com o mundo. O futuro não é digital, é ancestral.

Não há rio sem nascente, nem floresta sem raízes. Assim também, para a civilização, encontrar sua história passa a ser o princípio para retomar um pensamento de conjunção, uma via para sairmos do modo de vida competitivo e sem compromisso com o coletivo, motivos que nos empurram à catástrofe humana. Encontrar nossa história, do nosso lugar e a sabedoria dos nossos ancestrais podem significar a recomposição cognitiva de um ser, no sentido de memória, e a composição de uma nova forma de ser no mundo. O exercício de pensar quem sou resgatou não só o que trago em minha memória, mas também me uniu aos vários sujeitos que já "despertaram".

O xamanismo desperta para esse desafio de fazer emergir humanidade, tarefa difícil por precisar resistir à monocultura da mente (SHIVA, 2003) e ultrapassar a compreensão fragmentadora da vida. O xamanismo se tornou uma via de resgate de saberes que nos humanizam e nos põem em comunhão, numa casa comum, caminhantes de um mesmo destino, uma mensagem já expressa por pensadores da tradição, como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Chico Lucas, e tantos outros pensadores não indígenas, como Edgar Morin, Leonardo Boff, Conceição Almeida.

Abrindo-se para o entendimento desta temática de tese, apresento três ressalvas necessárias. A primeira delas é: “não há o propósito de decifrar o mistério nem a parte silenciosa e secreta da sabedoria” (ALMEIDA, 2018, p. 13). Ou seja, esta pesquisa não tem o mesmo objetivo da ciência extrativista moderna que tenta uma decifração perversa, supondo saber explicar tudo e manipular os saberes da natureza, torturando-a. Esse ponto chama a atenção para o mistério como aquilo que é inefável, existindo sempre o inatingível (MORIN, 2020b), ponto a ser dialogado durante as jornadas que se seguem.

Ao apreender o xamanismo, percebe-se que adentramos numa lógica do sensível, como propõe Lévi-Strauss (1976), pela qual os xamãs se “afastam de distrações”, exercitam a sensibilidade e seguem para comunicações e dimensões sutis, realizando conexões que o pensamento ordinário não atinge ou desvirtua. Esse entendimento não alcança a totalidade do vasto mundo espiritual, nem as infinitudes que se apresentam inconcebíveis para uma tradução científica.

A segunda ressalva a fazer é sobre a base complexa que sustenta a narrativa da tese. O pensamento complexo se encontra com o pensar xamânico por ser também uma arte, um modo de pensar, sentir e agir no mundo; por abraçar uma espiritualidade intrínseca, e por dialogar de forma aberta, sem a busca da síntese prometida; por não excluir dimensões do xamã, sendo *sapiens* e *demens*; por dialogar com

culturas arcaicas que possuem sabedorias capazes de reconstruir uma nova via para viver. O pensamento complexo reconhece o homem como ser social, prosaico, físico, mas também mitológico, poético, metafísico. O pensamento complexo abraça a sutileza da vida, uma dimensão extrafísica, sensorial, que permite o sentimento estético, a evocação, o êxtase, o transe, o metamorfosear-se e, ao mesmo tempo, uma reforma do pensamento e uma ecologia da ação.

Ao elaborar a noção de reserva antropológica (ALMEIDA, 2017), o pensamento complexo abriga o xamanismo como uma potência viva e múltipla, reconhecendo-a como uma humanidade esquecida e passa a acolher esse modo de viver e pensar das comunidades arcaicas como uma forma de reabilitar emergências de humanidades adormecidas (ALMEIDA, 2018, p. 09). A ecologia da ação é imprescindível para cultivar uma ecologia dos saberes e reforça o que já foi dito: é o pensamento complexo que melhor coloca o xamanismo com intersecção entre ciência, espiritualidade e arte.

A terceira ressalva é dizer que a sabedoria deve ser tomada acima de valores economicistas, e se eleva muito além do que prega o pensamento objetivista-pragmático-utilitarista. Como pensa Conceição Almeida, “a sabedoria é, certamente, mais, ou menos, do que tudo o que possamos conceber sobre ela ontem, hoje e amanhã (...) ultrapassa os saberes técnicos e funcionais” (ALMEIDA, 2018, p. 10). O que ressalto é a concepção de que a busca pela sabedoria deve tomar como via uma sensibilidade mais plena do sujeito diante de si e do mundo (ALMEIDA, 2018), que diverge do pensamento racionalizante, ou, como diz o xamã Davi Kopenawa, um pensamento obscuro preso na mercadoria, incapaz de entender as consequências de sua destruição (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Feitas essas ressalvas, o que acrescento como chamado é a imagem do fluxo do rio que nos banha e nos leva. Vários afluentes convergem para esse rio principal rumo ao oceano de sabedoria. Além da relação com o pensamento indígena que mencionei, o que me

levou até o xamanismo e todas as suas relações foram as forças que me trouxeram outros ecos.

O coletivo cultural Goto Seco foi onde tive contato com uma antropologia esquecida dos movimentos de resistência. Nele aprofundei os saberes sobre as culturas nativas. O coletivo Indígenas do Vale, grupo de estudos sobre a cultura indígena do Vale do Ceará-Mirim, me deixou mais próximo da cultura e da espiritualidade indígena local. Também tive contato com xamãs de várias linhas: guerreiros, sacerdotes, cientistas, cerimonialistas, assim como o neoxamanismo, o xamanismo urbano, cyberxamanismo, xamanismo arcaico, andino, norte-americano e uma diversidade de xamanismos brasileiros. Experiências com diferentes medicinas, saberes, práticas e ritos. Tudo isso se entrelaçou, enriqueceu meus conhecimentos e me colocou num fluxo incontornável desse rio.

Lembrando que "o caminho se faz ao caminhar", como diz o poeta Antônio Machado, mas lembrando que o caminho já teve um ponto de partida, registro aqui alguns trabalhos acadêmicos do menu do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM-UFRN) que se interligam com minha pesquisa. Destaco os trabalhos *Lições do Vivo* (2010), de João Bosco Filho; o livro *Um Sábio na Natureza* (2016) de Chico Lucas da Silva, intelectual da tradição. A tese *Compor e Educar para Descolonizar* (2009), de Carlos Alberto da Silva, na qual se sustenta que "a arte é irmã da ciência"; a tese *Notícias do Oco do Mundo* (2019), de Luan Oliveira, que fala sobre a vida e as ideias de Robson Marques, o guardião do vale dos dinossauros, no sertão paraibano; a tese *Na escola da floresta: pedagogias Tentehar* (2021), de Maria José Ribeiro de Sá, que apresenta saberes indígenas que ensinam a cuidar de todos e da diversidade; e tantos outros que trabalham os Saberes da Tradição e se empenham em prol de uma democracia cognitiva. Foram nessas leituras que aprendi que os saberes da tradição, como a arte xamânica, está viva e está lá, está aqui, está entre nós!

Para fazer parte dessa constelação de trabalhos, sendo esta tese mais uma linha na tessitura de uma grande narrativa, trago os ecos de polifônicas vozes e de diferentes xamãs, para pensar o xamanismo em várias direções. Não se trata de um trabalho de historiografia das religiões, nem uma antropologia histórica do xamanismo. Nem muito menos um olhar definitivo ou completo sobre o xamã. Limito-me a trazer um olhar complexo sobre um modo de ser e estar no mundo, fundado numa cosmoética e guiado pela natureza, fonte de todas as vidas.

A princípio, a tese estava pensada em cinco jornadas, mas com o passar do tempo, fomos enxugando um pouco para dar mais objetividade e fazer entender melhor. Sobretudo, quando percebi, pelas ideias de Nise da Silveira, psicanalista junguiana, no livro *O mundo das imagens* (1992), o grande desafio de substituir o modelo ternário, tanto da religião (pai, filho e espírito santo), quanto na ciência (tese, antítese e síntese), por um modelo quaternário que incluía o que foi expulso dos dois modelos religiosos e científicos. Ficamos, então, com quatro jornadas, no modelo quaternário, que também faz alusão às quatro direções, os quatro elementos (fogo, terra, água e ar) e as quatro estações do ano.

Começo por expor uma leitura sobre as metamorfoses seculares do xamanismo e sua resistência aos esgarçamentos das forças contrárias à democracia do pensar. Este é o sumo da **primeira jornada**, guiado pela politização do pensamento, tão necessária para entender um dos papéis dos xamãs.

Revigorado após várias metamorfoses, as vozes dos xamãs agora nos dizem para sermos tomados pelo grande espírito, o "*Espírito do Vale*". Nas palavras de Edgar Morin (2016b), no livro "*O Método 1*", é uma metáfora para falar da necessidade de um conhecimento aberto, que escapa das amarras do pensamento hiperespecializado e utilitarista, marcado pela exaltação da racionalidade. Esta **segunda jornada** é imprescindível, como um rito de passagem, para adentrarmos em aspectos do xamanismo que o pensamento da fragmentação não

abarcas. Ao contrário: reprime, rebaixa e nega a grandiosa dimensão do xamanismo. É preciso, então, perceber o estado xamânico de consciência (HARNER, 1995), que se abre para uma estranha realidade (CASTAÑEDA, 2009); porém, reconhecendo as ignorâncias e mistérios do mundo (MORIN, 2020b).

Na **terceira jornada**, apresento meu céu como metáfora para falar da constelação de xamãs que me proporcionaram uma aproximação com o xamanismo de forma visceral. Nessa jornada, exponho o que experimentei nesse universo formado por práticas, diálogos, vivências, inspirações, criações e observações. Minhas expressões são por meio de relatos, “*mirações*”, ensaios poéticos e cartas.

Na **quarta jornada**, posso compreender que o xamanismo é também uma escola de saberes arcaicos que podem ensinar à atual civilização outras formas de ser e viver, reconhecendo-se na natureza e aprendendo saberes que mudam a si e, conseqüentemente, ao mundo. Para essa reflexão, trago um pouco do vasto trabalho de Daniel Munduruku, que pensa uma educação do presente ampliada na escuta sensível das vozes dos ancestrais, no pensamento circular, no estado de presença que ultrapassa as instituições. Um modo de formar o sujeito integral.

Nesse itinerário, essas quatro jornadas são alimentadas por leituras, diálogos, escutas, observações, somados às experimentações do xamanismo que compõem minha narrativa. Quando penso na tese, me chegam visões, como num prisma, o qual reconstruo o xamanismo como uma das reservas de humanidade que retoma potencialidades do homem e sabedorias, permitindo outros modos de pensar e viver. Evoco um espírito aberto para ampliar o entendimento sobre essas práticas que interagem com a dimensão espiritual. Identifico a manifestação e o sentimento estético pela metamorfose do pensamento, e busco uma educação de base complexa conectada com a sustentabilidade do planeta.

Meu foco nesta tese, afinal, foi narrar mais uma história. A pergunta não é sobre o significado, a função social, ou a utilidade do xamanismo. Responder a essas perguntas nos prenderia de vez nas grades dos conceitos reducionistas. Não faço perguntas ao xamanismo, mas, sim, construo uma reflexão sobre o que o xamanismo fala ao mundo sobre o homem, a natureza, a nossa civilização, a vida e, principalmente, o que seus saberes têm para nos ensinar diante da barbárie humana contra a natureza, destruindo a nós mesmos.

Ailton Krenak, pensador indígena brasileiro, no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), afirma que contar mais uma história é o que nos mantém vivos. Me inspiro na reflexão de Ailton Krenak, quando ele diz: “A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2019, p. 13).

No livro *O Dom da História* (1998), da psicanalista junguiana, pesquisadora da sabedoria oral e contadora de histórias Clarissa Pinkola Estés, aprendemos a importância de manter a narrativa da história.

Edgar Morin, um dos maiores pensadores do século XX e XXI, instiga-nos a seguir com esperança, a força principal que o motiva a criar estratégias de pensamento, novas vias e ações para resistir à barbárie. Conceição Almeida também nos anima com a lição sobre a importância de se pensar a narrativa que os saberes da tradição constroem para falar do mundo. A principal forma de abrir a perspectiva de novos mundos é criar uma nova narrativa. Assim, apresento minha narrativa sobre o xamã como mais uma história para fortalecer o grande espírito.

Nesse chamado que aceitei e construí minha pesquisa, pensada no curto tempo do doutorado, se não ampliar o estudo, ao menos renova, como uma gota no oceano, a reflexão sobre ciência, educação, saberes da tradição, xamanismo, sujeito e pesquisa, reserva antropológica e o reconhecimento da potência da ciência dos antigos.

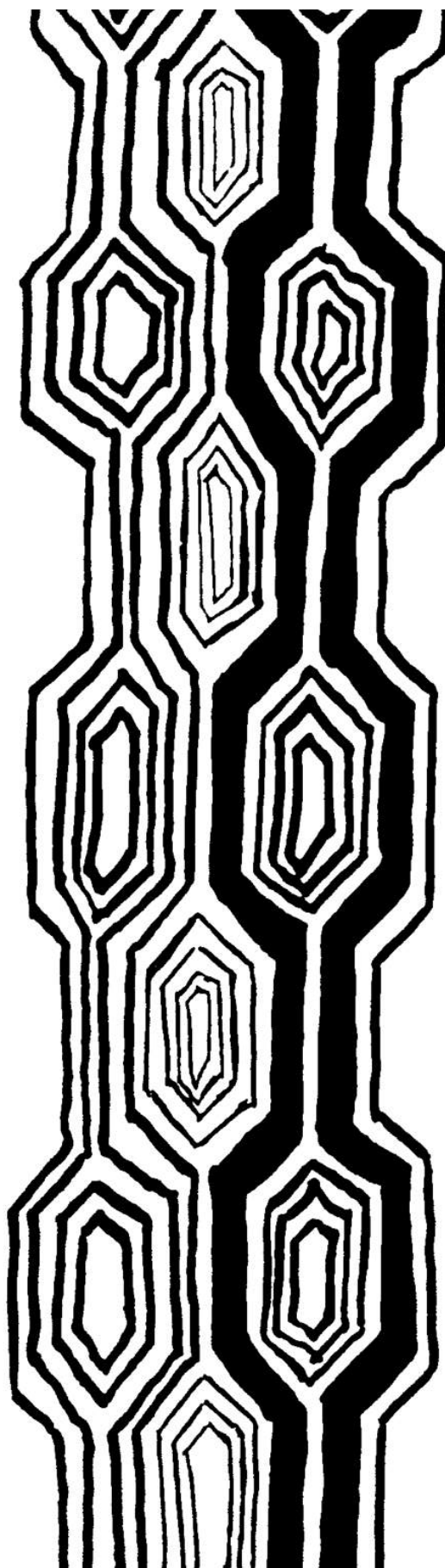
Um dos pontos principais da tese é poder reverenciar essa sabedoria esquecida da humanidade. Essas “reservas de complexidade”, como fala Conceição Almeida, “estão cada vez mais adormecidas por uma sociedade impiedosamente utilitária e consumista” (2018, p. 19).

É necessário que atitudes de complexidade sejam expressas por pesquisadores engajados com os saberes criativos e não com paradigmas. A ciência, influenciada por revoluções científicas, como explica Thomas Kuhn, necessita do reencontro desses saberes para se recompor e poder alimentar as Ciências da Complexidade. É necessário meditar ao olhar para a vela, como fez Bachelard e igualmente o antigo xamã há séculos passados.

É fundamental ouvir as vozes dos xamãs, assim como apreciar a natureza que nos ensina a encontrar a sabedoria dentro e fora de nós. O xamã entende que há somente uma sabedoria, um só ser e corpo, um só tempo, um só espírito. Estão todos no presente.

Como o xamã dos escritos de Carlos Castañeda, no livro *Porta para o Infinito* (1974), ao ser empurrados do penhasco, não caímos, mas sim alçamos voo para um encontro com nossa natureza e com o cosmos que nos habita.

PRIMEIRA JORNADA



Ecoss do xamanismo

(...) cabe perguntar sobre as condições de manutenção dessas sabedorias ecológicas, ou mesmo se é necessário e desejável a tradução delas na correnteza perversa de um rio caudaloso chamado globalização, hábil em transportar riqueza para o mar dos soberbos da civilização, e mestre em dispensar, nas suas extensas margens, os que vão, cada vez mais, se despossuindo dos bens da vida e dos valores ancestrais. (ALMEIDA, 2017b, p. 74)

Nesta primeira jornada, captamos o eco de uma sabedoria arcaica que permanece viva na Terra, velada por xamãs em suas práticas e ritos. Estar atento a essas vozes e reconhecer outros modos de ver o mundo é ampliar horizontes para compreender a condição humana.

Ecoss são ouvidos em nosso século. Vozes de antigos resistentes. A sabedoria xamânica permanece velada pelos xamãs em diferentes cantos do planeta, ecoando na floresta e na sociedade aglomerada e urbanizada, que esquece cada vez mais os saberes fundantes das antigas civilizações. Ecoss são ressonâncias presentes no universo e são captados de forma sutil por aqueles que se permitem ouvir uma antiga memória ancestral.

Temos atualmente trabalhos realizados por antropólogos independentes, sociólogos, místicos, cientistas da religião, pesquisadores independentes, arqueólogos e tantos outros que apresentam uma diversidade de ecoss da sabedoria xamânica.

Como exemplo dessas pesquisas, podemos citar o livro *Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase* (1998), em que Mircea Eliade, referencia vários xamanismos no âmbito da história das religiões. Trata-se de uma investigação vasta e significativa para percebermos a multiplicidade dessas práticas, instrumentos, pensamentos, tecnologias, ritos, magias, mitos e funções, problematizando o êxtase como um dos elementos centrais desse modo de compreender e dialogar com o mundo. Essa obra expõe a imensurável riqueza do xamanismo no

mundo contemporâneo, como arte da cura e do êxtase, presente em todos os continentes do planeta.

Também o livro *O xamã: viagens da alma, transe, êxtase e cura desde a Sibéria ao Amazonas*, do antropólogo Piers Vitebsky (2001), elenca diversas pesquisas sobre saberes milenares. Outras obras, com foco em vários lugares, demonstram a permanência dessa sabedoria ancestral no mundo contemporâneo. Estamos, pois, diante de um saber que, sendo arcaico, expressa modulações e novas roupagens.

Edgar Morin, em várias de suas obras, reivindica um sentido mais rigoroso para a palavra arcaico que tem origem na palavra *Arqué*. Para Edgar Morin, a palavra *Arqué*, cuja raiz é grega, não se limita ao conhecimento do passado. Significa o conhecimento anterior, mas permanente no espírito e na condição humana. Em dois tomos de *O Método*, por exemplo, ele faz referência ao significado preciso da palavra (MORIN, 1998; 2005b).

Num livro mais recente, *Sobre a Estética* (2017), o tema de um espírito xamânico e de práticas inaugurais do pensamento é tratado pelo autor para compreender as grandes obras nas artes e na literatura. Edgar Morin abre o espaço transversal durante todo o livro a respeito do espírito xamanístico próprio às sociedades contemporâneas e que se expressa sobremaneira na arte e na estética.

Nesse livro, o autor utiliza várias expressões para falar da figura do xamã. Ora chama de neoxamã, por vezes de pós-xamãs e artista-xamã, para dar conta da mente dos romancistas, poetas, músicos e da genialidade de autores como Balzac, Victor Hugo e tantos outros. Para o autor, somente em estado de transe ou semitranse é possível aos grandes criadores expressarem seu sentimento estético (MORIN, 2017).

O livro inteiro é transpassado pelo argumento que poderíamos reduzir assim: tudo o que é da ordem de uma criação inaugural supõe suspender um certo estado da racionalização para obter experiências mais originais, atendendo a um outro estado de experiência que Morin vai chamar de êxtase, ou “semi-êxtase”.

Conceição Almeida, ampliando a concepção de arcaico, tão matizada em várias obras de Morin, compreende ser aquilo que é duradouro e replicado pelas sociedades nativas, como uma memória viva, vivida por todas elas e suas gerações (ALMEIDA, 2018).

Em suas palavras,

Longe de significar resíduo e entulho de um domínio cognoscente passado e marcado pela primitividade inoperante se além, conforme lembra Morin, ao sentido mais original do vocábulo grego arché e significa, ao mesmo tempo, o que é fundador, anterior, subterrâneo, soberano, subconsciente, supra consciente, persistente, permanente e comum a todos os homens. (ALMEIDA, 2017, p. 40).

Metamorfozes do xamanismo são consequências das resistências e não lhe tiram a força arcaica, mantendo-se permanente, mesmo em suas novas denominações, como neoxamanismo ou xamanismo universal, que também possuem suas especificidades. O neoxamanismo, por exemplo, se caracteriza pelo sincretismo de diferentes culturas xamanistas e, principalmente, a incorporação de elementos das diversas espiritualidades, como a prática de alinhamento dos chakras, o uso de orações de nativos norte-americanos em rituais realizados na América Latina, o uso de plantas e medicinais disseminadas, como a Ayahuasca entre os xamãs do nordeste brasileiro, ou a utilização da árvore Jurema em cerimônias xamânicas na Europa, entre outros “encontros” de saberes.

O xamanismo resiste, ao mesmo tempo em que se amplia por diferentes territórios, ganhando força em novas conexões entre grupos, espaços e praticantes, criando-se ramificações, como o cyberxamanismo, por exemplo.

A metamorfose que representa sempre um processo de morte e renascimento é um processo constante no xamanismo. Uma morte experimentada e concebida como transformação, reorganização cognitiva, troca de pele e transmutação de energias; como via de novas concepções sobre o corpo, o ser, o outro, a sociedade, o mundo,

o cosmo; como prática de atualização e aprimoramento do xamã; um reinício, um repensar, o devir constante do xamã a partir de rituais; um olhar cada vez mais sensível que identifica a cura na morte, como fala o xamã Kuaracy Pajé Katu. A morte aliada ao renascimento é a base do processo de transformação e metamorfose.

Este é o ponto central desta primeira jornada: apreender os processos que revelam o xamanismo como um conjunto de práticas e saberes que resistiu e se metamorfoseia desde o neolítico até hoje.

A expressão "*ciência dos antigos*", firmada no discurso de alguns xamãs, possui uma complexidade que registra séculos de vivências, práticas, sentidos, simbologias, mitos, ritos e sabedorias daqueles que foram os primeiros sábios no processo de construção de conhecimentos.

Afirmar uma "*ciência dos antigos*" aparenta-se com a expressão "*ciência primeira*", impressa pelo pensador Claude Lévi-Strauss (1976) para identificar um modo de construção de conhecimentos e sabedorias anteriores à ciência moderna. Essa "*ciência primeira*" possui uma continuidade e permanência arcaica, apesar de sua rejeição, perseguição e invisibilidade.

Num argumento desafiador, Claude Lévi-Strauss afirma a importância e a sofisticação dos conhecimentos ancestrais e indígenas que precederam as ciências modernas. Para ele, esses conhecimentos teriam

[...] como valor principal ter preservado, até nossa época, de forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e continuam sem dúvida) exatamente adaptados a descobertas de um tipo: as que a natureza autoriza, a partir da organização e da exploração especulativas do mundo sensível, em termos de sensível. Esta ciência do concreto deveria ser, essencialmente, limitada a outros resultados que os prometidos às ciências exatas e naturais, mas não foi menos científica e seus resultados não foram menos reais. Afirmados dez mil anos antes dos outros, eles [esses saberes] são sempre o substrato da nossa civilização. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 37).

Lévi-Strauss, assim como também Edgar Morin, Conceição Almeida e outros, dialogam com essa ideia de “*ciência primeira*” e pensam essa noção como ponto importante no diálogo sobre os saberes da tradição e os saberes científicos.

É na reflexão sobre uma “*ciência primeira*” que emergem várias outras questões, como a afirmação do intelectual da tradição, as vias de construção dos conhecimentos étnicos, como a tecnologia do sonho, a intuição e os fundamentos dos conhecimentos xamânicos para além do utilitarismo. Ao lado dessa concepção complexa, ainda sobrevive uma ciência da fragmentação, manipulação, distorção e comercialização dos saberes tradicionais.

Conceição Almeida (2017) observa que a ciência moderna “cospe no prato que comeu”, pois torna invisíveis as fontes de seus conhecimentos, experimentados primeiramente pelos intelectuais da tradição. A rejeição dos saberes dos xamãs, pajés e indígenas se dá ao classificá-los como inválidos, ultrapassados e primitivos.

Na literatura científica, temos o registro desses processos de rejeição e conflitos ocorridos desde a invasão dos europeus nas Américas. Destaque para o livro *A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços de cura (2017)*, de Carlos Miranda, pesquisador da Universidade Federal do Pernambuco. Ele identifica as mentalidades de uma época, marcada pelos conflitos da medicina e a existência de formas diferentes de pensar a cura. Em um trecho do livro, escreve: “Os pajés, com sua medicina mítica, foram, paulatinamente, marginalizados do convívio na tribo pelos missionários” (MIRANDA, 2017, p. 174) considerados empecilho à cristianização.

A rejeição não parte somente das instituições religiosas dominantes, mas também da ciência e toda uma dinâmica de processos globais e forças de inquisição contrárias à diversidade de pensamentos.

Em *Para Sair do Século XX*, no capítulo “*A Missão do Intelectual*”, Edgar Morin (1986) apresenta uma reflexão sobre a ruptura com o sábio.

Compreendendo a importância da diversidade de saberes, Morin explica como a ciência moderna rompe com os sábios e assume uma postura de hegemonia com a aparição do intelectual moderno.

Ao identificar que o intelectual moderno descende de uma tradição antiga – a dos sacerdotes-magos – Morin (1986) esclarece que foram os filósofos do “Século das Luzes” que submeteram os saberes desses educadores das antigas humanidades ao julgamento. Foi na ruptura dessa tradição que se constituiu o intelectual moderno, que passou a definir o saber dos antigos sábios como saberes não válidos, até então excluídos do mapa oficial do conhecimento.

Tal compreensão de ruptura reforça a importância dos “saberes da tradição”, dentre eles o xamanismo. Suas consequências foram nefastas, a exemplo do extermínio de culturas, a perseguição às práticas espiritualistas das civilizações ameríndias da América Latina e a destituição do papel do pajé em algumas comunidades. Ainda há um forte processo de invisibilidade das espiritualidades nativas, de seus ritos, mitos e medicinas.

Os saberes arcaicos nunca estão nas ciências oficiais e são dificilmente chamados ao diálogo. Quando os encontramos, eles aparecem romantizados e domesticados. Sempre aparecem cobertos de estereótipos.

Nessa busca para compreender esses processos, ouvi cada vez mais forte os ecos de uma sabedoria esquecida, adormecida, amordaçada e esgarçada. Mas também entendi que ela resiste como um forte espírito nas comunidades, nas histórias, na dança, no canto, nos elementos vivos e não vivos e em seus agentes, os xamãs, percorrendo diferentes territórios como nômades.

Atento a esses ecos, também percebi que é impossível falar sobre o xamanismo sem falar das culturas indígenas, pois são nelas que o xamã atua, nas sociedades antigas e em diversos pontos do planeta. As sabedorias indígenas ancestrais são o substrato da sabedoria xamânica.

Michael Taussig (1993), em *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura*, explicita uma trama entre formas de pensar, a dominação e o desrespeito dos colonizadores, entre violência, perseguição, escravidão e mortes. O autor apresenta registros do momento de encontro e conflito entre formas de pensar, revelando os passos dos "monocultores do planeta", referindo-se à colonização, à ciência moderna e aos movimentos de globalização e mundialização, com suas ações de perseguição aos saberes tradicionais. Explicita também os motivos de resistência e os motores para as metamorfoses.

Resistências e metamorfoses

Apresento alguns percursos de resistência e metamorfoses dos saberes indígenas, ancestrais e xamânicos para pensar a politização do pensamento, como ideia que permeia esta jornada como uma força indispensável para a tese. Pensar a resistência do xamã dentro desse contexto supõe uma reflexão sobre o quanto perdemos dessa sabedoria, tratada com rejeição, e o quanto foi gerado de negativo e falso sobre o pensamento xamanista.

Trago, então, alguns pontos de reflexão para percebermos como o xamanismo resistiu e permaneceu vivo em meio às perseguições, o que se estendeu a todos os saberes da tradição. Alguns filmes representam bem esse momento, como *O ex-pajé* (2018), um curta sobre a presença de evangélicos nas comunidades indígenas, e o filme *O abraço da serpente* (2015), que narra a relação entre antropólogos e xamãs da floresta em torno dos conhecimentos ancestrais sobre as ervas.

O primeiro momento de perseguição vem do espírito devastador da colonização. Grande parte do preconceito direcionado ao xamanismo é resultado da perversidade do colonialismo avassalador e repressor, que ainda segue destruindo as tradições e a diversidade

antropossocial, seja o xamã, o pajé, a benzedeira, o raizeiro, o catimbozeiro, como enfatiza Rômulo Angélico.

Michael Taussig (1993) apresenta elementos da relação violenta entre o colonizador e os indígenas da Colômbia, uma trama entre exploração, morte e sabedorias de cura na região de Putumayo. Nesse livro, as formas de se relacionar com o mundo demonstram a forte discriminação entre as culturas pela forma de pensar entre colonizadores e indígenas.

A simplificação, a invisibilidade e as distorções direcionadas ao xamanismo pelo colonizador, pela ciência e pelos olhos da mundialização, como acontece na educação institucionalizada, por exemplo, tornam menos capilar, a cada dia, a relação da sociedade com as práticas e hábitos originais de seu lugar.

Fausto Reinaga (1970) resgata bem esse processo ocorrido na América, no livro *La Revolucion India*. Entende ser a retomada do pensamento indígena que salvará a humanidade da barbárie que os ocidentais provocaram, contra esse projeto de modernidade que anula a liberdade, em vez de fomentá-la.

Esse cenário se constitui no processo cruel que marca negativamente a relação exploradora dos europeus contra as sociedades nativas, originárias. Como disse o xamã Ubiratan, "não foi a primeira vez que o mundo acabou", mas representa uma mancha de sangue na história da humanidade.

O que amplio nesta jornada são os processos de resistências dos xamãs. Na sociedade atual, penso que foi e ainda é a colonização, travestida hoje de diferentes formas, a maior expressão de exploração do homem sobre o homem. Expressão maior da ganância que exalta o lucro e o poder em detrimento da vida e da humanidade de nossa e de outras espécies.

Foi na colonização que emergiram fortes fragmentações na nossa sociedade, com sequelas atuais. Romperam as formas de pensar em favor da hegemonia de uma única cultura; destruíram a diversidade

para impor uma monocultura do pensar; reduziram as múltiplas manifestações da vida a uma vida pragmática; supervalorizaram o econômico, em detrimento do espiritual; impuseram sua língua, seus costumes, suas ideias e puniram quem resistiu; expulsaram, castigaram e exterminaram nações inteiras; distorceram nossa história e ocultaram nossos saberes.

É preciso e urgente, pois, descolonizar o pensamento, dar voz às reservas antropológicas que resistiram a essa invasão. Esses são o grito e o escrito inflamados de retomada daqueles que despertaram. É preciso compreender sobre o quanto estávamos passivos e agora apreender quem somos, reconhecendo o nativo em nós e a importância dos saberes da tradição. Essa consciência traz a noção do quanto estou distante de mim e de meu povo.

Quem sou agora? Respondo imediatamente: um colonizado. Um receptor de coisas do ocidente que nos invadiu o território e a alma.

Veja a roupa que vestimos, a língua que falamos, os heróis que as crianças aprendem a cultuar. A medicina e seus remédios que veneramos e que exclui o curandeiro, as ervas e defumações.

Tudo parece ser natural para quem não percebe a violência imposta aos nossos ancestrais. Veja também a simplificação e industrialização de nossa comida; os filmes que predominam nos cinemas; a religião dominante e a demonização das espiritualidades primitivas. Veja que nossos artigos não são citados e que as grandes universidades e os teóricos europeus prevalecem.

Quando nos questionamos e revemos esses processos, percebemos também que as respostas estão ocultadas e sutilmente dissimuladas, de forma naturalizada, pelos que ainda nos dominam. É preciso esgaçar o “véu de maya” e dialogarmos.

Ao sobrevoar os processos históricos e colher informações que apresentam de longe os ataques sofridos pelos povos nativos, não se trata de provocar revanchismo, nem vitimização (ALMEIDA, 2017). Trata-se de apreender a dinâmica que levou aos nativos e,

consequentemente, o xamanismo e sua forma de ver o mundo, serem empobrecidos e negados.

A inquisição perversa da ciência é o segundo momento de interdição dos saberes da tradição. Após séculos de colonização, marcada pela catequização, apropriação de saberes e recursos e de outras formas sutis de dominação e imposição de uma narrativa única, presenciamos então, o pensamento moderno e as ideias da ciência prevalecerem, no chamado séculos das luzes, marcado pela abertura e redução do isolamento dos conhecimentos.

Entretanto, prevalece a fragmentação dos conhecimentos com suas consequências negativas para a formação dos sujeitos, sua compreensão do mundo e suas ações. Uma dessas consequências se expressa pelo aprisionamento do nosso pensamento em uma monocultura mental, como explica Vandana Shiva (2003). Na compreensão dessa cientista indiana, o aprisionamento e a domesticação do pensamento alienam consciências, ameaçam as diversidades culturais e naturais, já que o desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento de alternativas. Adjetivos como “primitivos” e “anticientíficos” são usados para desqualificar os saberes locais, promovendo sua deturpação (SHIVA, 2003).

Logo, “o primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas locais de saber é não considerá-los um saber” (SHIVA, 2003, p. 22). Submetidos ao esquecimento e distorcidos diante das regras científicas vigentes, saberes ancestrais desenvolvidos entre diferentes povos nativos e tradicionais são tidos como ultrapassados, sem valor para pensar a existência.

Inicia-se, então, ora uma europeização, ora uma americanização do mundo. A ciência passa a buscar comprovações e interpretações dos fenômenos por meio de procedimentos tidos como neutros, reveladores de verdades.

É nessa manipulação dos conhecimentos, tendenciosa e dissimulada, que as ciências modernas se tornam referência para

'traduzir' os fenômenos do mundo, achando-se possuidores únicos dos saberes para guiar a humanidade e acreditando na construção de uma civilização baseada no mito do progresso científico.

Para citar alguns exemplos da hegemonia das ciências modernas, temos o conceito de raça criado para justificar o preconceito e a escravidão do negro e do indígena. Temos a medicina ocidental medicamentosa que desclassifica os saberes dos antigos xamãs sobre as plantas medicinais. Atualmente, a tecnologia é tida como o grande trunfo da modernidade, o símbolo dos avanços do pensamento científico, principal aposta para o futuro da humanidade, tendo como promessa a melhoria da vida das sociedades.

Aos poucos, todo conhecimento que guiou o homem e suas atividades nas sociedades anteriores ao surgimento da ciência moderna, passou a ser desclassificado e adormeceu nas sociedades atuais.

Na contramão dessa manipulação do conhecimento científico, temos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, entre os quais Lévi-Strauss (2012), Edgar Morin (2008; 2011a), Vandana Shiva (2003), Daniel Munduruku (2017), Toledo e Barrera-Bassols (2015), que postulam sobre a importância de buscarmos aprender a partir de outras referências que não só as ocidentais.

Pensar sobre a condição humana a partir do diálogo com reservas antropológicas de pensamento tem sido também uma das preocupações de Edgar Morin. Ao escrever *Para um pensamento do sul* (2011a), o autor diz que precisamos brincar diferentes heranças culturais, mediterrâneas, africanas e sul-americanas. Essas reservas de pensamento comportam modos míticos que integram o cosmos e a natureza. Tradições que podem nos ensinar a integrar e não destruir, dando atenção aos múltiplos saberes sobre os reinos vegetais, animais e minerais (MORIN, 2011a).

O filósofo e educador indígena Daniel Munduruku afirma que, em seu povo, a memória os remete ao princípio de tudo, lembra que cada

um é apenas um fio na teia da vida. Ao lembrar que são parte de um todo, evitam a vida ególatra nutrida pelo ocidente. Na cultura Munduruku, a memória é um método educativo que prepara as crianças e jovens para serem inteiros e viverem integralmente os valores inscritos em suas tradições ancestrais (MUNDURUKU, 2012; 2017).

A importância de ir ao encontro dessas reservas antropológicas da civilização nos permite perguntar: onde estaria, em pleno século XXI, este magma de saberes que foi destronado pelas sociedades históricas e repellido pelas ciências modernas? Seriam esses atores capazes de realimentar a civilização com reservas de saberes milenares?

Os xamãs, seja nas sociedades originárias ameríndias ou nos centros urbanos, são exemplos de sábios educadores. Trazem consigo saberes para uma educação ampla capaz de apontar vias de uma outra civilização. Essas sabedorias ancestrais possuem um caráter multidimensional - físico, metafísico, biológico, ecológico, material e imaginário.

A mundialização simula em seu discurso a realização de uma integração entre pessoas, ressaltando o acesso das sociedades aos bens de consumo, a necessidade de sermos cidadãos do mundo e livres. Na verdade, isso não passa de um novo mecanismo de colonização que oculta a crise do capital, ao valorizar seus mercados e a construção de novos nichos de consumidores, intencionando a aniquilação total de reservas de pensamento que podem fragilizá-los.

Morin (2013) é incisivo ao explicar que o pensamento ocidental faz com que aflore o lado sombrio do individualismo, revelando no egocentrismo a ânsia por lucro. É esta globalização tecnoeconômica que impede a emergência de uma sociedade mundo que conecte além do mercado, as solidariedades multiculturais. É necessária uma política de civilização para reverter a hegemonia, explica Morin (2013), e que possa restaurar as antigas solidariedades destruídas pela ocidentalização e globalização.

O diálogo com as reservas de pensamento inscritas em sabedorias ancestrais multidimensionais, como o xamanismo, pode contribuir para a abertura de horizontes de uma vida sustentável, de indivíduos responsáveis diante de si mesmos e diante de uma comunidade em permanente partilha fraterna.

A pesquisadora Conceição Almeida fala ser

preciso proceder a uma autocrítica, para incitar ou reaver espaços de resistência que favoreçam a expressão do bom pensamento, ou seja, acionar os polos da imaginação, da criatividade e da ousadia de pensar além do estabelecido. (ALMEIDA, 2018, p. 15).

Resistência é “fogo de monturo” e esta primeira jornada se inscreve nesta ideia de que é preciso resistir.

“ko yvy oreko hara”, ao pé da letra, significa, na língua Tupi-Guarani, “*Esta terra tem dono*”. A tradução não está direcionada apenas ao território, nem expressa a ideia de propriedade (conceito imposto pelos europeus). Foi um grito contra a colonização do pensamento que viria com a invasão colonizadora, assim como ocorreu nas diversas culturas nativas existentes no Brasil há séculos passados. Essa foi a frase proferida pelo guerreiro indígena Sepé Tiaraju diante da invasão dos colonizadores à sua comunidade nativa.

A frase refere-se também à proibição da língua, somada à repressão aos hábitos, às práticas e aos inúmeros elementos da cultura nativa. Apesar de não ter impedido o massacre contra seu povo, a exemplo dos povos guaranis e de tantos outros, as palavras do guerreiro indígena nos provocam a pensar nosso lugar e a tomar consciência da potência dos saberes que existem ainda na América.

É necessário resgatar, ampliar e dar espaço aos que pensam os “suis”. Reconhecer os pensadores da floresta que conhecem as espécies de fauna e flora, os espaços sagrados, as representações, os nossos saberes; acolher aqueles que sentem e vivem o ciclo da vida, a dimensão espiritual em todos os seres, mas que também sofrem com a

poeira do solo desmatado, a falta da água represada, a lama liberada pelas mineradoras e o alimento contaminado por agrotóxicos.

Para continuar a jornada, afirmo um compromisso ético no sentido moriniano. Nas palavras de Morin, “a ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade da vida, do mundo e da própria ética” (1997, p. 180). É com esse compromisso ético diante da vida, da minha e de meu povo, que me doo, de mente, corpo e alma, numa jornada comprometido com o mundo, porque sou um defensor da Terra-Mãe, como é todo xamã.

Foi, é e sempre será necessário resistir. É preciso ser faíscas de luz, como vagalumes na escuridão. É imprescindível nos dias de hoje evocarmos as luzes que podem clarear o pensamento e não nos ofuscar com verdades absolutas, como fizeram os sábios dos séculos das luzes.

A resistência sempre ocorreu, desde a primeira sociedade nativa até as sociedades urbanas atuais, seja contra a colonização; seja contra a monocultura do ser; seja contra a invasão dos corpos e das ideias. Haverá sempre núcleos de solidariedades que compartilham de um pensamento aberto que dissolve barreiras para construir pontes.

O antropólogo Pierre Clastres (2017), no livro *A Sociedade contra o Estado*, observa que nas comunidades nativas, em relação à política, ocorre uma ausência de Estado, modificando a concepção da relação de poder nesses grupos. Revela-se nessa forma de organização uma resistência significativa diante da hierarquia imposta pela colonização.

Lévi-Strauss (1990), no livro *De perto e de Longe*, em entrevista a Didier Eribon, fala que “o colonialismo foi o maior pecado do Ocidente” (1990, p. 198), referindo-se não só aos aspectos de destruição da pluralidade das crenças, mas também em relação à tradução e à observação que se faz dos povos indígenas, por exemplo, com perdas de vários aspectos de sua riqueza no processo de fragmentação, como ocorre com o xamanismo.

As potencialidades de um “Pensamento do Sul”, referidas por Morin, se encontram adormecidas, ocultadas e esquecidas. Os sujeitos dos “suis” devem, neste tempo de barbárie, reascender suas fogueiras para alimentar a união, seus conhecimentos e evocar o espírito aberto aos aspectos da vida, do homem e do cosmo.

É necessário que sejamos cocriadores com a natureza de um mundo sem bordas, em várias direções, e sem prisões (ALMEIDA, 2017). Acolher modos de pensar e viver “que se organizam por princípios, valores e práticas diversas, distintas e complementares (...) capacidades criativas de regeneração da diversidade cultural” (ALMEIDA, 2012, p. 01), sendo, então, uma via para pensar e agir no mundo que tende a reorganizar a humanidade, estando o xamanismo nesse “cardápio” de experiências que requer disseminação e ampliação.

Morin, ao pensar o Sul, situando-o como lugar simbólico e não geográfico, incita, como exemplo, que poderíamos desenvolver uma política de saúde original, associando medicina ocidental e medicinas indígenas, desenvolvendo uma educação adequada às mentes ainda não modeladas pela compartimentalização dos saberes (MORIN, 2013, p. 130).

David Bohm e David Peat (1989) falam sobre o difícil exercício para entendermos leituras do mundo distintas das nossas, exigindo um diálogo criativo entre diferentes interpretações. É preciso que essa criatividade no diálogo seja tocada pelas múltiplas direções, pela desconstrução de nossas concepções e pré-conceitos que são, de certa forma, contagiados pela lógica impulsionada pela ciência hegemônica objetivista.

O pesquisador Orlando Villas-Bôas (2000), em seu livro *A arte dos pajés*, ao pensar a complexidade da cultura indígena, fala de uma sabedoria que lá do alto equilibra a harmonia do mundo espiritual e que possui uma força de conexão que parece ser inatingível e tão grandiosa, como o universo.

Muito dessa ciência dos xamãs já está sendo reverenciada pela cultura ocidental, abrindo-se alguns espaços e pesquisas sobre os conhecimentos ancestrais. Pesquisas que revelam a importância dos sonhos, como *O oráculo da noite*, de Sidarta Ribeiro (2019). Estudos e práticas xamânicas empregadas na psicologia transpessoal como vias de cura psíquica, com destaque aos livros de Stanislav Grof (2000), como *Psicologia do Futuro*. Estudos sobre a eficácia da Ayahuasca no tratamento da ansiedade e o surgimento dos Laboratórios de Práticas Integrativas e Complementares (LAPICS) nas Universidades.

De forma ampliada, temos o surgimento de espaços de cura pela pajelança, a exemplo do Centro de Medicina Indígena Bahserikowi, primeiro centro de medicina indígena do Brasil, assim como diversos estudos sobre plantas medicinais associadas às cerimônias xamanistas.

Temos visto o reconhecimento das práticas xamânicas por meio de regulamentações. Como exemplo, cito a Lei Geral de Cultura da Colômbia que tem colocado a medicina tradicional e as autoridades tradicionais como patrimônios culturais. Naquele país há uma rede de curandeirismo regional, composto por xamãs e indígenas que fazem parte do sistema médico popular da Colômbia (LANGDON, 2010, 2020).

São vários movimentos que acontecem em nosso tempo que revigoram as forças dos sábios da tradição e seus conhecimentos. Uma homenagem significativa foi ao xamã Pacho Piaguaje, reconhecido pelos seus cantos e curas entre os indígenas Siona, da Bolívia. Foi pintada sua foto junto a outras imagens contemporâneas do xamanismo e escrita a seguinte frase: *“El chamanismo es la grieta o camino que cada pueblo ha podido hallar hacia lo inefable. Hacia lo profundo del ser humano. Su esencia Sagrada.”* Em tradução livre, temos: *“O xamanismo é a fenda ou caminho que cada povo conseguiu encontrar em direção ao inefável. Para as profundezas do ser humano. Sua essência sagrada.”*

O retorno dos saberes arcaicos

Para finalizar esta primeira jornada, como exercício de reconhecimento desses saberes esquecidos, trago novamente Edgar Morin como exemplo de atitude intelectual que constrói vias de reconhecimento dos saberes da tradição. Um exemplo a ser imitado pela ciência.

O Retorno dos Astrólogos, livro organizado por Edgar Morin (1972), reúne pesquisadores da área de sociologia em comunhão com astrólogos, benzedeiros, videntes, xamãs e feiticeiros, e se constitui numa obra singular de resistência.

O debate contido no livro expressa a compreensão das antigas sociedades que se organizam de acordo com a ordem cósmica, por meio de calendários que representavam os ciclos solares e lunares.

Ao conceber que "a ordem cósmica é ao mesmo tempo modelo e garantia de ordem social" (PETROSSIAN, citado por MORIN, 1972, p. 15), como argumenta um dos pesquisadores, advoga-se a necessidade de visitar tais concepções como uma ampliação dos saberes tecnocientíficos.

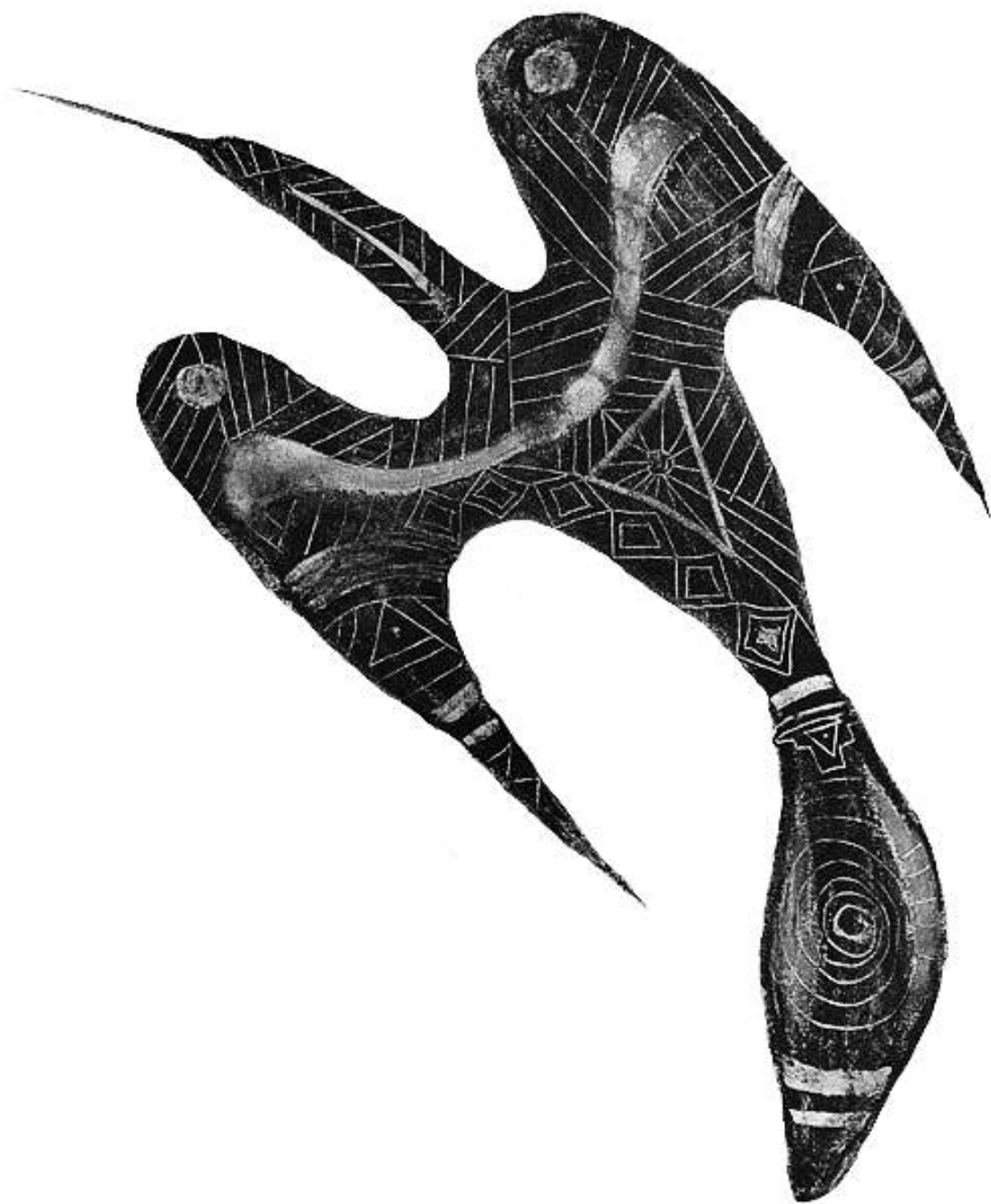
O que chama atenção em *O Retorno dos Astrólogos* é o rigor do pensamento complexo que se empenha no esforço de abraçar a diversidade de conhecimentos, a complementaridade e a ampliação desses saberes para o mundo atual.

Esse esforço empreendido por Morin e outros pesquisadores, para realizar uma abertura das ciências e reconhecer os saberes da tradição, como a astrologia e o xamanismo, representa uma concepção de ciência no plural e uma ação de politização do pensamento, o que é necessário para os dias de hoje, na ciência e na vida.

Percebido o quão fortes e resistentes ecoam as vozes dos xamãs nos dias de hoje, temos agora um passo importante a seguir nesta tese: evocar o "*Espírito do Vale*", que nos inspira a construir estratégias de

pensar acolhendo razão e paixão, prosa e poesia, numa racionalidade aberta, necessária para adentrar numa “estranha realidade”, portal que se abre e propõe um “estado xamânico de consciência”.

SEGUNDA JORNADA



Fluindo como o espírito do vale

Esta segunda jornada tem por inspiração a metáfora do *Espírito do Vale*, presente na Introdução Geral do livro *O Método I - A Natureza da Natureza* (2016b). Dialogando também com o livro *Sobre a Estética* (2017), ambos de Edgar Morin, me sintonizo com o espírito que encontrei no xamanismo. Também revisito a base reflexiva contida no livro *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*, de Almeida (2017), em diálogo com outros pensadores das ciências da complexidade.

Segundo o pensamento Kaxinawá, o princípio da transformação se torna uma metáfora de uma realidade anterior. Um tempo antes do tempo:

No começo das coisas, conforme narram os mitos primordiais Kaxinawá, a vida se desdobrava em um fluxo de contínuas transformações (*damí*). Tudo o que existe podia mudar de forma, metamorfosear-se em outras formas do ser, comunicar-se com o todo. O visível e o invisível, o material e imaterial não se opunham como contrários, mas eram aparições em fluxo de uma única realidade indivisível. O tempo era sincronicidade, em que tudo podia ser tanto si mesmo, quanto uma outra coisa. Deste modo, o princípio da transformação generalizada parece ser a característica essencial da criação primordial. Com a ruptura da criação primordial, a capacidade de transformação dos primeiros seres perdeu-se, e aí se originaram os planos da realidade dividida em materialidade e imaterialidade, em visível e invisível, em tempo e espaço. Contudo, a divisão destas realidades não é absoluta, mas tem limites fluidos, permitindo sempre a ocorrência de interferências. (LABATE; ARAÚJO, 2002, p. 69).

Esse trecho do livro *O uso ritual da Ayahuasca*, de Beatriz Labate e Wladimir Araújo (2002), antropólogos brasileiros com pesquisas sobre plantas medicinais indígenas, oferece pistas de um tempo imemorial em que a disjunção, a fragmentação, o definhamento da força conectora se evidenciam como grandes perdas da potência criadora. Nesse fragmento, as infinitas relações, interações, transformações e retroações acompanham outras perspectivas do pensar, do experimentar e estar no mundo. Parece haver uma sincronicidade que devemos perceber e

é necessário compreender, como uma coincidência significativa, pensada por Jung.

A cosmovisão dos xamãs se compromete aqui com esse olhar aberto, de escuta sensível, ensinando a sentir e perceber aspectos presentes além da realidade comum que se apresenta de imediato. O xamã se lança na experiência de novas perspectivas sobre si e o mundo. Esse ir além remete ao tempo fora do tempo, que o xamã Ailton Krenak (2019) sinaliza em sua etnofilosofia, e um espaço uno, sem fronteiras, nem limites estabelecidos, mas, sim, um território infinito de possibilidades, criação e fruição. É o tempo presente da criação.

Se lançar por esse outro-espaco e outro-tempo requer um espírito que se entrega ao fluxo que se organiza e se desorganiza permanentemente. Pensar os seres em várias direções é um exercício científico de abertura, ampliação e, ao mesmo tempo, de ressignificação, repensar e recolocar-se.

As ciências modernas colocam no topo da hierarquia de suas interpretações a filosofia materialista “que nega a existência de qualquer realidade espiritual ou de metas imateriais”. É preciso conceber uma ciência que não aprisione a imaginação, que não se prenda a dogmas, que alimente a criatividade e esteja em permanente transformação.

O biólogo Rupert Sheldrake critica com rigor uma filosofia que vê a matéria como única realidade. Essa forma de pensar acaba por sufocar o sujeito da pesquisa, elimina as possibilidades de um pensamento aberto e aprisiona o espírito do conhecer, da curiosidade (SHELDRAKE, 2014).

O que se perde na visão materialista, pensa Sheldrake, é a compreensão de que “tudo está interligado. Nada é permanente nem está isolado de tudo o mais. Há uma interdependência de todas as coisas e em todos os níveis de organização” (2014, p. 339). Diferentemente dessa filosofia materialista, é no resgate da multidimensionalidade do ser e na complementaridade dos

conhecimentos que vislumbramos o espírito científico, inspirado pela ideia do *Espírito do Vale* e em sintonia com o espírito xamânico.

Conceber as diversas conexões existentes entre o pesquisador e sua pesquisa e o caminhar por diferentes territórios de saberes é importante para construirmos um pensamento capaz de regenerar as ciências.

Em *Sobre a Estética* (2017), Edgar Morin reflete sobre esse tema considerando-o como vínculo que religa prosa e poesia. Os estados estéticos e de evocações revelam para o autor a multidimensionalidade de um homem em permanente processo simbólico de “morte e renascimento”, termos usados no xamanismo, reconhecendo imprevisíveis dinâmicas de organizações e reorganizações, e localizando nas experiências o processo de criação e múltiplas conexões.

O *Espírito do Vale* introduz a obra *O Método 1*, apresentando elementos cruciais que preparam o pesquisador para uma jornada de abertura do pensamento. Nessa obra, Morin desenvolve as matrizes de uma ciência aberta, resgatando os elos perdidos e esfacelados no processo de fragmentação dos conhecimentos. Esse espírito retoma a multidimensionalidade do ser pesquisador, levando-o para uma jornada transdisciplinar imprescindível e imprevisível para fazer uma ciência com paixão.

O sentimento estético é uma noção pertinente para a compreensão de aspectos da obra de Edgar Morin, de onde partem reflexões sobre a arte como alimento para superarmos nossos egocentrismos. O autor apresenta de forma singular a potencialidade do homem no ato de transcender e revelar seus estados de criatividade e energia que, infelizmente, são podados pela racionalidade excessiva dominante na sociedade atual, padronizada pelo pensamento ocidental, conduzida pela tecnociência, como lembra Henri Atlan (1993).

Encontrando no xamanismo e no xamã os acionadores do sentimento estético, Edgar Morin dialoga com elementos que se aproximam do êxtase criativo do homem, como num estado de possessão, de transe, para o emergir da poesia da vida. O sentimento estético, para Morin (2017), é essa energia intensa que nos potencializa e nos deixa maravilhados. “Trata-se de um sentimento bastante difícil de definir, embora cada um de nós o experimente em múltiplas circunstâncias” (MORIN, 2017, p. 13). Essa via revela um homem guiado por uma lógica do sensível, atento aos ruídos, assumindo as sutis sensações e disposto às experiências inaugurais, ainda não vividas.

É nesse homem que Morin aposta. Naquele que também realiza ações individuais capazes de alterar, segundo Almeida (2017, p. 161), “a dinâmica dos condicionamentos e a direção das mudanças e da história”.

O químico-filósofo Ilya Prigogine converge nessa perspectiva e indica como base o processo criativo que emerge da tríade ciência-razão-paixão para falar da subjetivação na ciência. Sua *Carta para as futuras gerações* (2009) aponta para a necessidade do reencantamento da ciência e do mundo, ou seja, a evocação de uma nova ciência carregada de criatividade.

A seiva principal para empreender tal processo é a arte que emerge como a força criadora, sinônimo de expressão, canalização e força humana em permanente processo emergente.

Arte e xamanismo se confundem e fundem a prosa e a poesia, tomados por um espírito sempre renovado pela força oculta da vida.

O espírito aberto foi essencial em toda escrita para iniciarmos uma pesquisa com vigor e que englobe aspectos vivos, que convirjam para o vale, o momento de confluência de conhecimentos rumo ao oceano de sabedorias. Para isso, foi preciso nos livrarmos dos encantamentos de uma ciência enfeitiçada pela verdade única e obcecada pela ordem material.

Nas palavras de Conceição Almeida,

Foi certamente o paradigma da disjunção que nos fez esquecer a permanente copulação amorosa entre corpo, alma e sujeito cognoscente. Tal esquecimento favoreceu a ilusão da autonomia do pensamento em relação ao corpo, esse coágulo aberto e fecundo sem o qual não há pensamento, conhecimento, nem ciência. (ALMEIDA, 2017, p. 173).

A crítica, tanto de Morin como de outros autores, a uma ciência materialista, recai sobre a postura oracular das ciências modernas dentro das sociedades históricas, que revela um suposto poder do saber utilizado para inculcar um só modo de ver o mundo e negar os demais.

Uma potente iniciativa no interior das ciências da complexidade é propor a complementariedade entre cultura científica e cultura humanista, uma nova aliança, como advogam Ilya Prigogine e Isabelle Stengers. Um reencontro entre saberes científicos e saberes da tradição compõe o horizonte de um pensamento complexo e apresenta como condutor o espírito que religa saberes. Religar, rejuntar, aproximar são estratégias defendidas por Edgar Morin, Conceição Almeida, Edgard de Assis Carvalho, Carlos Aldemir Farias e vários outros tomados por esse *Espírito do Vale*.

O *Espírito do Vale* comporta a incompletude e o inacabamento do sujeito que se move impulsionado pelas forças contidas nas possibilidades de conhecer e criar, abrindo mão de roteiros e metas definidos. A pesquisa e o pesquisador enveredam por caminhos marcados pelas incertezas, encruzilhadas, labirintos e armadilhas presentes em qualquer aventura.

Ruídos podem gerar grandes movimentos na ciência. O *Método* de Edgar Morin não é uma metodologia, nem é um caminho preestabelecido. É o substrato para o caminhar epistemológico do pesquisador. Pensar de forma complexa, por vários pontos de vista, caminhar pelos vários territórios do pensar, ser mestiço, híbrido, realizar bricolagens é assumir também desafios que necessitam de um espírito livre e atento aos ruídos. Nesse compromisso assumido, alertamos que a

“vulnerabilidade, fragilidade e incerteza parasitam o processo de produção de conhecimento em qualquer de suas expressões e estratégias” (MORIN, 2017, p. 129).

O *Espírito do Vale*, ao nos possuir, realiza uma reorganização da própria estrutura do saber que ultrapassa o pensamento linear e passa a se constituir num pensamento circular, em ciclos que Morin indica formarem uma grande espiral. Expressa-se por metáforas, seja pela espiral, seja pela complementaridade, entre a régua e o compasso (ALMEIDA, 2017) ou pela imagem do pensamento redondo, tal como sugere Daniel Munduruku (2010).

Daniel Munduruku (2010) apresenta o “pensar redondo” de inspiração indígena que remete aos ciclos da vida, ao círculo que integra a todos, como na roda em torno da fogueira ou na dança circular, ombro a ombro. Sabedoria que sustenta uma comum-idade para expressar um modo de ver, sentir e agir no mundo, atravessado pela memória ancestral.

O círculo sugerido por Morin pode ser entendido como uma rota em espiral, um circuito interrogativo e crítico entre aprender, reaprender e aprender. Daí a ideia de que só aprendemos a caminhar e construir conhecimento caminhando, retomando as ideias, repetindo e ampliando, sonhando, criando elos, aproximações e transitando por diferentes territórios.

Fagner França (2019), no livro *Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade*, renova a orientação de estarmos atentos ao tetragrama organizacional ordem-desordem-interação-reorganização que Morin constrói como “princípios basilares de orientação para o pensamento complexo”. A atenção segue para entendermos a dinâmica entre “ordem (regularidades, padrões), desordem (acontecimentos, ruídos, informações novas), interação (relações imprevistas) e reorganização (reorientação do sistema).” (FRANÇA; ALMEIDA, 2019, p. 54).

A noção de complexidade está assim tomada pelo entendimento de que “o universo, a vida individual, a sociedade inteira são regidas por forças de organização e desorganização, ordem e desordem, harmonia e desarmonia, conjunção e disjunção, atração e repulsão, bem como por interações, reorganizações e auto-organizações” (FRANÇA; ALMEIDA, 2019, p. 59).

Entender o equilíbrio como o encontro de contradições que dialogam entre si, requer reaprender a olhar para a vida e identificar a presença das forças antagônicas e apreender os movimentos de reorganização. Por isso, o trabalho de construção do conhecimento se assemelha ao da aranha que elabora seu fio e tece sua teia com toda astúcia e atenção a cada passo. Um intenso trabalho artesanal que é utilizado como metáfora pelas ciências da complexidade.

A cada volta na espiral do conhecimento, há uma reforma do pensar. Ao observar, experimentar e apreender a reorganização da estrutura do saber, o *Espírito do Vale* provoca a reformulação dos conceitos de homem, natureza, vida, ciência e de conhecimento. O conceito triunitário indivíduo-sociedade-espécie se reconfigura para o surgimento de uma nova antropologia. É nesse ponto que surge a capacidade de criação e expressão dos sentimentos, o êxtase ligado à estética. Na pesquisa, isso reverbera na própria ideia de sujeito implicado: “o observador reintegrado na observação” (ALMEIDA, 2017).

Para entender a importância da imagem da espiral, relembremos as palavras de Morin para apresentar o primeiro volume de *O Método*.

Este livro é um caminhar em espiral; parte duma interrogação e dum questionamento; prossegue através duma reorganização conceptual e teórica em cadeia que, atingindo finalmente o nível epistemológico e paradigmático, desemboca na ideia dum método, que deve permitir um encaminhamento do pensamento e da ação capaz de lembrar o que estava mutilado, de articular o que estava desjuncto e de pensar o que estava oculto. (MORIN, 2016b, p. 26).

A ocultação dos saberes xamânicos diz respeito ao longo processo de ruptura com o sábio, perverso do ponto de vista de

exclusão do pensamento que guiou as antigas humanidades (MORIN, 1986, 2017).

O *Espírito do Vale* evocado por Morin é aquele que ultrapassa o corpo e nos concebe para dentro de uma visão mais ampla de si, dos fenômenos e das coisas que compõem o universo.

Para Morin,

o ser humano, não é encontrado senão de modo parcial e unilateral nas ciências humanas fragmentadas, mas está presente no grande romance em todas as suas dimensões, individuais, subjetivas, familiares, sexuais, oníricas, imaginárias, sociais, religiosas, céticas, econômicas, históricas. (2017, p. 108)

A ideia de sujeito implicado também remete a uma provocação às ciências modernas para pensar o homem por inteiro, em corpo, mente e alma na pesquisa.

o conjunto dessas dimensões (cósmicas, culturais e transcendentais) foi, ao longo da história da ciência, sendo dividido, separado, fragmentado. Operando por redução ou separação, o pensamento simplificador fragmentou o indivíduo reduzindo-o, conforme cada área do conhecimento, a uma de suas dimensões. (ALMEIDA, 2019a, p. 179).

Na metáfora do *Espírito do Vale*, Morin indica a necessidade de compreendermos o conhecimento como um encontro inevitável de afluentes diversos que alimentam o rio principal, cada um com diferentes elementos para confluir no grande oceano da sabedoria. Trata-se de uma metáfora para pensar a fluidez dos conhecimentos como uma bacia hidrográfica integradora, acolhedora, que abraça também as contradições do pensar.

É esse o espírito que devemos evocar, como fazem os xamãs dentro de sua forma de ser, e que precisa nos possuir e nos levar a outras dimensões e despertar o sentimento estético. É esse o espírito que deve nos guiar para a compreensão da complexidade. Fazer aparecer a articulação entre as coisas e possibilitar a criação tão essencial para a

pesquisa e para manter a natureza da curiosidade, como via para o avanço da ciência.

A plasticidade do xamã, sua capacidade de cura, de ab-reação, de evocação, de transe, de manifestações místicas; a alquimia, a comunicação simbólica; seu sonhar e a viagem a outros mundos; se metamorfosear e se consubstanciar com a natureza são elementos que o tornam singular na forma de desorganizar e reorganizar o pensamento, de atingir saberes e agir com poesia. Essas perspectivas situam o homem na fluidez do sistema vivo/não vivo do qual somos parte, uns de forma mais intensa, como os xamãs.

O homem complexo não é guiado apenas pela razão. A intuição, a experimentação, os sonhos e a vivência dissolvem a linearidade do pensamento porque consideram as dores, as dúvidas, os horrores, as psicoses do mundo que sempre o levam a repensar seu caminhar e compreender os processos.

O antigo xamã do qual fala Morin no livro *Sobre a Estética* é uma boa representação do que expressa o *Espírito do Vale*. É o ser que preserva várias dimensões, o educador das sociedades arcaicas em maior sintonia com as forças da natureza, que evoca e entra em êxtase na busca da energia do universo. É o guerreiro, o sacerdote, o curandeiro, o cientista que experimenta os conhecimentos e êxtases da metamorfose e a fluidez da vida. *Xamanizar*, como expressa Morin (2017), é um neologismo importante para entendermos uma estratégia de pensamento que se reconcilia com a natureza estendida. No livro *Sobre a Estética* (2017), Morin exemplifica esse ato em diferentes sujeitos das artes – literatura, cinema, romance, pintura, teatro.

No texto *Dança, arte e espiritualidade* (ALMEIDA, 2019b, p. 188), ressalta-se que nas sociedades arcaicas e tradicionais “é dança que se recorre para curar os doentes, ritualizar os ciclos de fertilidade da terra, fazer chegar a chuva, entrar em sintonia com o universo”, como fazem ainda os xamãs do século XXI.

Em outra vertente da arte, temos o exemplo do teatro de Antonin Artaud que provocou o ato de *xamanizar*, ao colocar o ator na postura de um xamã levando o público a outros níveis de percepção sobre a vida, provocando a catarse, na tentativa de reacender dimensões esquecidas do homem.

No cinema, a carga emocional nos leva a vivenciar histórias como nossas, tramas que nos revelam e nos convidam a refletir a prosa e a poesia da vida. Na música, nos maravilhamos com as sinfonias ou com os tambores usados pelos xamãs da Mongólia, por exemplo. Na literatura, temos o próprio Victor Hugo, citado por Morin (2017), e vários outros pensadores que despertam esse sentimento estético em diversas vertentes.

É o xamã que desperta os limites dos sentidos do humano, principalmente a intuição, a paranormalidade e a clarividência, sentidos esquecidos e reprimidos pelo pensamento utilitarista.

A emoção estética pensada por Morin não está ligada somente à arte produzida, mas também a elementos que denotam seu encantamento, que levam a estados alterados, que nos emocionam, nos “transportam” para outras dimensões. Trata-se de um prazer surgido da própria fusão com aquilo que nos provocou (MORIN, 2017).

Essa força encantadora que provoca transe, evocação, inspiração requer transcendência para fazer emergir o xamã que há em nós, perdido no processo de concepção e naturalização da fragmentação. Morin entende que “no mundo contemporâneo, xamanismo e magia são residualizados. Foram diluídos, mas continuam amplamente presentes na arte e na estética. Quando usamos expressões como a magia do verbo, o encantamento da poesia, essas palavras traduzem a presença oculta da magia e do xamanismo” (2017, p 48).

É contra a mercadorização da arte que o pesquisador, tomado pelo *Espírito do Vale*, deve se rebelar. É preciso resistir à monocultura da mente para não caminharmos para a civilização da beterraba, como

metaforiza Lévi-Strauss (1996) para falar de uma sociedade que se serve de um único prato.

Esses elementos da cultura das humanidades permitem o reencontro entre cultura científica e cultura humanista. Assim, “romance, cinema, teatro, música nos proporcionam não apenas um sentimento estético, mas também o conhecimento” (MORIN, 2017, p. 102). O ato de conhecer passa pela emoção, pelo prazer, pelo afeto e pela imaginação que se entrelaçam com a realidade. Esse é o modo de pensar que reconhece o homem em sua complexidade.

O xamanismo traz em si um desígnio de buscar o oculto e expressar forças do saber para, cada vez mais, adentrar nos mundos que revelam jornadas infinitas de conhecimento de si, do outro e do universo, como uma sede de plenitude. Há no xamã uma sede de conhecimento, uma busca permanente.

Retomando a reflexão de Rupert Sheldrake (2014, p. 356), reafirmemos a necessidade de “sairmos das trilhas batidas das pesquisas tradicionais e retomarmos questões que foram suprimidas por dogmas e tabus”.

Talvez estejamos próximos de revisitar um modo de conhecimento mais polifônico, abrangente e complexo, capaz de articular o pensamento lógico com o analógico em uma dialógica conjuntiva (ALMEIDA, 2017). A religação de saberes é urgente para recompor esse pensamento.

Além disso, é necessário permitir que as emoções venham como eventos da natureza e isso é o fluxo da vida. Permitir que tudo possa ser como é, que dure o tempo que deve durar, dando espaço para outros que virão.

Nesse processo, há também retroalimentações com pensadores, coisas e experiências vividas que dão força para continuar a jornada do conhecimento pelos quatro ventos. É preciso sentir a pulsação do relâmpago na alma, como diz Alberto Villoldo (1997), e deixar sua consciência ser seu guia.

Empreender essa pesquisa no âmbito das ciências da complexidade é olhar para as várias direções possíveis a serem seguidas. Trata-se da tomada de decisões e da compreensão dos riscos que podem surgir no percurso. É necessário estar atento para jornadas imprescindíveis e improváveis que exigem princípios e articulações, aproximações e distanciamentos dos fenômenos, razão e paixão.

O *Espírito do Vale* poderá nutrir o pesquisador para pensar a partir de noções e princípios que carregará por toda jornada, em permanente metamorfose. Entender a incompletude, a possibilidade de erros, aceitar incertezas, criar estratégias e construir elos são elementos valiosos.

Melhor do que colher, a priori, o resultado dessa caminhada, foi vivenciar os processos e as dinâmicas que experimentamos nos desafios dessa pesquisa. Melhor do que possuir um mapa na partida, é desenhá-lo durante a caminhada. O caminho não está dado, nem o futuro, como expressou Ilya Prigogine (2009). É preciso nos nutrir de questionamentos, dúvidas, incertezas.

Assim, o sentimento estético, o encantamento com as coisas da vida e a capacidade de *xamanizar* são aptidões do homem, essenciais para reduzir as forças da separação e da fragmentação. Se presentes nas escolas e universidades, tais forças de religação permitirão uma apreensão sensível do mundo que inclui o metafísico, o mítico e o próprio sujeito do aprendizado.

Uma estranha realidade

O xamanismo talvez seja o espectro do homem em seu estado mais sensível, aberto à escuta de ruídos e atento à voz do silêncio. Sujeito da intuição, expandida na experimentação, e consubstanciado em diferentes dimensões, o xamã pode levar a sentir a poética da vida. Ele é aquele que experimenta e se doa nas vivências. Antigo cientista

que dialoga com a natureza e apresenta um homem inteiro ao resgatar e expressar suas múltiplas dimensões.

O xamanismo nos convida a aguçar o olhar, a audição, o tato e ativar uma sensibilidade que, aos poucos, nos põe numa frequência de entendimento que borra fronteiras impostas pela racionalidade especializada.

Ampliações teóricas como essas, tanto de cientistas como de sábios, dialogam com o xamanismo. No livro *Diálogo entre cientistas e sábios*, Weber (1991) busca a interseção entre as diferentes narrativas e noções que parecem convergir numa compreensão de uma unidade de sabedoria composta pela diversidade de narrativas, da ciência, da arte e da espiritualidade.

Vale aqui a ideia de Harner (1995) de *Estado Xamânico de Consciência* e o que diz Carlos Castañeda (2009), quando identifica a realidade vivida pelo xamã como uma *estranha realidade*.

No Estado Xamânico de consciência (HARNER, 1995), não só ocorre um transe ou um “estado perceptivo transcendente”, como também o conhecimento dos métodos e pressupostos que operam em um estado alterado, onde se percebe a realidade não normal.

Harner (1995) fala da experiência dos xamãs em rituais e descreve elementos que compõem o estado xamânico: sensação de que a alma se separa do corpo e que viaja; “*mirações*” e experiências de mortes simbólicas; contato com o sobrenatural; visões e sensações de ver seres e paisagens enigmáticas e experiências adivinhatórias; sensação de voar; e sensações de estar diante de seres divinos e com poderes extra-humanos.

Carlos Castañeda, renomado antropólogo, realizou experiências com xamãs no México e observou outras dimensões da realidade, diferentes da ordinária. No livro *Uma estranha realidade* (2009), realiza uma reflexão diante dos ensinamentos que recebera de Don Juan, o xamã que lhe apresenta o xamanismo. Diante do que começa a

praticar, passou a dialogar sobre a desconstrução de suas percepções sobre o mundo.

No livro *Viagem a Ixtlan*, após narrar uma experiência xamânica, Castañeda (2006) questiona não entender certos acontecimentos. Então, Don Juan lhe diz que ele “insiste em explicar tudo como se o mundo inteiro fosse composto de coisas que podem ser explicadas. [...] já lhe ocorreu que há poucas coisas nesse mundo que podem ser explicadas do seu jeito?” (CASTAÑEDA, 2006, p. 160). Ele identifica, então, uma “estranha realidade”, que pensa existir além do mundo cotidiano.

Castañeda passa a chamar os ensinamentos que recebia de ciclos de aprendizagens e considera as práticas xamânicas como experiências mais diretas do mundo e com “outros mundos”, dissolvendo as verdades cristalizadas e abrindo-se para possibilidades de experiências de viver de outra forma.

A apreensão de um “Estado Xamânico de Consciência” (HARNER, 1995) e de uma “estranha realidade” (CASTAÑEDA, 2009) nos ajuda a entender a abertura do olhar estético do mundo e pensar na possibilidade de entendimento, suspendendo os horizontes.

“O rio é um fio de inspiração”, como cantou o poeta Elomar, indica o fluxo dessa reflexão sobre o *Espírito do Vale*, que envolve uma estranha realidade, o Estado Xamânico de Consciência e outras traduções, como elementos em movimentos. Desembocam no entendimento da lógica do sensível como ponto crucial do xamã, ponto de partida para seu modo de ser no mundo.

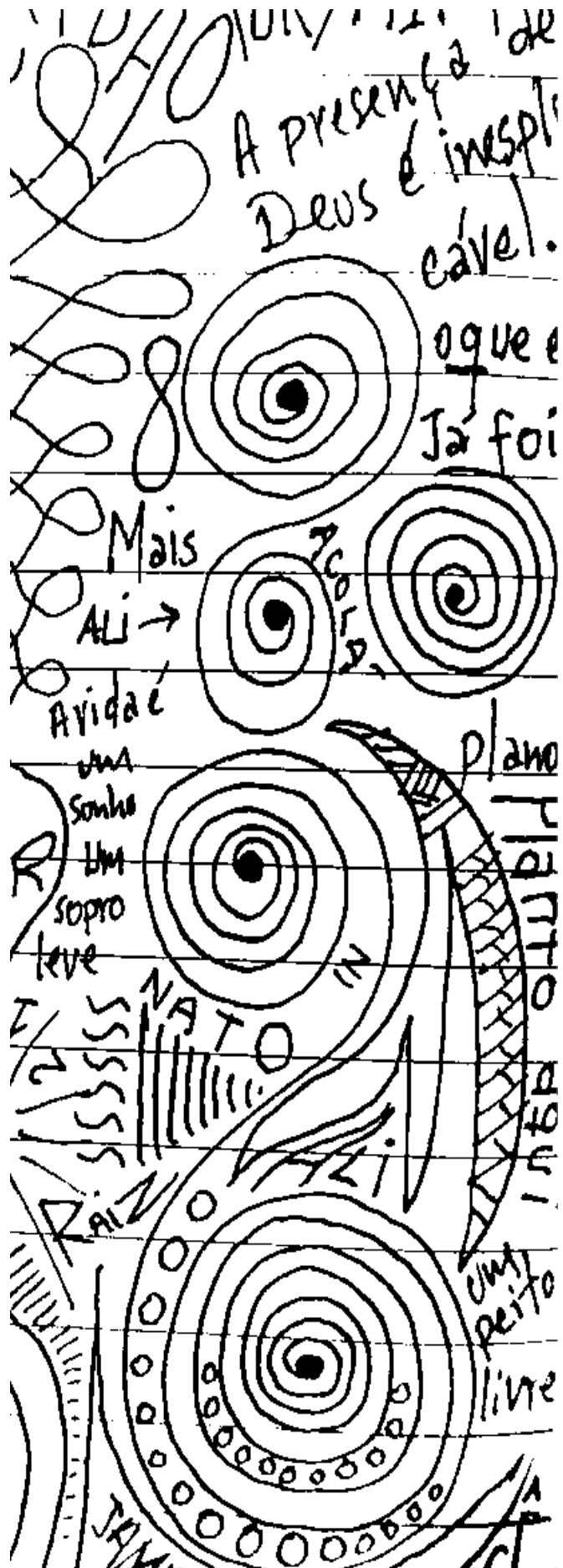
Esses são caminhos para pensar o pensamento. Uma reforma do pensamento sincera precisa ser iniciada, se não quisermos avançar para o abismo para o qual a nossa civilização caminha.

Pensar o pensamento é reconhecer a riqueza e potência de outras formas de pensar, como os saberes indígenas, para construir novas narrativas, novos horizontes; é poder contar mais uma história, como Ailton Krenak. Reformar o pensamento é um novo giro na espiral

do conhecimento. Significa realizar uma politização do pensamento, para reconhecer e pôr em prática o que verdadeiramente nutre a solidariedade, a comunidade e a partilha. Essa é a cosmoética xamânica.

O que, por fim, propõe esta segunda jornada, é a necessidade de se deslocar, mudar de perspectiva, desconstruir algumas percepções, deixar-se ser possuído pelo *Espírito do Vale*, pensar outras estratégias de pensamento, fundamento das ciências da complexidade. Esse é o primeiro passo do xamã: sair do estado comum de consciência para apreender uma realidade incomum.

TERCEIRA JORNADA



Meu Céu: uma constelação de xamãs

Nosso mundo é repleto de mistérios que só podemos desvendar quando fechamos os olhos na direção ao infinito que mora dentro de nós.

Edgar Morin

Nesta terceira jornada, realizo um sobrevoo pelas minhas experiências, observações e práticas na arte xamânica. Apresento aqui o “meu céu” como metáfora para falar de algumas vivências, do diálogo importante com alguns xamãs de expressão que marcaram minha trajetória de estudo. Pessoas e seus ensinamentos, a poética dos momentos e expressões compõem, como estrelas, o meu firmamento.

Em meio ao sobrevoo pelas minhas experiências, observações e práticas, dou destaque a alguns xamãs que reverencio: Manoel Ubiratan, Amauri Pajé Kuaracy, Francisco Lucas, Daniel Munduruku. Como um exercício de compartilhamento, exponho também cinco descrições de *mirações* que vivi de uma forma afetada muito singular. Para terminar esse sobrevoo, trago alguns poemas que são uma expressão da arte xamânica vivenciada por mim. Finalizo com uma carta para Edgar Morin, atendendo a um chamado especial e que, ao mesmo tempo, desperta em mim a alegria de ser um xamã.

O xamanismo está muito próximo de nós e não percebemos. Falo aqui de experiências xamânicas no Rio Grande do Norte, lugar muitas vezes esquecido no mapa do xamanismo. Muito do que se divulga sobre o xamanismo aparece carregado de uma leitura romantizada, de caráter folclórico, com seres míticos, associando-se aos feiticeiros europeus, indígenas mágicos da América do Norte. Um universo cercado de seres encantados, cobertos de ossos, penas ou cocares enormes.

O xamã também está associado a figuras obscuras, loucas, de gestos inesperados, gritos, cantos e saltos. Porém, ao longo das minhas

experiências, essas imagens se dissolveram e foram reconstruídas, após apreender o sentido de alguns elementos que, antes, não possuíam significado para mim. Tudo passou a fazer sentido quando conheci a força dos elementos usados pelos xamãs, assim como seus gestos, seus cantos e danças. Um giro na espiral do conhecer foi dado e o xamanismo se apresentou com sua força e energia de ser.

Pensando mais, vejo agora que um salto foi dado em minha mente quando fui aprofundando os conhecimentos sobre o xamanismo, apesar de ter conhecido muito pouco desse universo xamânico do qual não pretendo mais sair. O xamanismo me humaniza, me transforma cada vez mais e se apresenta como fonte de sabedoria, ética e politização do pensamento.

Suas expressões, alimentadas pela espiritualidade, muitas vezes o levam a ser mal compreendido, mas o que se percebe como plano maior é a interação das interfaces entre ciência, arte e espiritualidade compondo o xamanismo, atravessadas pela linha do sensível. Revela-se um pensamento que opera por meio de atributos mais totalizadores da sensibilidade.

É a sensibilidade que marca a sutileza da cura, entendida como intuição, sopro dos ancestrais, ou também como momento de se despir, fugir da prosa e dissolução de concepções objetivistas, partindo para um aprofundamento e abertura dos canais sensíveis do corpo e da mente. O sensível abre portais, torna os elos perceptíveis e as experiências mais capilares. Parece ser o sensível a chave do “portal íntimo”, a primeira intenção, por vezes involuntária, do xamã para adentrar no campo sutil do outro que o procura e busca a cura.

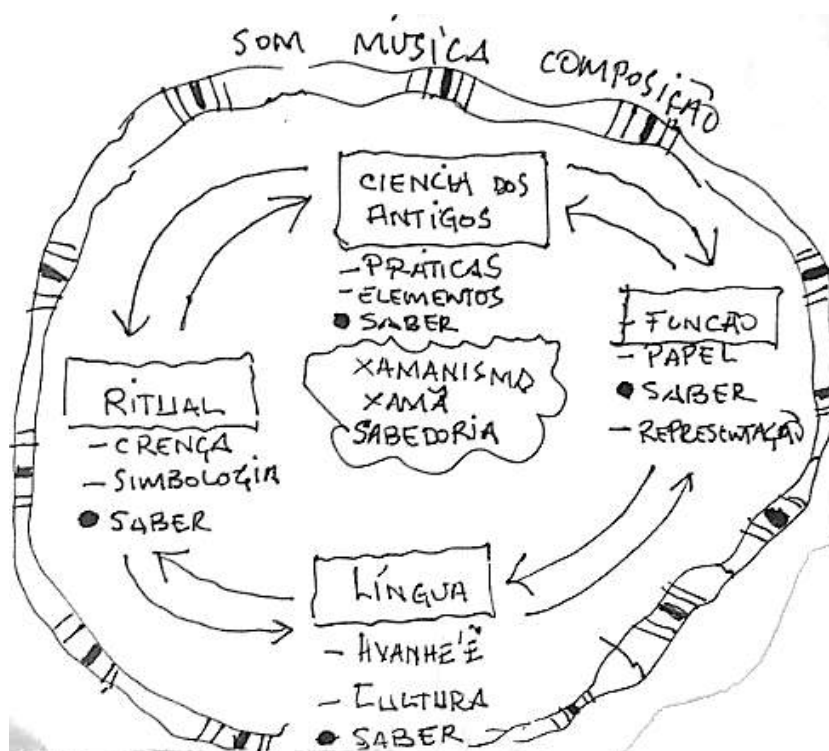
É o principal combustível das jornadas xamânicas. A intuição, a animalidade e a sensibilidade fazem parte do arsenal tecnológico do pensamento xamânico, constituindo sua forma de construção de conhecimentos e sua ciência.

Uma poética se transmuta nas orações, nos firmamentos, olhares, lágrimas, cantos; no silêncio, no abraço, no sopro, na frequência da

batida do tambor, na magia do ambiente que se preenche de vibrações que chegam com uma energia positiva, compondo uma atmosfera de sentimento que provoca sensações boas, mesmo que incompreensíveis.

As transformações em minha percepção se deram ao longo das jornadas, numa transformação de minhas concepções sobre os movimentos cognitivos em relação ao xamanismo. Como exemplo, quero falar de um momento significativo do doutorado junto à minha orientadora Conceição Almeida. Em um de nossos encontros, formulei o que posso chamar de esquema em espiral, ou um diagrama de como eu entendia minha pesquisa.

Imagem 01. Diagrama inicial da pesquisa



Fonte: elaborada pelo autor (2019).

Nesse diagrama inicial da pesquisa, pontuei os elementos que estavam na minha compreensão naquele momento e inscrevia o xamanismo num processo em espiral. Ao longo das jornadas, outros

elementos se agregaram, outros bifurcaram e fui pensando e repensando esse fluxo.

Isso mostra a circularidade do pensamento xamânico, que foi me ensinando, por meio das práticas e conhecimentos: aprendi a caminhar no ritmo de minhas curiosidades e descobertas.

Manoel Ubiratan

Manoel Ubiratan Moreira, norte-rio-grandense nascido em Ceará-Mirim, em 1946. Uma das referências intelectuais da cidade. Possuidor de um grande acervo cultural e uma biblioteca numerosa, contendo títulos de literatura, ciência e ocultismo. É chamado de “O corvo das tempestades” ou “bruxo de Shangri-la”, em referência ao seu espaço de práticas xamânicas.

Minha vivência iniciou-se há aproximadamente quinze anos, quando ouvi atentamente um senhor chamado Manoel Ubiratan. Numa noite de confraternização entre amigos degustadores de vinho na cidade de Ceará-Mirim, lá estava ele: colete boliviano, vários colares com dentes de animais, pulseiras e uma longa barba. Usava um chapéu longo e escuro que lhe dava um tom misterioso. Ele falava de uma batalha num ambiente astral que acontecia naquele momento. Segundo ele, havia um confronto entre forças do bem e do mal que envolvia seres de outros planetas, serpentes cósmicas, caboclos e estrelas.

Naquele tempo, eu cursava sociologia na UFRN e me interessava por Nietzsche. Me achava um ateu, apesar de não defender muito esse ideal, mas parecia ser uma posição de resistência diante das barbáries que o cristianismo ainda causava em pleno século XX. Prestando atenção ao que Ubiratan falava, sempre reverenciado pelos amigos como ‘o corvo das tempestades’, notei uma palavra que ele queria explicar e que parecia muito valiosa para ele: xamanismo.

Passados outros encontros, os nossos olhares se tocaram e houve uma aproximação por meio de seu sobrinho, Eriberto Moreira, que o apresentou como o 'Bruxo de Shangri-La', 'o Xamã do Vale'. Ele sorria e soltava uma gargalhada ao ouvir esse título, num misto de prazer e potência, que o satisfazia. Ele é mesmo um grande xamã que tenho podido apreciar nos últimos 15 anos.

Aos poucos, foi aumentando a frequência dos nossos encontros. Ele sempre me dava rastros de um mundo que parecia oculto, antigo, vasto e complexo, composto de conhecimentos que até aquele momento me surpreendiam pela profundidade com a qual falava do homem, da magia, de alquimia e dos elementos que faziam parte do xamanismo. A curiosidade aumentava e parecia despertar em mim uma sede de conhecer. Um desejo de plenitude e de sabedoria.

O mundo xamânico me colocava questões cruciais sobre a vida, a criatividade, forças, energias e potências humanas adormecidas. Ao falar do xamã, me vinha à mente um homem sábio do passado. Aos poucos, percebi estar muito viva essa sabedoria nos dias de hoje. Percebi, na verdade, um potencial que me habitava e que possuía um elo forte com sabedorias que o xamanismo velava e alimentava.

Ao aprofundar o contato com a cultura indígena, os livros ocultistas, escritos místicos e práticas xamânicas, tudo se encaixava. Os elos entre a vida e as forças xamânicas pareciam mais nítidos a cada momento, provocando mudanças no entendimento do espírito que há em cada coisa.

Num certo encontro, Ubiratan me convida a ir em sua casa. "Você precisa ir em Shangri-la", disse ele. Na primeira oportunidade, fui e me deparei com um ser complexo, que leu diferentes livros, de diferentes ciências. Desde economia política a antropologia da saúde; de cultos ameríndios ao xamanismo tibetano; de ocultismo europeu a práticas tântricas. Muitos conhecimentos que o tornava um "xamãussu", que significa "grande xamã" na tradição dos antigos sábios.

Fotografia 01. Manoel Ubiratan



Fonte: Acervo do autor (2017).

Fotografia 02. Espaço Shangri-La, do xamã Manoel Ubiratan.



Foto: Acervo do autor (2016).

Fotografia 03. O autor com Manoel Ubiratan em Shangri-La.



Fonte: Acervo do autor (2011).

Depois dessa primeira visita, alimentado por uma longa conversa em sua varanda, que abrigava um grande acervo cultural e místico, voltei muitas vezes para ritos e conversas xamânicas. Foi a partir desse momento que conheci sua constelação, que passou a ser minha também. Kuaracy Pajé Katu, Rômulo Angélico, Nicole Passos e Costa Rabelo foram xamãs e yatamalos (como se chamam as xamãs mulheres) que conheci e que me levaram a outros xamãs, como Carlos Henrique (in memória), Ana Xara, entre outros.

Em dezembro de 2019, em um encontro com o xamã Ubiratan, ele para por um instante e aponta para o céu, como se captasse mensagens de outras esferas. Silencia, me olha e pergunta: onde você estará daqui a 4 meses? Respondi, admirado, que estaria em casa. Ele meditou um pouco e falou: é! Cuidado! Vem aí um tsunami! Essa informação não fez sentido naquele momento. Somente no início do

ano de 2020 é que sentíamos o tsunami, invisível e avassalador da pandemia.

Rumores sobre um vírus fatal circulava em alguns países. Em março de 2020 ocorrem as resoluções e decretos de que o mundo enfrentava uma pandemia. Foi preciso parar o mundo e as vidas cotidianas; continuaram as máquinas, as violências, as incompreensões.

No período de pandemia, Manoel Ubiratan estava isolado e não recebia ninguém. Alegava estar concentrando suas forças para um processo que iria passar em breve. Porém, tive vários sonhos e lembranças de nossos encontros xamânicos. Sonhos lúcidos, em que estávamos em rituais. Naquele período também estive concentrado e meditei sobre a influência de seus ensinamentos. Resolvi expressar minha reverência a ele, que marcou minha trajetória no xamanismo de forma pertinente. Escrevi então uma carta e a enviei, colocando em sua caixa postal. Deixei passar os dias necessários por precaução. Passados 9 dias, avisei a seu sobrinho que tinha colocado a carta na caixa postal. No dia seguinte, Ubiratan aparece em minha casa para agradecer a carta e, assim, renovamos nossa conexão.

Em 20 de julho de 2020, escrevo essa carta como *uma reverência ao Xamã Manoel Ubiratan, o corvo das tempestades*.

Ceará-Mirim-RN, 2020

Caro Mestre Ubiratan,

Esta é uma carta de reverência e gratidão que lhe envio nesse período de isolamento, lamento e metamorfose. Uma mudança grandiosa se inicia. O guerreiro e todos os seres que trabalham na luz entram em equilíbrio para curar o planeta. Conhecer o xamanismo foi a melhor coisa que já vivenciei e você, Ubiratan, foi o xamã ético, em sua plenitude, que despertou o xamã em mim. Claro que o verbo xamanizar não existe, mas você me xamanizou. Será sempre a memória do melhor

xamã que existiu e está se refortalecendo como o curador ferido, o Quíron que aprende com a dor.

A força do xamanismo se expande cada vez mais em minha vida. Se tornou minha vida e tomou conta dos meus passos. “O caminho se faz ao caminhar”, disse Antônio Machado, e encontrar o amor em cada jornada, amar cada ser, estar presente e vivenciar o sonho do viver é o que nos alimenta.

Essa trajetória já faz mais de dez anos e, a cada direção, me entendo em diferentes dimensões, em intensas interações, resgates, ritos, mitos, simbologias, energias, vibrações... Expansões da mente, sentimentos apurados, emoções afloradas, evocações e êxtase me elevaram. Adentrei na visceral arte xamânica. Uma nova consciência me habita.

O pensamento xamanista, a ciência dos antigos, o caminho da cura e a busca interior acontecem e nos reorganizam geneticamente, fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Não há vida desligada desses corpos, dessas energias. Equilibrá-las é o próprio caminhar em várias direções.

Esse trajeto se inicia no próprio caminho que muitos não sabem que trilham, mas que a cada dia vem mostrando os sinais, as coincidências significativas, como falou Jung. É preciso começar a enxergar, ouvir e sentir de verdade. Aceitar o caminho e não deixar de sonhar, como fazem os Yanomamis. Compreender as marcas que o corpo carrega e que a mente esquece, como diz Leloup, e conceber que somos todos imortais, diz Drouot (1988).

A partir daí, presenciamos o voo da águia, como nas manifestações de Leo Artese; entendemos as frequências de luz explicadas por Eduardo Chianca; e a força dos nossos ancestrais, pajés e xamãs. Só assim encontro aos poucos o meu caminho, pistas nas cartas sagradas, meu sentido com o tambor, com o cachimbo, o maracá, meus caboclos, os animais, os elementais, as forças da

sabedoria, a matriz divina de que fala Gregg Braden. O beija-flor me toca no espírito do grande xamã e o tambor me transporta ao elã vital.

Ontem vi vagalumes e, coincidentemente, li semana passada o livro *O voo dos vagalumes*, de Di-Di-Huberman. Lembrei de suas ideias e ensinamentos. A luz do vagalume na escuridão é como ensinamentos xamânicos: ao primeiro olhar parecem aleatórios, desconcertantes, confusos, sem rumo. Mas é exatamente na incerteza de seu voo e de sua luz que é possível se encontrar. Se reconhecer na escuridão parece ser o caminho e se esconder na luz, como você me diz Ubiratan, parece ser o desafio atual para transcender. Delinear a vida com lampejos de luz, as ideias do xamanismo, é o que busco hoje.

A matriz divina, as interações intensas e permanentes. Tudo passa a se conectar e mudar meu destino. Os estudos mágicos, herméticos, cabalistas, teosóficos. Do xamanismo arcaico ao neoxamanismo. As plantas de poder, a geometria sagrada, ciência antiga, sumérios, egípcios, alquimistas, monges, ciência tântrica, e várias outras centelhas de sabedoria nos levam ao grande rio, como na filosofia budista, o rio dos conhecimentos com destino ao grande oceano da sabedoria da vida. Assim caminho como puma.

Tudo tem um início, um fim e recomeços. Todo os dias agradeço a tudo o que a força do criador, o universo e o grande espírito me proporcionaram: conhecimentos, experiências, vivências e seres que me impulsionam para atravessar com confiança cada porta, de cara limpa, com coração puro e na força do amor.

Ouvi de alguns xamãs: “o maior xamã que conheço no Rio Grande do Norte é Manoel Ubiratan!”, o que eu afirmo plenamente. Esse xamãussu é um dos meus pais, na expressão próxima da comunhão de sentimentos. O xamã Ubiratan, o corvo das tempestades, que carrega a sabedoria dos elefantes, aquele que pisa firme, o guerreiro que caminha pelas profundezas do ser, que silencia a mente e segue jornadas por outros mundos é minha referência de poética, coragem e amor.

O xamanismo é visceral. O xamã segue várias direções, se metamorfoseia, se expande, evoca e transcende a realidade. Experimenta vidas, resgata almas, morre e renasce a cada dia. Consubstancializa-se com a natureza, enfrenta sombras, comunica-se com seres, se transmuta e vibra nas frequências dos diferentes mundos. Foram a essas experiências que Ubiratan se entregou de alma, mente e corpo. Viveu, enfrentou, ensinou e inspirou minha jornada. Parto, então, para caminhos inconcebíveis para muitos. Sigo pelo astral em sua infinidade de energias, revendo vidas que cruzam meu espírito.

O xamã está mais vivo do que nunca, seja em você, em mim e em vários outros. Pode ser que agora se traduza e se metamorfoseie em outro ser, ou não esteja no espaço e tempo em que nos inscrevemos nessa existência breve.

Cada caminho é único para cada xamã e Ubiratan despertou em mim a firmeza de seguir, servir e crer no universo como guia. O xamanismo me ensina a cada dia que as coisas do mundo se amam o tempo todo, trocam energias, vibram, interagem, participam do fluxo, sem nada excluir. Sombra e luz, morte e renascimento, vivo e não vivo, físico e metafísico, matéria e imaginário. Retomamos a cada dia as conexões, como uma missão xamânica, a comunicação com o todo, fundamentados numa ética cósmica que nos fala da importância de cada um. Cada ser é sagrado e o respeito é um fundamento da vida, assim como a solidariedade, pois estamos numa mesma comunidade, na mesma casa comum e o amor é a chave para comungarmos juntos a vida em sua plenitude.

Sempre grato ao xamã Ubiratan, vou seguindo minha jornada compreendendo nossas diversas relações! Visite meu lar assim quando puder, entre pela porta da mente, siga pelo corredor da luz até o espírito e adentre no coração, espaço vasto e infinito que um dia nos reuniu na resposta do universo que sempre nos acolherá.

Que a mãe e o pai Cosmo nos guie

E que o grande espírito desperte sua luz dentro de nós!
Saudações Xamânicas.

Cadu Araujo

Amauri Kuaracy (pajé katu)

Amauri Gurgel, norte-rio-grandense nascido em Assú, em 1958. É reconhecido como pajé das comunidades indígenas do Rio Grande do Norte. Trabalha formando novos pajés nas aldeias e com educação ambiental. É chamado de Kuaracy Pajé Katu, da etnia Potiguara. É também cerimonialista, compositor de músicas espiritualistas, participa de encontros de pajelança e realiza vivências xamanistas.

Conheci Amauri, ao qual gosto de chamar de pajé Kuaracy Katu, por meio de Manoel Ubiratan em uma vivência xamanista em 2011. A partir de um diálogo sobre práticas de pajelança, nossos encontros passaram a ser constantes, o que me rendeu um rico conhecimento sobre as forças das plantas, dos minerais e sobre os arquétipos dos animais. Passei a acompanhá-lo em rituais e emergi nas práticas xamânicas. Recebi dele alguns instrumentos xamânicos, como maracá, cachimbo, cocar, penas de grandes pássaros, pedras especiais, tambor os quais denomina de *instrumentos de poder*. Com Amauri, aprendi a riqueza dos símbolos do xamanismo, através desses instrumentos que identifico hoje como portais para o agora.

Numa conversa, Pajé Kuaracy fala de seu chamado para conhecer o xamanismo. Disse de seu interesse pelas questões sagradas. Em seus primeiros anos de juventude, iniciou seus estudos como seminarista postulante junto à tradição dos frades franciscanos. Aprendeu a trabalhar com plantas medicinais junto com as rezadeiras,

benzedeiras e parteiras da região. Nas missões, realizou trabalhos em comunidades indígenas, quando entrou em contato com os pajés e seus aprendizados sobre a tradição. Foi a oportunidade de conhecer e vivenciar os rituais de cura, e reconhecer as tradições dos Potiguara, com suas pajelanças, ervas medicinais e cânticos. Lembra que aquele tempo de aprendizagem foi também a sua iniciação com a pajé Fátima da Baía da Traição/PB, que lhe colocou o nome de Kuaracy Pajé Katu, que quer dizer "Sol bom curador". Depois dessas jornadas, realizou rituais profundos, como jejuns e rezos, até desenvolver o sentido da intuição, a audição e a clarividência.

Fotografia 04. Amauri Kuaracy Pajé Katu.



Fonte: Acervo de Amauri (2019).

Um de meus encontros com o Pajé Kuaracy Katu foi na Oca de Cura, espaço localizada na aldeia indígena Katu, na cidade de Canguaretama. Essa oca fica próxima à "Água Fria", como é chamado o local que contém nascentes do rio Katu, espaço considerado sagrado pelos indígenas, com uma exuberante floresta. Lá acontecem rituais indígenas, a dança do Toré (dança ancestral indígena), práticas xamânicas e ritos da tradição.

Nesse local aconteceu boa parte de minha formação na arte xamânica, por meio dos ensinamentos de Amauri, assim como o resgate de minha ancestralidade indígena que ganhou força ao conviver com os nativos da aldeia Katu, com destaque para o aprendiz de pajé Mukunã, ao qual reverencio, junto com Meyriane, Ubirajara e outros.

Fotografia 05. O autor com Amauri Kuaracy Pajé Katu na Oca de Cura.



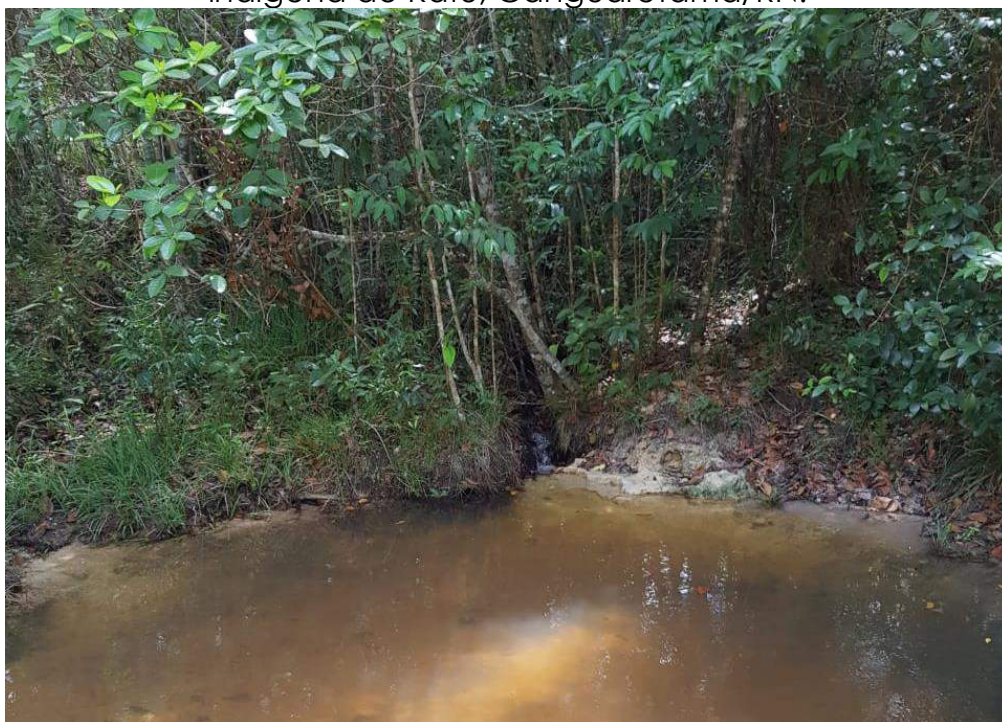
Fonte: Acervo do autor (2019).

Fotografia 06. Oca de Cura na comunidade indígena do Katu.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Fotografia 07. Espaço Água Fria, nascentes do rio Katu, na comunidade indígena do Katu, Canguaretama/RN.



Fonte: Acervo do autor (2020).

Apresento, a seguir, o relato de um encontro significativo com o pajé Kuaracy Katu na Oca de Cura.

Foi um dia de preparação para o ritual da Avó Lua Cheia que, segundo o pajé, é o momento especial de reverenciar a grande força

da lua. Muito concentrado estava o Mukunã, indígena do Katu e aprendiz de pajé, ansioso como os demais. Ao chegar na boca da noite, a fogueira foi acesa dentro da oca e, logo, se colocou batatas para cozinhar (tradição dos potiguaras do Katu).

Após o sol baixar, se levanta a lua cheia. Estava um céu limpo, sem nuvens, e a lua tão brilhosa e redonda que parecia mesmo um furo no céu azul marinho, mostrando talvez um lugar luminoso além do nosso céu. Chega o início do ritual e todos se sentam em volta da fogueira. Maracá, rapé, kuripe, cachimbo e outros instrumentos xamânicos a postos. Cada um com o seu. O pajé faz suas orações primeiro em silêncio e depois fala pedindo licença aos guardiões do lugar, com um punhado de fumo desfiado na mão. Após mais uma fala sussurrada, joga o fumo na fogueira, numa reverência aos espíritos. Ele passa a falar do significado desse momento e explica, como um sermão, a importância de se compreender o tempo do aprendiz. Aprender a escutar a sabedoria e os ensinamentos dos anciões da tribo. Falou que não adianta pressa e que o tempo chegará para cada um aprender o que precisa.

Seguindo o ritual, cada um acompanhou e repetiu o pajé em suas palavras, a pedido dele, explicando formar uma egrégora para “chamar” as forças de luz, os espíritos da floresta, os pajés de cura, seus auxiliares, a força da estação do outono e da avó lua cheia. Seguiu com cantos ao som do tambor e maracás, reverenciando os seres das estrelas; das águas; do fogo; do ar; da terra e também os seres da floresta, cada um pelo nome (tainá, lara, Tata, curupira, caipora e vários outros). Os cantos, batidas e chacoalhadas pareciam mover energias que envolviam a todos. Calafrio, tremedeira, bocejo, dança e um coral começavam a tomar conta daqueles que estavam na oca de cura. O pajé para de cantar e fala da importância do momento, dizendo ser brincando que nos curamos.

Um dos cantos iniciais diz: “sou da terra, sou da água, sou do fogo e sou do ar”. Nessa simples letra e batida ritmada pelo tambor do pajé,

chega o momento de recebermos a bebida sagrada oferecida pela floresta. Todos sentiram a hora chegar. A lua já estava em cima da oca, iluminando as frestas das palhas e das taipas. Após cada pessoa beber um copo de Ayahuasca, iniciamos outros cantos por longo tempo, até o momento de acendermos o cachimbo sagrado. O pajé aproveita para falar do significado do cachimbo como síntese do universo. A fofalha simboliza o feminino, o canudo representa o masculino e a fusão é o encontro desses espíritos regentes em forma de energia do universo e princípio de conexão e criação. Falou mais um pouco sobre a importância do tabaco, utilizando a história sagrada do búfalo branco, dentro da cosmovisão dos indígenas norte-americanos e lembrou que o tabaco também está presente na espiritualidade indígena do Nordeste brasileiro e de toda a América.

Após o cachimbo, o pajé pede silêncio e que ficássemos em introspecção, lembrando sempre da respiração para dissolver os pensamentos da vida cotidiana. A força da medicina aumentava e visões sequenciadas se apresentavam a mim. Não vi os outros, mergulhado em lágrimas e imagens, sentidos aguçados, palavras desconhecidas, calafrios e um cheiro de ervas fortes. Por um instante, notei que o pajé defumava pessoa por pessoa. Depois, abanou com penas e tocou o maracá próximo de cada chakra dos presentes. Foi um momento de êxtase, uma sensação inexplicável.

Ao olhar a lua, não conseguia focá-la. O pajé, então, me chama e pede para olhar o teto da oca. Foi quando vi uma pequena espiral se formando e subindo. Isso me trouxe um bem-estar como se fosse subir até lá. Uma sensação de que havia uma energia posta ali, na oca, e que essa energia era de cura. Fiquei em silêncio e ele relaxou lentamente e também silenciou. A cura aconteceu e minha mente estava no presente. Aos poucos, um por um procurou a melhor posição de conforto para meditar e dormir. Ao amanhecer, abri os olhos e uma chuva começou a cair.

Eu, Kuaracytairaju falei.¹

Chico Lucas

Francisco Lucas da Silva, norte-rio-grandense nascido em Assú, em 1942. É um leitor dos sinais do tempo, agricultor, carpinteiro naval, construtor de prensa de queijo e capitão de barco. Considerado um sábio da natureza, é assim um intelectual da tradição, “um geólogo da mata, um poeta do silêncio e um acadêmico da complexidade”.

Em janeiro de 2020, ainda com poucos sinais da pandemia, tive um encontro especial. Foi a primeira vez que fui levado até Chico Lucas, na comunidade do Piató, interior da cidade do Assú, Rio Grande do Norte. Considerado pelo Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM-UFRN como um sábio da natureza, conhecer Chico Lucas foi surpreendente e muito significativo para minha pesquisa e para minha jornada pessoal. Só o conhecia por meio dos livros, ensaios, teses e nas fortes expressões de Ceíça Almeida, quando dialogamos sobre o intelectual, a ciência e os saberes da tradição. Pude apreciar presencialmente esse intelectual da tradição, tradutor de mensagens da natureza, leitor dos sinais de chuva, da terra e da vida. Estivemos

¹ Amauri Kuaracy Pajé Katu me pediu para colocar esta frase no final do relato, em respeito à memória ancestral e aos ensinamentos sagrados que relatei. Um rito feito na tradição dos xamãs. Kuaracytairaju é o nome que ele me deu, como num batismo xamânico. Segundo ele, significa Amado Filho do Sol.

juntos eu, Conceição Almeida, Josineide Oliveira e o biólogo Manoel Romão.

Morador da zona árida do Nordeste brasileiro, Chico Lucas vivencia a cada dia os sabores e dissabores de uma terra onde as pedras formam um mar de conhecimentos. É nesse valioso sertão de desconcertante calor onde desperta uma sabedoria que se revela em cada casca de pau, em cada serra, pedra e espinho. Saberes da natureza recebidos como “e-mails”, presentes nas abas dos serrotes, nos berros do bode, pintados nas cores do sol que passa por entre os grossos troncos do baobá. Uma sabedoria presente em cada abre e fecha da cancela, como se fosse um portal sertanejado, fertilizada nas estrumeiras e bifurcada em mil veredas. Chico Lucas é um geógrafo nato, cartografando cada lugar onde sempre viveu em diferentes escalas. Ele é o próprio Piató. É o sertão em pessoa.

Fotografia 08. Chico Lucas na lagoa do Piató.



Fonte: Acervo do GRECOM (2020).

Corre em seu sangue o prazer de conhecer, experimentar, ouvir, sentir e dialogar com este mundo. Conhecimentos que ele expõe nas mais formosas prosas como geólogo, biólogo, arqueólogo, filósofo e meteorologista que é. Carrega em si a força do sertanejo, com toda mística, com orgulho de falar do sertão em que pisa firme. Um saber que se amplia e se entrelaça, abrindo um rico “estaleiro de saberes”, em que se encontra suas histórias e ciências.

Foi isso que senti em Chico: conhecimentos que pulsam junto com as serras; uma forte intuição que respira num solo ressequido; rugas impressas na pele pelo sol faiscante; entrelaçado com a caatinga como a espiral do carnaubal; captador dos sinais que estão na fina pele trocada pela serpente e deixada por entre os galhos do arbusto; sonhador lúcido de um céu tão constelado em noites sem lua; velador de conhecimentos raros como a raiz de um umbuzeiro sagrado; historiador de um místico sertão que nos paralisa ao amanhecer.

Muito do que ele disse está registrado em várias dissertações, teses, artigos e livros que narram em várias ciências os conhecimentos desse sábio guardião da natureza. O que registro aqui são histórias místicas contadas por ele e que compõem sua memória. Nos poucos dias em que vivi na Casa da Memória, nosso anfitrião, porta-voz da vida do sertão, me deu sinais de um xamanismo arcaico do Rio Grande do Norte, que se amplia em outros rastros pelo Nordeste.

A seguir, apresento meus diálogos com Chico Lucas, por meio de nove pequenos textos, nos quais interligo pistas de um pergaminho repleto de elementos xamânicos. Essa experiência me leva a reconhecer Chico Lucas também como um xamã. Os textos se tornam agora registros de um xamanismo arcaico, com adivinhos, andarilhos, rezadeiras, curandeiras, benzedeiras, feiticeiros, forças da natureza, espíritos, encantados e instrumentos de poder que nos põem em sintonia com o vale místico do Piató, do Rio Grande do Norte, do Nordeste e do Brasil.

Diálogos com o sábio Chico Lucas

Morte e renascimento

Posso dizer que nasci e morri naquele sertão. Morte e renascimento fazem parte da rotina do xamã. Nascemos e morremos todos os dias, como uma reconfiguração, um passo a mais na espiral da evolução. Um processo de dor e, ao mesmo tempo, de gratidão em que morri para renascer para o presente, cada vez mais integrado à complexidade das coisas e a vitalidade de cada ser. Experiências que rompem com a matéria, com a morte, com nossas limitações. Assim deve ser vista a morte e o renascimento.

No primeiro dia em que cheguei ao Piató, não me contive e fui até o mar de pedras em frente à casa de Chico Lucas. A mata seca de braços levantados ao sol que “faiscava mil peixeiras de luz”, como diz o poeta Jessier Quirino, parecia clamar por água num ritual primitivo. Eram forças que me guiavam. Tive, em poucos minutos, já dentro da mata fechada, um sentimento de comunhão que me fez pisar leve por sobre as pedras tão polidas. A coroa de frade reinava tocando o chão com suas raízes firmes. Eu resistia junto com ela e sentia reinar por entre uma floresta de galhos e espinhos. Morrer e renascer no sertão me indicou dias de captar conhecimentos e foi o que se ‘assucedeu’. Senti a Casa da Memória como veredas que aguardam o caminhar do andarilho.

Sinais da natureza e a previsão de chuvas

Na manhã do segundo dia no Piató, eu e Romão fomos convidados por Chico Lucas para uma caminhada pelo seu torrão. Bem cedo o acompanhamos e seguimos subindo a serra, indo até ao que ele chama de aba da montanha. Foi durante o percurso que Chico

identificou sinais das forças da chuva. Mandacaru florando, pele deixada pela serpente nos arbustos, zumbidos de abelhas e outros rastros foram como peças de um quebra-cabeça de uma intuição ancestral. Sinais de chuva que se apuram num conhecimento sofisticado que sintoniza com os sonhos, os ventos, o sol, a lua e as constelações. Os sinais dados pela natureza chegam em momentos de uma sensibilidade aguçada, treinada para ouvir, sentir, olhar e vivenciar a complexidade da vida. A lógica do sensível, como bem pensou Lévi-Strauss, foi bem explicada nesta aula de campo do professor Chico Lucas.

A montanha respira

Ao amanhecer, sentado embaixo do baobá místico, chega Chico Lucas com o sorriso abraçador que tem. Olho em volta de sua casa, rodeada de serrotes e serras, e me vem uma curiosidade, mas também o receio de perguntar. Quando chegou o silêncio, olhei para Chico Lucas e perguntei: e as montanhas? como você sente? Você também recebe mensagens delas? e Chico responde baixinho: “*a montanha respira. Eu vejo ela respirando junto com o céu. Ela sente o calor forte, sente a falta da água*”. Ele soltou um sorriso, silenciosamente, como se perguntasse: você acredita?! Minha reação foi de surpresa, principalmente por ouvir de um sábio da natureza uma poética xamânica tão profunda. As montanhas realmente respiram, como entoam os cantos dos antigos xamãs dos Andes. Percebi que no RN também temos nossos Andes. Voltei a olhar a montanha, agradei sua sabedoria e a chamei de irmã.

O andarilho

Outra história instigante de Chico Lucas foi sobre certo andarilho que chegou à casa de seu avô em décadas atrás. Assim foi como Chico Lucas contou:

“meu avô é daqui da região do Seridó, de Acari, região de Currais Novos, Serra do feiticeiro. Aquele mesmo cordão de serra. Enviuvou e veio simbora aqui para o Vale do Assu com 14 filhos. No inverno de 1924, que os antigos contam a história, foi muito difícil. Dois meninos dele adoeceram do mosquito que chamavam aqui de impaludismo. Impaludismo por quê? Porque a pessoa se impaludava todo. Ficava todo restrito à doença, com febre e dor de cabeça. Aqui morreu muita gente nessa comunidade. Muita, mesmo! Daí meu avô enterrava o povo. Chegavam três, quatro pessoa mortas e ele abria a cova na porta de casa e enterrava. Nesse tempo, dois meninos dele ficaram doentes e o médico disse que não era impaludismo, mas que não tinha cura. Disse que era a febre Tifo. Era uma menina com 9 anos e um menino com 10. Mamãe cuidava dos meninos, dando chá, mas eles só vomitavam. Nesse dia, chegou um andarilho, de tardezinha. Bem na hora que o pessoal ia chegando pra jantar. Nesse momento, o andarilho pede rancho pro meu avô que mandou ele se ajeitar pra jantar. Quando entrou pra jantar, o andarilho viu a mãe dos meninos chorando na porta do quarto. Ele perguntou o que foi e ela contou. Nesse dia, meu tio foi pegar uma carga de batata de purga pra xaropar o gado. O andarilho, vendo a situação, disse a mamãe para não se preocupar, pois ele ia fazer um remédio para os meninos ficarem bons. Depois da janta, ele cortou as batatas de purga, cortou as rodelinhas, pediu goma, uniformou e colocou as rodelas de batata em cima e cobriu com um alguidar, pra abafar. Com um pedaço, ele descobriu e a goma se agarrou com o leite da batata de purga. Pois bem! Ele raspou aquele leite agarrado na goma pra fazer os comprimidos, umas pilhas, e mandou dar aos meninos e também mandou colocar carne seca no fogo pra dar um caldo a eles. E assim aconteceu. Tomou o remédio, o copo de caldo, vomitou. Mamãe disse que era aquela baba amarela que parecia um saco, num sabe?! Aí o andarilho mandou dar outro. Mamãe deu e vomitou de novo, mas pegaram no sono. No outro dia, amanheceram pedindo leite, mas mamãe deu o caldo de carne e o curandeiro estava ali. Amanheceram sem febre e com fome. Ficaram bonzinhos. O andarilho queria ir embora, mas vovô não deixou e disse pra ele passar o fim de semana na casa. Na outra semana, meu avô foi no médico que perguntou pelos meninos e meu avô respondeu: tão lá. Foram botar o gado no cercado pra pastar. O médico se assustou e disse “que conversa é essa, Manuel! E o que foi que aconteceu?” Meu avô disse: apareceu lá um doutor e curou eles com remédio do mato, com batata de purga! (risos).

A força da oração: a reza forte

Aqui se desenrolam duas histórias que Chico Lucas contou na segunda noite de visita, na varanda da Casa da Memória.

Reza forte:

“Uma pessoa soltou uma pontinha de cigarro lá no carrapicho que pegou fogo, perto do estaleiro. Corri pra lá, peguei ligeiro o cavalo e fui lá em Celina, pra que ela apagasse o fogo. De onde eu estava até Celina era uma légua, mas ela de lá avistou a fumaça. Demorei pouco pra chegar lá. Botei ‘tudo que o cavalo tinha’. Chegando lá, ela estava com o rosário na mão, achando graça e dizendo “Francisquinho (como ela me chamava), pode voltar que o fogo eu já apaguei. Eu vi o fogo daqui e já fiz a cura”. Eu voltei. Quando cheguei lá estava só a fumaça onde tinha umas bostas de burro. Ou seja, veja o que é a força da reza! Com uma légua de distância. Só porque ela viu, já fez efeito.”

A oração para os bichos

Meu pai era tropeiro. Não existia transporte. Meu pai ia carregado de algodão pra Mossoró. Chegando lá vendia o algodão, comprava o sal, carregava e ia para o Crato (CE). Veja bem! Levava o sal pro Crato carregado num burro! E lá carregava de farinha e rapadura. Meu tio também carregava sal e ia para o agreste. Um ia para o Crato e outro para o Agreste. Meu tio piava toda noite os burros mulos. Uma noite, roubaram um deles. Ele chegou só com quatro e a cangalha do outro. Aí um cara casado com minha tia disse que ia passar uma oração pra quando piar os burros e alguém for roubar, você pegar o ladrão em cima do burro. E assim ele fez. (risos) Levou a cangalha do burro e piou os outros. Quando chegou a noite, encontrou o ladrão montado num dos burros, lutando pra descer e não conseguia. (risos) Aí deu-lhe uma surra de chicote e a oração fez o ladrão não se mexer.”

Rio morto e barco vivo

Confesso que me angustiei ao ver um barco encalhado na areia, onde antes a água da lagoa banhava grande parte do lugar e era via de navegação. Fonte de renda, de lazer, de alegria, de conhecimentos, agora é um vazio de esperança. Foi uma visão bucólica, quase uma miragem: um barco no sertão em meio à

capoeira e juremas, como se flutuasse na terra rachada, igual a um barco fantasma.

A lagoa do Piató seca, o céu se abrindo e o lamento silencioso flagrado no olhar triste de Chico. Uma dor inevitável que se sente e que não trará novamente a emoção de velejar. O barco parecia estar vivo, carregado de energia dos que transitavam nele por entre os carnaubais. De longe, se vê vilarejos minúsculos, cheios de esperança de que um dia o Piató volte a ser mar. Ir até esse lugar com Chico Lucas foi um lamento silencioso, um momento sem palavras. O dissabor de não ter água foi lamentável. Pedi por chuvas como fazem os xamãs.

Fotografia 09. Barco no local de cheia da Lagoa do Piató.



Fonte: Acervo do GRECOM (2020).

Lunário Perpétuo

Já tinha ouvido falar do livro *Lunário Perpétuo*. Digo que é um dos livros raros de se ver e caro ao homem do campo, principalmente, pelos conhecimentos contidos nele e a influência que teve em décadas atrás. Uma espécie de registro de conhecimentos xamânicos, ou podemos indicar ser uma cabala arcaica.

Chico Lucas me apresenta o livro, limpando a capa e segurando firme, como algo muito precioso para ele. E é. Disse que seu pai possuía um exemplar do livro, guardado com muito cuidado e que orientou os trabalhos de plantio e organização da vida de sua família. Porém o livro sumiu após a morte do pai.

Chico também diz guardar “a sete chaves” esse livro, agora numa versão portuguesa de 2004, que Ceiça Almeida o presenteou. É incrível ver como um conhecimento europeu sistematizado chegou até o sertão brasileiro e influenciou nas crenças, nos modos de ver a natureza, no plantio e nas ciências dos antigos. Contém neste livro uma escrita prática na qual diferentes elementos se interligam de forma complexa.

Ao ler o *Lunário Perpétuo*, que indica como autor Jerônimo Cortez, percebemos as diversas relações entre a astrologia, agricultura, zodíaco, interligados à origem da terra, as idades do tempo, do homem; aos ciclos lunares e solares; aos sinais da natureza; às tabelas temporais, mês por mês, planeta por planeta, signo por signo; às enfermidades, previsões, conselhos em forma de poesias, curiosidades e uma infinidade de sinais que Chico Lucas desvenda e vivencia no seu dia a dia, firmando-o como um verdadeiro sábio da natureza.

Nesse livro-guia também há máximas, ensinamentos que fazem o homem do campo meditar. Uma delas diz assim: “*Há nas emanações da terra uma espécie de bondade e de saúde moral que se comunica àqueles que a amam e cultivam*” (CORTEZ, 2004, p. 111). Chico Lucas é

um desses amantes e cultivadores e, por isso, a natureza lhe é sempre presente, capilar.

O pau santo

No último dia de estadia na Casa da Memória, perguntei a Chico onde poderia encontrar um pé de pau-pereiro, árvore de grande medicina e muito utilizada no xamanismo para fazer rapé, que tem grande força nas cerimônias e rituais. Ele sorriu, apontou sem errar para o pau-pereiro bem próximo à sua casa e se dispôs a ir lá comigo tirar as cascas. Com uma machadinha na mão, caminhamos até a árvore de onde tiramos as cascas. Fiquei enormemente feliz e em gratidão, não só pelas cascas e também pela recepção, estadia e conhecimentos. Entreguei a Chico um presente. Um pedaço de árvore chamada palo-santo ou, para alguns, pau santo. Madeira muito sagrada para os xamãs. Quando acesa, possui uma fumaça de defumação muito agradável. Assim como aprendi, repassei o conhecimento ao Chico Lucas, dizendo: *"esta é um pouco da medicina de nossos ancestrais. Quando se acende, a fumaça tem um perfume capaz de acalmar, trazer tranquilidade, limpar energias negativas, chamar serenidade e paz. Faz bem à saúde da mente, do corpo e da alma"*. Ele aceitou sorrindo, agradeceu e disse que iria guardar bem guardado. Deixei uma medicina das árvores e levei outra, a do pau-pereiro que rendeu um belo rapé. Os xamãs dentro de nós dois se conectaram.

Saudades das águas do Piató

Tínhamos acabado de chegar, eu, Romão e Chico Lucas, de uma boa caminhada até o barco adormecido no Piató seco. Sentados todos na varanda, Josineide faz a pergunta que talvez todos queríamos fazer, mas não encontrávamos o momento certo.

Num vento e silêncio propício, Josineide pergunta:

“Chico Lucas... o que você sente de saudade, de vazio, por essa água não estar mais lá no Piató?”

Chico Lucas fez um silêncio, de cabeça baixa, e respondeu:

“é uma tristeza profunda! Maior que a profundidade da lagoa.” (olhou para mim e disse) “você viu que eu me emocionei lá no barco, num foi?! Mas contei ainda a história do que era aquele barco, o sentido daquele barco... era tudo para mim! Nos feriados e domingos, era uma fonte de renda que eu tinha, fazia o complemento das minhas despesas. Enfim, um passatempo muito útil era aquele barco, eu me distraía. É tanto que eu fiquei velho e, quando eu vim dar fé que tinha ficado velho, a lagoa estava seca. Aí eu fiquei velho. A lagoa cheia, eu naquele movimento, a coisa era outra, num sabe?! Tinha mais de anos que eu tinha ido lá. Essa lagoa cheia era tudo pra mim. Eu não via o tempo passar.”

Nesse dia, Chico Lucas não jantou conosco e nós sentimos sua dor. Mas antes de dormir ele apareceu na varanda e nos contou:

“Em 2012, num dia de sábado, debaixo de chuva, veio Sami com alguns alunos e Ceíça também. Nesse dia, passou a noite chovendo e amanheceu o dia. Fui lá no barco e a lagoa tinha subido 30 centímetros. Eu medi. Tinha pessoas tomando banho e um rapaz disse que era de Mossoró e que vinha pescar no Piató. Quando foi em 2014, a lagoa secou. Fui até a cidade comprar uma vacina pro gado e encontrei o mesmo rapaz pescador, com um mói de corda na mão. Ele disse “estou vindo vender as últimas cabeças de gado, pois não tem mais pesca no Piató. Não sei o que vai ser da minha família, pois o Piató é nossa mãe.”

Minha memória na casa do Piató

Estar com Chico Lucas, mesmo por poucos dias, ampliou meu reconhecimento por ele, sobre a natureza das coisas, os saberes da tradição e o xamanismo. Ouvi e vivenciei saberes importantes, como o lunário. Foram passos importantes no meu caminho epistemológico e na minha vida. O encontro não foi somente com Chico Lucas e a Casa da Memória do Piató. Foi também o encontro com uma sabedoria profética do tempo, do nascer e do morrer no sertão. Conhecimentos

da fauna, da flora, dos minerais, das estrelas e da terra, que me fizeram conectar com uma sabedoria muito antiga, dos antigos xamãs do Nordeste, dos nossos ancestrais. A força que faz brotar o mandacaru como anúncio de chuva também fluiu em mim. A lagoa pode ter secado, mas uma outra, cheia de saberes inesgotáveis ainda vive na memória de Chico e de todos que estiveram lá um dia. O barco está lá para navegarmos. O andarilho, a rezadeira, o feiticeiro ainda estão nessa memória, nesse lugar, respirando junto com as montanhas, lapidando as pedras e deixando suas mensagens que Chico Lucas capta e se conecta. Foi, enfim, um encontro com o xamanismo que há em mim e em cada um.

Fotografia 10. Casa da Memória do Piató.



Fonte: Acervo do GRECOM (2020).

Fotografia 11. Chico Lucas, o autor, o barco e a lagoa de memória.



Fonte: Acervo do GRECOM (2020).

Daniel Munduruku

Daniel Monteiro da Costa, indígena da etnia Munduruku, nascido em Belém, no Pará, em 1964. É autor de mais de 50 livros e ganhador de prêmios de literatura. Reconhecido nacional e internacionalmente, é um expoente do movimento indígena brasileiro ao lado de Ailton Krenak e Davi Kopenawa.

Meu primeiro contato com Daniel Munduruku e sua obra aconteceu em 2012 no evento promovido pelo Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) chamado *Colóquio Internacional Um Tributo ao Pensamento do Sul*, que contou com a presença de Edgar Morin e marcou o aniversário de 20 anos do grupo de estudos.

Fotografia 12. Artista Ivo Maia, Daniel Munduruku e o autor.



Fonte: acervo do autor (2012).

A partir desse colóquio, a obra e as ideias de Munduruku estiveram cada vez mais presentes em minha pesquisa e em minha vida para compreender o mundo indígena e os caminhos do xamanismo. No GRECOM, percebi a força maior de seu conhecimento para pensar o homem pertencente à natureza, a importância de viver o presente, da memória, dos ancestrais e que tudo isso deve ser ensinado e aprendido por todos, formando um conjunto de elementos de uma educação de base complexa.

Por algum tempo, apreciei sua obra lendo com atenção, sentindo que algo grandioso me movia para uma busca do autoconhecimento, minha identidade terrena e minha relação no vasto mundo que habito.

Depois de alguns anos, Daniel retorna e, então, pude ouvi-lo com maior atenção em 2019. Sua vinda a Natal se deve ao Projeto *Guardiões dos Saberes*, que foi realizado na cidade de Ceará-Mirim/RN, numa parceria entre GRECOM, GRUPECOM, Prefeitura Municipal de Ceará-Mirim, Instituto Federal da UFRN e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Projeto do qual fiz parte como colaborador e que

também trouxe outros pesquisadores, como Iran Abreu Mendes e Carlos Aldemir Farias, ambos da Universidade Federal do Pará.

Nesse evento, Daniel Munduruku palestrou para professores da rede municipal de ensino de Ceará-Mirim e convidados, no auditório do IFRN de Ceará-Mirim. À noite, apresentou-se no espaço cultural Sol & Lua Café do qual sou um dos proprietários. A cada fala se percebia a pedagogia de seus saberes contaminar uma educação que necessita ser energizada pelas forças dos saberes da tradição.

Fotografia 13. Daniel Munduruku no Projeto Guardiões dos Saberes.



Fonte: Acervo do GRECOM (2019).

Fotografia 14. Apresentação de Daniel Munduruku no Espaço Cultural Sol & Lua Café, Ceará-Mirim/RN.



Fonte: Acervo do GRECOM (2019).

Fotografia 15. Conceição Almeida, pesquisadores do GRECOM e Daniel Munduruku no Espaço Cultural Sol & Lua Café.



Fonte: Acervo do GRECOM (2019).

Nessa noite, Daniel Munduruku extasiou e “xamanizou” a plateia que ouviu atentamente as palavras que vêm da floresta, uma sabedoria especial declamada muito bem pelo indígena. Antes, tivemos um belo toré guiado pelo pajé Kuaracy Katu.

Para continuar pensando a educação e o xamanismo inspirado nas ideias apresentadas por Daniel, exponho a seguir o texto *Munduruku em minha casa*, um ensaio com minhas impressões sobre sua fala naquela noite, que me despertou para um mergulho no pensamento circular. O título foi inspirado no livro *Um índio em minha casa*, de Tania Aquino (2013), esposa do Daniel, que narra sua experiência ao recebê-lo em casa, quando adolescente, vivenciando descobertas ancestrais.

Foram momentos que me levaram a reconhecer nele e em sua escrita o xamanismo na literatura, através de palavras e os ensinamentos sagrados contidos nas suas narrativas. Suas obras me fizeram pensar o diálogo do xamanismo com uma educação de base complexa. Segue o texto.

Daniel Munduruku em minha casa

Daniel Munduruku em minha casa não é somente a manifestação de alegria em recebê-lo em minha casa física, em Ponta do Mato, Ceará-Mirim. Minha casa significa também minha terra, como indígena potiguar, um dos povos que habitam o Rio Grande do Norte. Minha casa também é minha constelação pensante de pessoas que me influenciam no mundo das ideias.

Minha casa é meu sentimento de pertencer à cultura brasileira, nordestina, potiguar. Minha casa é meu céu, no qual olho intensamente os astros que todos os dias nos habitam, donde vejo da minha varanda o Cruzeiro do Sul, ou melhor, a cabeça da ema. Minha casa é também a alma que nos habita e que cria uma órbita que atrai energias. Minha casa é meu corpo, minha mente, meu espírito, o chão em que piso. Minha casa é a redoma que me protege e que está conectada a tudo. Minha casa me habita e eu habito esta casa aos lugares que vou e ela me alimenta nessa jornada. Minha casa é um mistério, permeada de emoções, de vibrações, de ideias, de vida!

Foi essa casa que Daniel Munduruku visitou e deixou sua mensagem, para mim, inesquecível. A relevância de sua vinda marca trajetórias, quebra barreiras, cria pontes, mostra fronteiras e resgata o que está perdido em nós. Reascendem elos e conexões de uma ancestralidade tão distante, e ao mesmo tempo tão perto que está dentro de nós. Minha casa não é só material: é física e metafísica. Obedece ao universo e está em permanente metamorfose. São mensagens, como as de Daniel Munduruku, que desordenam e reordenam os pensamentos e regeneram forças mantidas em silêncio, mas que surgem agora numa intensidade sem igual. Estou falando de sabedoria. Aquilo que permanece em meio à vastidão de conhecimentos.

Quando se acha uma semente em meio à mata, não se imagina que um pequeno ser pode dar origem a uma floresta. Assim germinam as sabedorias em nós e, logo, uma floresta de conhecimentos, num turbilhão, veloz, desperta o pensar. Falo dos saberes sobre o mundo que Daniel plantou. As palavras vão aonde não podemos tocar, disse a xamã Conceição Almeida, pessoa de luz que também me traz sabedorias. Ela também esteve presente nesse momento tão marcante na órbita de minha breve vida. Acolher Daniel Munduruku, um ser do silêncio e da palavra, ao mesmo tempo, foram momentos valiosos.

Um indígena que usa arte e letras para falar de experiências de humanidade, de sinceridade e de amor a tudo. Sabedoria tão atacada, esgarçada por quem tanto precisa dela para liderar uma nação. Saberes tão distantes de nós, empunhados pela memória para lembrar que é possível viver de outra forma, muito além desta tão linear, pragmática, materialista.

A semana inteira de palestras me revelou um Daniel paciente, concentrado e repetitivo naquilo que insiste em esclarecer nas quatro direções. As histórias, reflexões, mitos, ensinamentos, revelações, intenções e afetos demonstram uma humanidade, para muitos, perdida, utópica ou distante. Ou, para alguns, são apenas estórias de

um povo remoto, arcaico, parado no tempo. Mas não! São povos vivos, de grande humanidade, sonhos e saberes.

É na sutileza que as sabedorias flutuavam ao encontro das mentes que souberam absorver e ressoar. Somente ele pode e sabe falar dos ensinamentos e das histórias de sua literatura. Espontâneo e livre, como deve ser o pensamento, teorias e verdades da ciência se dissolvem diante de um saber primeiro os quais a ciência insiste em traduzir e se apropriar.

Não foram narrativas que aprisionaram a história ou são contadas com vantagem, como alguns fazem para esconder suas derrotas. O que esteve entre silêncios e palavras foi a reflexão sobre o modo de pensar. Um vivente da floresta que veio nos contar como pensa nosso povo primitivo, nosso povo primeiro.

Não se tratou de revanchismo ou brinde aos feitos. Foi uma verdadeira aula sobre pensar. Pensar igual leva à homogeneização, que acaba por dissolver identidades através de um discurso único. Ao contrário, Daniel do povo Munduruku falou sobre a diversidade de povos e ideias com muito respeito.

Pensar redondo é uma via para nos entendermos e descobrirmos quem somos de fato. Trata-se de uma forma de pensar quem somos e o que viemos fazer nesse planeta. É o primeiro passo para enxergarmos outras vias de ver o mundo, de ser e de agir. É conceber a diferença, a diversidade de pensamento que nos aproxime de nós. É pensamento e corpo juntos, sem eliminar a presença dos outros.

O pensamento linear do ocidente toma a memória como passado e o futuro parece reger o presente, marcado pelo relógio. Esse relógio possui a previsibilidade de sempre marcar nosso tempo e fazer os mesmos movimentos, a mesma marcação, sempre no mesmo ritmo. Nele se baseia nossa civilização materialista, na qual sempre é hora de produzir, de acumular riquezas; por isso, é sempre tempo de ganhar dinheiro, ou pior, pensamos que tempo é dinheiro.

Uma sociedade que foi ensinada a buscar tempo para mais tempo e que um dia encontrará um tempinho para ser feliz. A felicidade nunca é hoje, pois está naquilo que se acumula ou se reza para que este tempo chegue. Parece ser, enfim, um uso do tempo apenas para lucrar e garantir um futuro, mesmo que incerto, desperdiçando sempre o hoje.

Pensando nessa linha, cada um torna sua vida uma competição, um tempo para lucrar, um tempo de pensar individual e daí surge o desrespeito ao outro, a aniquilação de tudo e de todos e a exploração da vida em benefício próprio.

O pensamento redondo questiona esse modo de pensar linear que se torna insustentável. O pensamento redondo, circular, é o tempo da natureza, o tempo cíclico que nos presenteia com a renovação, com as estações que cada indivíduo vive independente da forma que pense.

É o tempo de reiniciar as jornadas; observar o solo, as águas, os ventos, a terra e aprender com a natureza, com o sentimento de ser ela própria nosso corpo e mente. É, então, o tempo de se ver por dentro desse organismo vivo que pulsa e que nos move. É compreendendo o pensamento redondo que é tempo de acessar a memória para viver o agora, o presente como um verdadeiro presente do universo e que deve ser usado bem, pois só temos o agora. Cada dia tem sua importância e cada momento é único.

Pensar redondo também é a forma para se pensar o coletivo, entender nossa interrelação permanente em que nos alimentamos de diferentes formas, seja por meio da dança, do canto, das voltas na fogueira, na transição de gerações, na espiral de ideias de um povo. É pensar a comum-idade entre nós para uma vida em comunidade; uma comunidade entre nós, o rio, os parentes, sobre a terra, sob o céu. É pensar todas as nossas relações como cada ser: homem, animal, pedra, fogo, estrelas, rios, mares, plantas...

É no pensar redondo que alcançamos o respeito pelos seres, pela mãe-terra que nos sustenta e nos acolhe. Assim, aprendemos que cada ser é sagrado e tem sua importância. Um pensar sobre o mundo em que todos participam; todos têm sua contribuição; todos se abraçam, cantam e dançam em roda para o infinito.

Essa reflexão sobre o pensar linear, enquadrado, e o pensamento redondo, circular, tomo como uma sabedoria dada por Daniel Munduruku, que amplia vários outros conhecimentos e me leva a mergulhar num diálogo comigo, com todos e com o universo.

Sinto como que uma reorganização da mente e do corpo, ao compreender que precisamos, urgentemente, pensar para transformar e seguir em busca de experiências de humanidade que possam regenerar a civilização em que estamos. O xamanismo me aponta isso.

Um último ensinamento disso tudo é pensar nossa participação na teia da vida. Poderia falar da forma quântica de olhar o mundo, a presença das energias e vibrações que mantêm a vida e a força oculta que nos guia. Mas quero apenas refletir que é na participação de cada ser ao compor o mundo que emerge a solidariedade, o respeito e a cooperação que permeia a vida natural, elementos fundantes de uma humanidade.

Ao participar, ninguém solta a mão de ninguém. Cantar, dançar e rezar juntos são formas de participar. É também assumir o compromisso com nossa casa comum, pela qual a responsabilidade é de todos. Somente esse pensamento, que posso chamar de complexo, possui elementos e instrumentos que ligam saberes.

Ao participar do círculo da vida, importante é compreender a presença de cada um no universo, a retroalimentação entre os corpos e mentes. Participar é saber que tudo é sagrado e tem uma contribuição a dar nesse cosmos; é entender a interrelação, a cooperação e a solidariedade espontânea. É entender o ciclo que alimentamos, a espiral que seguimos nesta breve vida.

Pensar redondo é a nossa casa, é a minha casa é a sua casa, a casa de todos na qual habitamos e que precisa estar sempre aberta, ser descoberta no nosso íntimo e abrigar coisas boas em cada cantinho; é preciso experimentar, compreender a diversidade de casas. É preciso arrumar a casa com a energia de cada um para que se torne fluida; enchê-la de memória para mover o presente, preenchê-la de poesia, de prosa, de imaginação e criatividade.

Tudo o que falei são ideias de Daniel Munduruku, indígena, escritor, educador e xamã, ao qual sou grato pela transformação que nos causou no dia 08 de agosto de 2019, tão marcante para mim e para muitas outras pessoas em Ceará-Mirim/RN. A casa é sua. A casa é nossa. É de todos. Grato pela presença, Daniel.

Meu céu: minhas mirações

O nome *mirações* é uma denominação para as visões, insights, sutilezas, junções de energias, aparições, reflexões visuais, sinestésias, vibrações, fagulhas do mistério, entre outros nomes que simbolizam a experiência vivida na prática xamânica, que podem ser por diferentes vias, seja por meio de chás, seja meditando, sonhando ou apenas em silêncio.

As *mirações* se tornaram vias de reflexão e de aproximação comigo mesmo. Me revelaram canais por onde bifurcaram ideias que me atravessavam e ainda não possuíam, até aqueles momentos, a preciosidade que tem hoje para mim.

Escrevi muitas vezes no momento em que terminava a cerimônia, deitado, cansado, após as jornadas por dentro e fora de mim. São pequenos textos escritos em um pequeno caderno que hoje guardo com muita estima.

São momentos que considero pontos no holograma, que interligam as minhas experiências às ideias e meu caminhar intelectual e existencial.

Outros momentos compõem meu percurso na busca do xamanismo. O encontro com xamãs, seus elementos principais, movimentos, mimetismos, manifestações, estados, medicinas, curas e sabedorias, substratos que me compõem hoje, deixando me levar por um espírito xamânico ao qual me entrego, pois creio ter sentido uma centelha da potência do homem e um estado de completude.

As *mirações* apreendidas em algumas vivências xamânicas, consideradas como ensinamentos, sabedorias, ao mesmo tempo, são visões caleidoscópicas de mim, do universo e dimensões da vida. Elas emergem no estado xamânico de consciência pelo qual adentra-se em uma estranha realidade. Parece ser o momento em que se "borram fronteiras", definindo-se aos poucos as "barreiras" estabelecidas na consciência em que se confundem realidades. É também onde afloram imagens e cenários com regressões ou avanços no tempo, de outras realidades irreconhecíveis e espontâneas.

As *mirações*, chamadas por alguns grupos de "borracheira", são experiências muito significativas para o xamã, como aulas-espetáculos, momentos de observação do cosmos, infinitudes e desfinitudes, experiências de vida e morte, e momentos de cura (ALVERGA, 1984).

Para alguns xamãs, a *miração* é a experiência individual que nos apresenta uma matriz de ser, em interação permanente com o todo, onde não há fronteiras. Para outros xamãs, é o tempo sem tempo, o lugar sem lugar, em que somos um ser sem ser, sem corpo.

Foi interessante apreender que as *mirações* não ocorrem apenas nas experiências com as bebidas da floresta. O rapé, a Sananga, o tabaco e outros elementos também fazem emergir essas visões, o contato com símbolos, grafismos, rostos de animais, geometrias em rezos com o fogo e na fumaça do cachimbo.

Assim, as *mirações* parecem se formar em momentos de sensibilidade, abertura e entrega, em que saímos do estado de consciência racional/lógico-automático e passamos a sentir, deixar a mente solta, sem metas ou métrica, e passamos a receber sem

questionar os ruídos, sinais, sensações, que vão se tornando cada vez mais capilares, subcutâneas, ciáticas, emocionais, mentais e espirituais.

Essas *mirações* marcaram parte de minha trajetória em vivências xamânicas. Peço licença aos guardiões da memória xamânica para apresentá-las e convoco aos leitores que as leiam em introspecção, em silêncio e que evoquem o espírito do vale, aberto para novas narrativas e mundos possíveis, sem querer enquadrá-los nas perspectivas lineares ou lógicas do pensamento objetivista-utilitarista.

A seguir, apresento cinco *mirações* que escolhi apresentar pela sua expressão xamânica e seus diferentes horizontes e traduções².

MIRAÇÃO 01

Me tomou conta e entrei em êxtase. A jiboia me tomou, me curou cada canto do corpo, corroendo cada fronteira do que sou, da matéria, do pensamento. Estava dentro do todo. Eu era parte do todo. Meu corpo vibrou, se transformou, se manifestou tão fortemente, que não conseguia abrir os olhos. Pequenos segundos abertos, empossados de lágrimas que tomavam conta do corpo, sintonizavam com a água do mundo. A limpeza foi inevitável. Parecia mudar meu ser, não mais sem separação. Uma experiência que jamais vivi. A intensidade, minha vibração deslocavam-me por espaços involuntariamente, indo em várias direções. Em certo momento, foi insuportável, mas suportei. Uma imensidão de seres, animais, corais, sons, ecos! Sinto a força agora. O fogo, o toque do mestre no violão, o chão, o céu, as árvores não estavam em sintonia, pois éramos um, juntos, em movimento. Saiu por trás das nuvens a Lua. Fui na terra dos xamãs, a terra toda de várias galáxias. Meus guias eram cada parte do meu corpo. A energia silenciosa que emanamos formava a espiral. Seguimos até pela manhã. Os xamãs dançaram a noite toda.

² Creio que as *mirações* são tessituras delicadas, trançadas imaginariamente como um grafismo indígena, quando nos sentimos mais espírito do que matéria. Creio também haver sempre um chamado oculto para entendermos o sagrado nas coisas. As divindades também humanizam os humanos por meio de verdades intuitivas. Carregam e velam a essência de uma força maior que não é aniquilável, uma pureza inviolável; um amor incondicional, que aflora na criação e é sempre embrião e semente.

MIRAÇÃO 02

Não há xamã sem floresta. Siamo seres que recebemos luz, energia, mistérios. Nesse dia, pedi para ver meus guadores, os espíritos que me guardam, as forças dos protetores. Todos se mostraram na sintonia da cura ancestral. O espírito do pajé de luz taz as curas de que precisamos. Siamo pais da força, pelos espelhos das águas que refletem, se recebem para três forças femininas. O olho em fibra e sem barreiras vê a expansão de um cosmo em fluxo permanente. Eu não sou eu. Há um homem dentro do homem. Há uma vida dentro de outra vida. Há o encanto na floresta. Há um canto de amor que nos liga. Há o escuro iluminado. Há a luz obscurecida. Haverá espaço para quem vier [tereiukatu], haverá um destino para a luz. Há o espírito do criador [munhã] que concentra e dissipa. Há vida na morte e morte na vida. A água transmutou e trouxe flexibilidade, criatividade, partes que se retomam, infinitas possibilidades de fluir. Me envolve e me alimenta.

MIRAÇÃO 03

Uma força tão sutil quanto as energias não vistas, mas tão profunda que nos transforma. Profunda que vai até a mais escondida memória, trauma, catarse. Uma energia de transformação tão enérgica e forte, que nos leva à morte e nos renasce com outra consciência, outro corpo, realimentando o espírito. É como a energia do trovão, que renova as energias da terra e que, a cada renovação, nas quatro estações, se alimenta para alimentar seus filhos. A mãe-terra nos dá uma centelha de sua grandiosidade através da ayahuasca. Me tomo aos seus pés, como água limpa para ser verdadeiro por toda a vida. Para ser guerreiro e guardião dos saberes cósmicos. Ser rio correntoso de conhecimento. Já acolhi minha missão e é isso que sou agora, da forma mais completa possível. Fui canal do povo das estrelas: sons e vibrações. Subi montanhas, respirei o fogo, orei com a terra. Buscar o animal de cura e de poder é ir ao encontro de si, desvendar quem sou, meus genes, minha cognição, personalidade em sintonia com a superconsciência.

MIRAÇÃO 04

Como um fio, representando a energia viva, percorrendo um tubo com escritos internos, muitas vezes obscuros, que vão se mostrando a partir do momento que essa energia vital clareia o tubo e, aí, sim, vemos o que está escrito e que permite avançar por esse tubo. Aos poucos,

vários outros tubos se apresentam como bifurcações, que vão nos levando a outros campos infinitos, cada um, cada ciência com seus escritos internos, que vão se clareando e aprofundando saberes. Essa é a malha sem fim. A fibra ótica, sofisticada, em que furos, que podem ser incompreensões, fazem parte e são sagrados por trazerem luz ao túnel. A graça de seguir em frente nesses tubos é ir clareando a sabedoria em suas paredes. As luzes das incompreensões, ilusões e erros são, então, os buracos nos tubos. É motivo de riso, na certeza que nada é certo. Tubos do cérebro, tubos da vida, tubos do cosmo, conectados à imensidão.

MIRAÇÃO 05

Por entre florestas, grutas, fendas e alinhamento de mensagens. Carregamentos de energia expandida na sequência e frequência, de início, lenta, com cores, sons, formas, seres, fluidos, imagens e ecos, indo até uma frequência, agora elevada, de conexões inesperadas junto a seres, espaços, levando a imagens que dão o sentir de vidas passadas, reencarnações que ainda não sei o tempo e o porquê. As mudanças genéticas e psíquicas que ocorrem, provavelmente, são o movimento dito de evolução pelas novas compreensões alcançadas sobre a nossa relação com a vida, em suas múltiplas dimensões, simbologias e concretudes. A percepção pessoal de ser um ser em meio a conexões ocultas que, aos poucos, se revelam ao colocar as lentes, em luzes reluzentes, saindo do chão e se emaranhando como se harmonizando, mas que vai além da compreensão tão objetiva que tentamos absorver. Ser e estar são questões cruciais que despertam nesta revelação. Uma necessária revelação, reflexão sobre uma passagem, uma atenção maior sobre nós, o outro e o mundo. Coisas que se mostram com uma conexão maior e mais íntima, ao ponto de nos compreendermos como animal, reencarnado, ser transmutado, conectado, interligado, retroalimentado com tudo e cada coisa que existe. Esta conexão maior se expande para uma compreensão cada vez mais profunda e atenta aos sentimentos. O que se sente agora como vibração, demonstra sinais de ligação com nossa situação física, mental, psíquica e espiritual, criando uma rede em que esses elementos e sentimentos se comunicam, tornando a vivência única, talvez plena, se equilibrada e mantida em concentração.

Meu céu: ensaios poéticos

Como complemento às mirações, apresento, a seguir, poesias que potencializam as vivências e são formas de 'traduzir-expandir' o que chegou até mim no êxtase da energia criadora.

A poesia, como manifestação do sentimento estético, é também difusora da energia xamânica, ou no termo utilizado por Morin (2017) é também um ato de *xamanizar*, ao evocar magia e provocar transformações e maravilhamentos da vida.

No livro *Amor, Poesia, Sabedoria* (2005a), Edgar Morin expõe que "o fim da poesia é o de nos colocar em estado poético" (2005a, p. 43), estado que se manifesta pelo sentimento estético, assim como o estado místico e o estado de evocação que se alimentam dos êxtases, secretados no processo de criação. *Xamanizar* é exalar, transmitir ou contagiar os outros com a força e sentimento que a criação proporciona. É criar elos de uma manifestação de forças especiais, sofisticadas que o humano é capaz de representar pelas artes.

O ato de xamanizar, um neologismo criado por Morin, alinha-se ao ato de humanizar. É um processo de expressão sofisticada do homem como um ser criador, estimulando sua plasticidade para um vir a ser em sua potência e continuar humano (indivíduo, espécie, sociedade). Estende-se nesses atos a compreensão humana de sua potência, muito além de suas capacidades/forças, sendo a poesia uma delas.

Fernando Pessoa fala que a poesia é tudo aquilo que não cabe no poeta. Entendi ser, então, aquilo que ultrapassa o que não se pode falar de forma arquitetada, pronta, acabada, ao mesmo tempo que é o processo de aflorar e transbordar do ser. É com essa força oculta da criação que a poesia aflorou nas minhas vivências, juntando-se ao substrato que compõe o xamã.

Em uma das experiências com o Kuaracy Pajé Katu, o xamã ensinou que o tambor deve ser tocado perto do coração. É um momento de sintonia especial em que um vibra com o outro ao som do grande espírito, o som da vida, do espírito dos seres encantados. O tambor abre os olhos de luz, realinha nossos centros de equilíbrio, os chakras, nossas mentes. Sintonia com a serpente de luz que caminha

em equilíbrio nas diferentes forças vitais. O tambor me levou ao astral, um espaço fora do espaço comum, em um tempo sem tempo comum.

Assim afloraram estas poesias chamadas *O tambor do xamã* e *Astral*:

O tambor do xamã

Pelo som do tambor
a mente vibra de cura,
realinha, desmancha e retorna.
O som que alcança a alma
ressoa no corpo, na mente, no espírito.

É assim que acenam em sintonia
as cordas afinadas,
timbres de harmonia,
que compõem a canção do ser
a recompõem de vida.

O tambor do xamã,
nas mãos e no coração,
colocam frente a frente
aquilo que nos contém:
sombra e luz, mentores e mantos.

São cantos lunares, ritos solares
que refazem os caminhos eternos
dos antigos ancestrais.
Assim, o tambor que me expande
dispara o meu coração como um beija-flor.

Astral

A alma
se estende, sai do plexo,
para um corpo etéreo, energia plena,
que viaja por terras de evocações.

São ancestrais
que me envolvem, acoplam e descansam em mim,
distorcendo certezas, dissolvem barreiras
abrindo fronteiras no corpo astral.

Como sonho
num mundo lúcido, surgem espelhos de mim
e por cima, através da matéria,
sinto florar raios, fagulhas do ser.

Em si,
de volta à silenciosa bruma do caos,

em estado condensado que vibra a terra,
estou em plena matéria, em síntese.

Entre ilusões,
uma distopia de ser só mais uma meta,
fixo, condensado em matéria e luz
uma fuga da mente, sem corpo final.

Em uma de minhas visitas a Shangri-La, espaço do xamã Ubiratan, presenciei em um ritual os rastros e sinais de uma sabedoria antiga chamada xamanismo, que lança o chamado e ressoa até encontrar o destino. A sutileza dessa energia me mostrou o quanto esse modo de ser está vivo nos xamãs que conheci.

Assim aflorou esta poesia chamada *O Xamã*:

O xamã

Em Shangri-La se sente a força
Da floresta encantada.
Elementares ao toque do tambor
Entre estrelas que se manifestam
Na integração do céu transmutável.
O xamã está vivo e reluzente
Pairando como ave, por vezes,
Rastejante como serpente.
Durante curas e rituais,
Com o inflame do tempo esvaído,
Na couraça de um animal selvagem,
Na energia sutil, para alguns, impossível.
E com seu cajado em meio à luz
Saúda o grande Sol,
Apontando no céu um espaço
De conexões do infinito com o sagrado.
Assim, um caboclo traz a cura
E permanece o ser transmutado.
Em corpo astral uma lacuna
Ideia viva de um novo chamado.

Um dos elementos marcantes da vivência xamânica é o encontro com o que chamam de animal de poder ou de cura. O significado dessa busca tem um percurso especial de concentração, práticas e meditações. Com o xamã Rômulo Angêlico, tive meus primeiros momentos de aproximação com animais em outras esferas. O que vi e

senti não posso traduzir em palavras científicas, mas expressei em poesia. A busca, ao final, não é pelo animal, mas o encontro comigo, com minha forma de ser, alinhado a diferentes relações, seja do espaço onde nasci, ao planeta regente, as plantas guias de cada personalidade, até encontrarmos quem somos, nossa identidade cósmica e a força que possuímos e precisamos desenvolver para o autoconhecimento. Nessa experiência, foi preciso dançar para o espírito animal e retomar nossas consciências vividas, como linhas escritas de uma memória em nossos genes.

Assim surgiram as poesias *Um puma sobre a terra* e *Consciências vividas*, reproduzidas a seguir:

Um puma sobre a terra

Sou eu, um puma sobre a terra,
mediando a coral no interior
e ao céu, o pássaro formoso
atento aos perigos da fera.
Protetor do ignoto mundo
ocultado por seres mutantes
na transfiguração do xamã
e na alma que transcende o espaço.
Sobrevivo de um tempo escasso
de um pensamento extenso
nas teias de vidas, de reencontros,
da eterna combustão do ser.

Consciências vividas

Dias e noites reluzem
e resgatam as forças regentes
fazendo brotar, no planeta em que caminho,
energias em infinitas direções.

Os abrigos que encontro nessa Mãe-Terra
São memórias de mundos passados,
consciências vividas
nos corpos que habitei a cada século.

É essa vibração que sinto,
que me leva a várias dimensões
no caminho que estou,
entre espíritos e forças.

Sou cada vez mais guerreiro

em todos os cosmos que transmuta,
para estar cada vez mais vibrante
em cada ser que serei.

Em outra vivência, agora com indígenas Yawanawa, vindos da Amazônia, participei de cerimônias com plantas enteógenas e saunas sagradas. Pude acessar o que considero a linha de uma memória ancestral que me inspira a compreender minhas realidades anteriores, o que alguns chamam de vidas passadas do espírito. A linha da memória ancestral me mostrou a construção de minha herança cósmica. Relembro minha trajetória por diversos corpos, reinos e energias de vidas passados, na forma de mineral, planta, animal até hoje, como humano.

Nessa compreensão, canalizei a poesia *Linha da memória*:

Linha da Memória

A água fria do igarapé
Por onde passam os fios da memória
Imprimi em mim suas linhas
Quebrando a dormência
E fazendo-me germinar.
Sou semente e muitos são.
Somos muitos!
Em solo, mãe-gentil
Que alimenta e gera,
Regenera-se em mim quem sou.
Um punhado de areia,
Um pedaço no sol,
Com água limpa
E um vento-brisa
Me animo, me alinho,
Subo firme, me estendo,
Cresço, engrosso e vou fundo
Na terra e no céu.
Me arvoredado e frutífero
Sendo linha da memória,
Gerando frutos
E novas sementes.
Assim me multiplico.

Essas e outras poesias, que se manifestaram durante e após as vivências, possuem uma força especial quando as leio. Me vêm os cheiros, os sons, as formas, as cores e todo um conjunto de representações que se entrelaçam e formam um significado maior. O

encontro das partes passa a revelar o significado do todo, que dá, ao mesmo tempo, significância a cada parte.

Um vírus se espalha e são suspensas as pesquisas de campo, assim como todo contato pessoal. A ciência passa a sobreviver por aparelhos.

A alegria de ser um xamã

Mesmo que a gente possa dizer metaforicamente que o espírito intelectual de Edgar Morin, segundo a importância que ele dá ao xamanismo no livro *Sobre a Estética* (2017), seja um Espírito do Vale, ele é ao mesmo tempo um espírito do vale por meio do qual desceram águas e que poderia ser equivalente, portanto, a um xamã. Mesmo que seja assim, na minha situação, a minha relação com o criador do pensamento complexo foi uma relação que se inverteu. Eu que tive a honra de poder operar minimamente e a distância a um chamado dele. Nesse dia, eu fui xamã de um pensador a quem considero um guia na minha trajetória intelectual.

A seguir, a carta na íntegra enviada para Edgar Morin.

Ceará-Mirim-RN, 2021

Caro Mestre Edgar Morin!

Sou Carlos Eduardo Araújo (Cadu), indígena, morador da cidade de Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte, Nordeste brasileiro. Formado em sociologia, atualmente faço meu doutorado em Educação com nossa amiga Ceíça Almeida no GRECOM, lugar onde as ciências da complexidade e suas ideias, em particular, me alimentam de vida. Pratico a arte do xamanismo e, no doutorado – sobretudo por meio da leitura de seus livros e de depoimentos de colegas xamãs -, reflito sobre

os ecos dessa forma de ser e estar no mundo, tão especial para a minha vida.

Recebi o chamado de Ceiça Almeida para buscar produtos medicinais para tratamento dos rins e do coração. Desde já, estou muito feliz de poder ajudar e empenho-me, com a força xamânica que for preciso, para ser um mediador na sua cura. Espero ser útil.

Nossa distância dificulta a precisão de uma apreciação mais profundo do problema de seus rins e coração. Porém, daqui onde estou, farei meditações, Reiki a distância e pajelança, para que os curandeiros cósmicos levem a cura até você. Como parte importante nesse processo, peço que você se abra e permita que as forças da natureza e a luz emanada do universo possam processar sua cura.

Envio três ervas: alecrim, gengibre e moringa. As três ervas devem ser usadas em forma de chá, 3 vezes ao dia (manhã, tarde e antes de dormir] Na sequência que você escolher para cada erva. Mas, no caso do alecrim, o ideal é tomar o chá após o banho com a mesma erva (falo disso mais abaixo). É imprescindível na hora de beber o chá, mentalizar fortemente a cura dos rins e do coração. Essas ervas são desintoxicantes e são utilizadas para reestabelecer as energias. (O ideal é realizar o tratamento com ervas frescas (mas há impedimento de enviá-las por meio dos correios).

Banhos energéticos com o alecrim para limpeza não só desses órgãos, mas também para uma limpeza geral. Esses banhos devem ser realizados da seguinte forma: prepara-se um recipiente com água limpa fervida e acrescenta-se uma colher de sopa de alecrim. Deixa em infusão por 5 minutos. O banho é tomado com a intenção da cura, preparando-se o ambiente para ritualizar – dialogar mentalmente com a inteligência da planta. Para reforçar o preparo do banho energético, a água, antes de ser fervida, pode, se possível, ser exposta três dias à luz do sol e três dias à luz da lua. Podem ser mergulhados cristais na água para energizar melhor. Ao final do banho (retirados os resíduos da erva), jogar a água sobre a cabeça, deixando-a escorrer por todo o corpo.

O preparo dos chás: prepará-los como os chás normais; por infusão, 10 minutos em uma xícara coberta. 1 colher de chá para uma xícara d'água fervente.

Por fim, caro Edgar Morin, compartilho uma reflexão sobre uma cosmologia da compreensão da cura, segundo minha experiência de xamã. Também sugiro outras técnicas e práticas complementares.

O que nos dizem os cenários cósmicos e da natureza

O problema das enfermidades está, em grande parte, relacionado ao campo físico + campo emocional. Em outras palavras, trata-se de um desequilíbrio energético. Como no pensamento complexo, essas dimensões não se separam também no pensamento xamânico. Daí porque, como não sei como você se sente, sugeri (acima) um tratamento de forma ampla que entendo serem os primeiros cuidados.

A cura é produto da reorganização conjunta de elementos que se inter-relacionam. Pelo que minha experiência ensina, e o que se apresenta a mim de início é o entendimento de que os problemas nos rins estão ligados frequentemente ao medo. Os rins são paralisados pelo medo e possui variados motivos. Sejam esses motivos genéticos, arcaicos, ou pontuais, conjunturais, circunstanciais. O medo enfraquece os rins que passam a se desgastar fisicamente com o acúmulo de toxinas. Esta é uma análise energética inicial. Quando falo medo (sentimento), tenho por referência bioquímica as toxinas. Logo, limpar as toxinas dos rins, seja medo ou outros sentimentos, é o passo inicial. Também o coração está relacionado ao emocional, principalmente ligado ao medo e à ansiedade – o que acaba por provocar disritmias, etc. Estas leituras energéticas podem estar influenciando esses órgãos, podendo também estar relacionado ao desgaste físico de outros órgãos. Há um diálogo entre os rins e o coração. Os rins filtram nossas águas internas e o coração bombeia uma parte delas (em forma de

sangue), mostrando como o elemento água/líquido é um condutor de sentimentos.

O que de fato posso falar, levando em conta os saberes xamânicos, é que o tratamento inicial precisa ser um diálogo seu com os reinos mineral, vegetal, animal e espiritual. Os pajés sempre falam que “quanto mais o homem se distancia da natureza, mais ele adocece”. Esse é um princípio xamânico. O tratamento que posso lhe propor agora é um misto de relação com esses reinos por meio de práticas xamânicas.

Outras técnicas são interessantes: meditar com os pés um pouco enterrados no chão (na areia), mentalizando que as toxinas sejam transmutadas pela terra. Acender incensos e meditar são também formas de dissolver toxinas dos órgãos. O cuidado de si deve ser redobrado, observando possíveis pessoas que possam estar “sugando” sua energia, por meio de um vampirismo, muitas vezes vindo de pessoas que queiram se aproveitar ou têm inveja de alguma de suas virtudes. Orai e vigiai.

Outras práticas podem ajudar, como a defumação utilizando-se da aromaterapia, significativa para potencializar pensamentos positivos. O uso da reflexologia, com massagens no centro da sola do pé direcionadas aos rins. A lua nova é o melhor momento para realizar mentalizações de cura, assim como invocar seu animal, mineral e plantas de poder que irão auxiliá-lo. Acender velas também traz o fogo com a força da transmutação, assim como técnicas de respiração podem oxigenar o corpo.

Por fim, Edgar Morin, desejo que suas forças se reestabeleçam e que o universo lhe conceda a energia que lhe cabe nesta jornada.

Que o grande espírito possa nos curar e nos orientar nesse caminho.

Abraço de luz!

Cadu Araújo

Por meio dessa constelação, também posso listar o aprendizado de algumas práticas xamânicas: respiração do renascimento, a medicina do tambor, o rapé, as bebidas sagradas da floresta, o cambó (vacina do sapo), a medicina das penas, a manifestação do maracá, as sabedorias das pedras, a inteligências das plantas médiuns, medicinais e de força, a sabedoria do silêncio, da meditação e dos astros. A força da intenção, do rezo forte, da concentração, da prática do resgate ancestral. Conheci rituais da cultura Yawanawa; o xamã Shibibo e sua tradição ayahuasqueira e de cantos das plantas; a medicina dos xamãs Huni Kuin; a força dos cantos do xamã Fulni-ô de Pernambuco; a medicina do tabaco na tradição xamânica da Argentina; a força do Mestre Antônio da Amazônia; a medicina da Santa Maria; a medicina da Sananga com xamã Katukina; a energia do sorriso da Ursa Branca; os xamãs professores da psicologia transpessoal; e vários outros.

O cuidado com a criança interior, o respeito ao mestre interior e o cultivo do guerreiro interior. Essas e outras práticas e sabedorias me humanizaram aos poucos, regenerando meu corpo, reformando minha mente e alimentando meu espírito, me levando a construir novas percepções sobre o homem, a vida, sobre nosso destino e sentido de ser.

Após o estreitamento de minha relação com o xamã Ubiratan, com outros xamãs e com os elementos xamânicos, o xamanismo começou a aparecer em tudo. Livros, filmes, músicas, poesias, ciências, fazeres cotidianos e encontros já possuíam sinais dessa sabedoria que estava adormecida ou invisível para mim. Comecei a ficar atento e sensível a cada coisa que alimentasse um caminho que se fez, verdadeiramente, ao caminhar. Confirmações que me maravilhavam pela sincronicidade, por sentir uma verdade e um apelo de cuidado por tudo aquilo que se apresentava a mim carregado de sentido, de vida e de sagrado.

Muitas vezes, senti nos xamãs que conheci a energia do Zaratustra, o mesmo falado por Nietzsche, que saía de sua caverna para anunciar sabedorias, mas que eram ignoradas pela civilização. Os percursos de sabedoria, com suas luzes e sombras, a sede de conhecer cada coisa xamânica, foram como verdadeiras jornadas que me renovaram, formaram meu caminho, reformaram minha vida.

As vivências, práticas e experiências no xamanismo têm sido um misto de mistério, conhecimentos práticos e transformações do corpo e da mente. Uma verdadeira reforma do pensamento. Se realiza com firmeza e aos poucos, como a pintura de grafismo indígena, que à medida em que é desenhada na pele, vai mostrando sua força e conexão com vários elementos. Um tecido de conhecimentos e práticas se compõe e toma forma e força.

As raízes de cada sabedoria se revelam e são sentidas na pele, dialogando com nossa memória ancestral, com os espíritos das coisas, despertando nossa herança genética e cósmica. Os elos entre os elementos que nos compõem, e os mesmos que compõem o universo, se manifestam em potencial, tornando significativo e precioso esse processo, tornando-se vital no percurso do ser.

Nossa relação com os reinos vegetal, mineral, animal, espiritual e com os povos das estrelas, dos oceanos e cosmos se potencializa ao ponto de concebermos a sacralidade da presença de cada um e a retroalimentação permanente que nos compõe como comum-idade (comunidade). As infinitas relações, aos poucos, se tornam visíveis, permanentes, e não podem mais ser ignoradas. Se rejeitada, essa relação concebida, a incompletude é sentida de imediato e é insubstituível.

Nessa apreensão aflora uma variedade de sentimentos pela natureza, nossa grande mãe, em que o cuidado e o carinho conosco deve ser retribuído. Ela se torna o grande espírito de sabedoria, de vida e ao qual reverencio e ouço seu chamado.

Nesse longo processo de novas transformações, de novos fluxos xamânicos, se constituiu um novo diagrama para a minha pesquisa.

Imagem 02. Novo diagrama do fluxo xamânico.



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

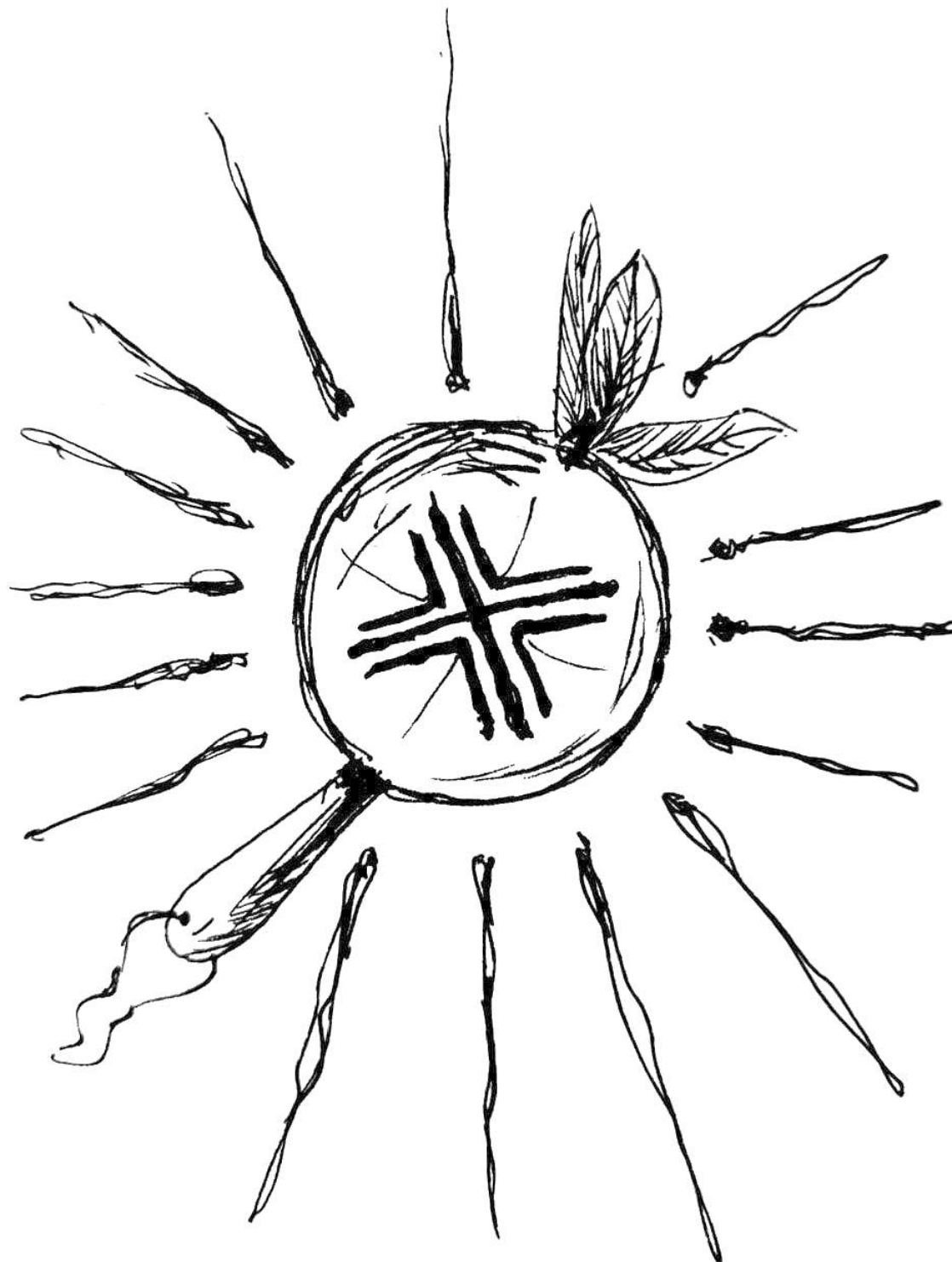
Ao passar do tempo, aquele holograma anterior foi repensado, com novas leituras sobre o que entendo ser um salto na compreensão dos elementos que compõem o xamanismo. Com essa nova percepção, meu caminho epistemológico pelas jornadas se ampliou e segue esse novo fluxo.

Foi a hora do círculo, de entrar no ciclo, chamar as forças, deixar fluir e alimentar-se dos conhecimentos xamânicos. Um *bricoleur* de energias, elementos, ritos, mitos e diferentes medicinas. Momento de estar atento às histórias, aos ensinamentos, danças, músicas, poesias, rezos, silêncios, símbolos, sinais e muitas vozes que ecoam quando estamos ao redor da fogueira.

Ao redor da fogueira é quando me encontro com os xamãs, com as evocações, estados sutis e de êxtase do xamanismo. Representa a visceral forma da arte xamânica: de frente para o fogo. Boa parte dos giros na espiral foram consequência de minhas vivências que expressei

por meio de *mirações*, poesias e, principalmente, no convívio com os xamãs que compõem “meu céu”.

QUARTA JORNADA



Educação para o presente e o sensível

Ao educador cumpre ajudar o aluno a compreender a complexidade de seu ser integral.

Jiddu Krishnamurti

“Quanto mais o homem se distancia da natureza, mais ele adoecer”, disse o xamã Kuaracy Pajé Katu em um de nossos encontros na Oca de Cura. A partir dessa sábia frase, ele falou da potência que há na relação entre o homem e a natureza, principalmente, o que chamamos de cura.

Assim se seguiram vários ensinamentos do pajé para um viver em sintonia com a natureza:

A sobrevivência de nossa espécie é impossível sem a natureza que nos alimenta, nos dá abrigo, tem seus remédios, sua cura. Quanto mais o homem se afasta da natureza, ele perde o conhecimento que está nela para se curar e isso é um erro. Os conhecimentos da tradição são valiosos demais. É simples: basta reverenciar e aceitar a cura que a natureza nos dá todos os dias.

Após tal fala, segurando o tambor próximo ao coração, o pajé cantou uma canção da tradição xamânica muito conhecida entre as comunidades indígenas do Rio Grande do Norte, que diz: “sou da terra, sou da água, sou do fogo e sou do ar” (seguindo esse estribilho em diferentes tons, a música é geralmente cantada na abertura de rituais ou em rodas de Toré).

Após tocá-la repetidas vezes, como um mantra, o xamã falou um pouco do sentido da música. Para ele, falar que somos da terra, da água, do fogo e do ar significa reverenciar os elementos que compõem o todo e cada parte que forma a Mãe-Terra. Compreende-se também o nosso alinhamento como seres do universo, constituídos dos mesmos elementos. Isso nos alinha de forma energética, recolocando o homem como participante, com igual importância e necessidade, no grande

círculo em que estão todos os seres. Ele finalizou o discurso com “Kuaracy Pajé Katu falou”.

A dimensão de sua fala simples e de força oral, típica dos xamãs e pajés da cultura ágrafa, compõe um complexo de conhecimentos tecidos dentro de um tempo imemorial. Aqui, abrigo algumas reflexões que envolvem cultura ágrafa, oralidade e o modo de construção dos conhecimentos por alguns xamãs e pajés. São homens que não se utilizam da escrita para registrar seus conhecimentos e mantêm a oralidade como forma de difusão da sabedoria adquirida. A contação de histórias sagradas é repetida diversas vezes para que o ouvinte compreenda, em cada repetição, a sutileza da sabedoria e possa aprender também a repassá-la com a mesma astúcia.

A cultura ágrafa parece considerar o pensamento dinâmico, em permanente transformação, sendo o ato de escrever uma forma de aprisionar o pensamento. Davi Kopenawa, em trechos de seu livro *A queda do Céu* (2015), argumenta que o homem branco tem necessidade de descrever o que sabe na “pele de árvore” (como chama o papel), acrescentando que a memória do homem branco está obscurecida pela ganância de mercadoria.

Alguns indicam haver também um modo simplificado na fala dos indígenas e xamãs, como se fosse uma economia da palavra típica desses atores. Prefiro ficar com a ideia de que “para bom entendedor, poucas palavras bastam”, isso porque o indígena já está inserido e vivenciando em seu cotidiano o que o xamã ou pajé está ensinando. Podemos também pensar que o uso de frases pequenas, simples, mas de grande potência e permanência, como são as sabedorias arcaicas, possa indicar a forma de construção do conhecimento pelos xamãs por meio de longas reflexões, chamamentos de forças e espíritos, intuição aguçada e várias outras vias, o que diverge do pensamento ocidental, no qual impera a rapidez, a redução e o que chamam de eficiência.

A construção de conhecimentos e a forma de repassá-los pelos xamãs exigem um tempo diferente em que a fala e as ideias seguem

um fluxo de observação, escuta, experimentação, criação ampliadas, mais concentrada e menos redutoras.

Retomando a necessidade de ampliar essa relação do homem com a natureza, anunciada pelo pajé, o gerador principal dessa ideia são os saberes da tradição indígena, que mantêm a sabedoria da floresta viva, evocando e reverenciando as forças dos elementos, como fizeram os ancestrais mais longínquos e, assim, conectando-se com uma sabedoria e ensinamentos que mantêm viva uma herança cósmica que se traduz na cultura.

Partindo também de outros diálogos com xamãs, emerge a ideia de que uma mudança de pensamento parece ser a via principal da cura de si e do mundo, em oposição a uma forma de pensar que se afasta cada vez mais da natureza e que faz adoecer, não só o homem, mas também a biosfera em que vive. Esse pensamento obscuro, vidrado na mercadoria, como falou Kopenawa (2015), se torna hoje uma ameaça fatal para todos os seres.

O xamã, como representante do povo Yanomami, nos fala que

Quando todos nós tivermos desaparecido, quando todos nós, xamãs, tivermos morrido, acho que o céu vai cair. É o que dizem nossos grandes xamãs. A floresta será destruída e o tempo ficará escuro. Se não houver mais xamãs para segurar o céu, ele não ficará no lugar. (KOPENAWA, 2015, p. 153).

Davi concebe os saberes da tradição como base da sustentabilidade da vida no planeta e indispensável diante das atuais catástrofes socioambientais. Em todo o seu livro, ele pensa a relação entre a floresta e o fim do mundo, sendo a destruição da floresta Amazônica o fim dos xamãs, já que não poderão mais ouvir os espíritos da floresta. A sustentação do céu pelos xamãs é a metáfora para falar que aniquilar a floresta é o fim da força xamânica, da sabedoria milenar que mantêm a vida.

Trata-se de um pensamento que dialoga com os saberes da tradição, impulsionando a retomada de uma cosmopoética presente

no pensamento xamânico, preservado nos povos originários, revisitado na sabedoria ancestral e acessado na dimensão espiritual pelos xamãs, por meio de práticas, comunicações, ritos e mitos.

O xamã parece se alimentar de algo vivo que a natureza lhe oferece. Vivo e presente, atento ao agora, ao seu corpo, sua mente e isso aflora um modo de pensar. A constituição do corpo, os sentidos, as ações passam a ser direcionados à construção de um ser por inteiro, ao mesmo tempo que constrói seu caminhar epistemológico.

Nesse movimento, o estado de presença é como uma chave, um gatilho mental que suspende aos poucos o pensamento sobre o futuro e o passado e nos repõe no presente. Torna-se uma via para pensarmos a si, no outro e no mundo. Esse presente é o ponto central da obra do filósofo indígena Daniel Munduruku, xamã que inscreve suas memórias, pesquisas e saberes no papel para ensinar ao povo da cidade o que o povo da floresta lhe ensinou.

Nesta quarta jornada, retorno ao ponto de partida para reencontrar o novo xamã que nos ensinará a estar no presente, a educar os sentidos e a escutar o silêncio, para ser possível compreender o nosso curso no rio. Conceitos vivos meditados por Daniel Munduruku, amplificados em sua vasta obra.

Esse pensador indígena do povo Munduruku possui marcante atuação na disseminação da literatura indígena brasileira. Possui dezenas de livros publicados em sua *Livraria Maracá*, que também divulga outros autores indígenas. Ganhou várias premiações por suas obras e realiza debates instigantes sobre cultura indígena e literatura em seus canais. O considero um dos maiores pensadores do Brasil.

Daniel Munduruku, indígena brasileiro, escritor e etnofilósofo, é um dos pensadores que trazem para o diálogo em seus livros e palestras uma cosmoética presente na tradição de seu povo, na qual a ancestralidade é a grande voz que ensina a estar no presente. Construindo caminhos que levam a uma educação de base complexa, Daniel tem dialogado com várias áreas do conhecimento que

entrelaçam seus escritos, sendo também uma voz de resistência há décadas.

Ele nos alimenta com pensamentos para enxergar a educação de forma ampla, emaranhada com a nossa existência, nos pondo como educadores e educandos, cada um em seu fluxo, e nos faz pensar e repensar a educação como jornadas da vida.

Em cada fase do humano coexistem vários ensinamentos e aprendizados, seguindo o compasso da natureza, aprendendo com seus ciclos, na inteireza do espírito de cada idade que se envolve na trama de seu caminhar sobre a terra.

São ideias desse contador de histórias que move a jornada atual da tese, para pensarmos ensinamentos xamânicos, como saberes da tradição e reservas de pensamento que formam o ser por inteiro.

A obra de Daniel Munduruku nos leva à origem do caminho, a lembrar ensinamentos antigos, reverenciar o saber que permanece por séculos e reler "os dizeres que moram nas entranhas da terra, debaixo das folhas secas, entre cadáveres e carcaças do mundo" (MUNDURUKU, 2014, p. 15).

Uma das ideias potentes expostas por Daniel, transposta da floresta de sua vivência, é nos conduzir ao presente, tomando-o como um presente do universo, exercício também realizado por xamãs. Uma localização geográfica, espiritual, social, política e existencial que amplia tanto a percepção de si, como também do outro, compondo nossas múltiplas correlações no mundo e com o todo em retroalimentação.

Colocando o presente como dínamo, orientando nossos pensamentos e ações, essa ideia se torna potente ao mover a cognição para um estado de presença que destoa do credo ocidental, ao insistir em nos fazer pensar o futuro, suprimindo o presente e o passado, onde se encontra a memória dos povos originários.

O futuro se revela como flutuação diante da composição de um pensamento guiado e vivido no presente. O tempo é tomado com um

novo sentido, dissolvendo a competição, o frenesi, a "eficiência programada", a violência do mercado e tudo o que está associado ao futuro utilitarista como lugar do progresso humano. O tempo se torna o presente a ser aberto, vivido, agraciado, poetizado, sonhado, desfrutado e incorruptível. Um verdadeiro presente diário oferecido pelo grande espírito, como Daniel expõe.

Pensar o presente, como propõe Daniel, oferece uma mudança radical, ou podemos dizer uma retomada do pensamento dos nossos povos originários do Brasil, que de forma intencional nos move a ver a vida, a nós mesmos, aos outros e o conjunto das coisas como um corpo único. Um corpo que convive num fluxo imprevisível, em que cada ser tem sua participação e responsabilidade de manter seu papel energeticamente.

Ao pensar o presente no presente, em estado de presença, ocorre uma mudança cognitiva que nos localiza no universo dentro de um espaço do agora, em uma memória coletiva construída de uma ancestralidade revisitada permanentemente e mantém viva a energia de uma comum-unidade (comunidade) de destino e de espécie.

Aos poucos, realinhamos a mente, o corpo e o espírito, aos seres e aos elementais como um corpo único, num fluxo comum de diferentes variações e direções. Considero esse pensamento como um ensinamento xamânico potente que metamorfoseia o homem ao situar todos no universo, no tempo fora do tempo, na perspectiva planetária como integrante desse organismo vivo, inexplicável e em expansão. Passamos a nos compreender como parte e todo ao mesmo tempo.

O presente, o hoje, o agora são mais do que elementos temporais, são categorias dinâmicas que dão fluidez, potência, vitalidade e fluido para criar. Estar no presente é aprender com o momento e poder criar.

Ao vivenciar o presente, acolher e propagar sua energia e entender o xamanizar dessa ideia, podemos crer na sua potência, como expressa o próprio Daniel Munduruku:

O hoje começa e termina em mim. O hoje é minha eternidade frágil, lapso de luz de um raio que ilumina por um tempo infinitamente curto. Só hoje EU SOU. Só hoje estará tudo bem. Só hoje estará tudo bem. Só hoje serei mais risonho, alegre, forte. Só hoje trarei meus sonhos à baila e dançarei com eles a harmonia do Universo. Só hoje murmurarei melodias inaudíveis para sintonizar a música da natureza. (MUNDURUKU, 2014, p. 16).

Ao pensar no presente, os ciclos ao qual fluem as organizações, desorganizações, interações e outros movimentos, podemos alcançar o entendimento de nossa integração plena ao cosmo. Isso envolve o processo de autoconhecimento, como uma das vias principais para encontrarmos a conexão com a energia da vida, sendo também uma via para nos reconhecermos como irmãos de todos os seres. Esse entendimento descortina um pensamento ancestral circular no qual vivemos, independentemente, mas que sua compreensão se esfacela aos poucos, principalmente na educação escolar instituída.

Como bem observa Daniel Munduruku,

Infelizmente, a escola corrompe o pensamento circular da criança (...) é na escola que ele aprende a entortar o pensamento e a se distanciar da circularidade da vida. É na escola que ele vai começar a distanciar o seu eu do ser do mundo. É onde vai abandonar sua compreensão real dos sentidos da existência. A escola lhe oferecerá, em troca, um futuro linear, todo planejado, todo certo, todo pensado, todo preparado. (MUNDURUKU, 2014, p. 28).

Esse é um dos focos principais de sua crítica ao "pensamento torto" do Ocidente, que desenraiza as gerações e impõe um pensamento oco, sem sentido, apontando metas e ideias de disputa, separação e fragmentação, cortando nosso laço com a teia da vida que nos une. Na intenção de reconexão, Daniel propõe a retomada de um pensamento circular ancestral que reanime as gerações, recolocando-as novamente no círculo, dando as mãos aos vivos, reverenciando a sabedoria que sustenta, a milênios, os povos originários do Brasil.

Em *O banquete dos Deuses* (2009), Daniel sintetiza o sentido de geração e continuidade, ao propor o pensamento de que

somos a continuação de um fio que nasce muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas, completado, remendado, costurado e continuado por nós. De uma forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia. (MUNDURUKU, 2009, p. 16).

Nesse mesmo livro, Daniel fez uma pergunta para a qual a resposta é urgente e essencial. Ele pergunta se o professor conhece sua ancestralidade. Tal questão está relacionada a várias outras, dentre elas, a nossa relação com nossa família ancestral e, principalmente, nossa forma de pensar o mundo e a vida, o que nos leva a refletir o presente enquanto momento de continuidade de uma sabedoria antiga surgida e alimentada por milênios, onde habita a energia das antigas gerações.

Daniel nos provoca a pensar uma educação em que "é preciso trazer a figura dos antepassados para dentro da escola. Trazer suas histórias, seus comprometimentos, suas angústias, sua humanidade" (2009, p. 18). Pesar tais questões é o portal para novos aprimoramentos do ato de educar.

A educação para o presente caminha ao lado de uma educação sensível. Juntas, educam os sentidos do indivíduo em sintonia com a sabedoria ancestral. Nesse olhar, a importância dos saberes indígenas amplia-se ao transversalizar áreas de conhecimento, afirmando-se ser um pensamento complexo sobre a vida, o homem e a natureza.

Nas palavras de Pimentel, pesquisador dos saberes indígenas,

Os conhecimentos que possui uma pessoa respeitada como xamã, ou pajé, podem passar por campos distintos como a botânica, a medicina, a zoologia, a ecologia, a etologia animal, a meteorologia, a filosofia, a música, a química, a psicologia, a nutrição e a história, entre outros. (PIMENTEL, 2012, p. 69).

Daniel nos lembra incansavelmente em suas falas que não somos donos da teia vida, como uma resposta direta ao pensamento que insiste em dominar, manipular e explorar a natureza. Somos parte dessa teia à qual devemos velar. Uma resposta dada por vários outros pensadores, ativistas e movimentos que enxergam claramente a relação de um modo de pensar que esgarça a natureza para obter capital. Uma resposta direta aos que seguem no frenesi do capital, animados pela sede insaciável do lucro que logo se tornou o motor da degradação da biosfera e também da antroposfera.

Tendo a natureza como principal educadora da vida, propõe-se também refletir sobre o modo de pensar científico ensinado nas escolas e que ressoa no trato com a natureza, emergindo o status atual de barbárie, destruição causada por essa forma de pensar da tecnociência.

Uma educação que instiga a pensar o presente é uma valiosa proposta para reformamos as instituições educacionais. Estar no presente é um ensinamento dos povos arcaicos, do pensamento xamânico, para o homem contemporâneo.

Norval Baitello Júnior (2019), renomado pesquisador brasileiro, filósofo da comunicação, em seu livro *Existências penduradas*, se dispõe a fazer uma ecologia das imagens, pensando o presente e os novos ambientes em que passamos a viver. Num de seus textos, ele nos instiga a pensar que "sempre estamos à frente, no futuro e acima de onde se encontre nosso corpo" (BAITELLO JÚNIOR, 2019, p. 28), movimento fruto da aceleração da vida e do tempo, somado à imagem que almejamos, sempre no futuro. Parece que nunca estamos no presente, superalimentando o futuro.

Estar no presente é, assim, nos desligarmos de algo imaginário e imaginado a que chamamos de futuro e "que nada são senão imagens sem garantia nenhuma de realização" (BAITELLO JÚNIOR, 2019, p. 29).

Estando presente e em estado de presença, podemos transitar por nossos infinitos e transfinitos, em nossos infinitos interiores.

Para fechar este diálogo sobre a potência do presente, podemos compreender que, ao acioná-la, tal estratégia de pensamento proporciona despertar as potências humanas para o envolvimento da vida, sendo, assim, uma forma de cura. É para o presente que Daniel Munduruku nos traz que na tradição de seu povo é preciso manter uma educação "para o presente, para o agora", conforme também defendem os anciões, pajés e xamãs. Essa é a forma ancestral de educar.

Para que a tradição faça sentido, é preciso respeitar as fases do indivíduo, o que constrói sua integralidade, no respeito do ser criança, do ser adulto e do ser velho, cada um com um papel a ser assumido, seguindo o fluxo natural da vida.

Nas palavras de Munduruku, "é necessário e urgente educar nossas crianças para viverem seu presente, caso contrário, correremos o sério risco de criar cidadãos infelizes." (2014, p. 58).

Outro conceito inspirador trabalhado por Daniel é a educação dos sentidos a qual enxergo também com um ensinamento, presente nas práticas e conhecimentos xamânicos.

A educação dos sentidos parece emergir também do estado de presença. Educar os sentidos não só para a sobrevivência, mas também educar os sentidos da existência. O presente passa a evocar seu profundo sentido, quando proporciona percebermos os sentidos.

Em sua relação diária com a floresta, educar os sentidos não é apenas aguçar habilidades. Nas palavras de Daniel, "estar atento ao que acontecia na floresta era uma etapa necessária para aperfeiçoar o outro olhar que educaria o espírito: aquele que vê os mistérios por trás dos sentidos" (MUNDURUKU, 2014, p. 50).

Captar os sentidos do ser, aprimorar o caminhar xamânico, é uma forma de constituir-se como ser em permanente movimento de plenitude. É a construção do ser complexo.

Para encontrarmos pistas desse processo de rompimento, é preciso pensar a fragmentação do saber e a negação da diversidade como marcos de um processo maior de destruição do humanismo pleno, que afeta fortemente o processo de ensinar e aprender os sentidos.

A educação lida com problemas diversos e em diferentes dimensões, sendo urgente retomar a reflexão sobre sua missão de construir uma sociedade com mais solidariedade, cooperação e respeito. É preciso pensar uma educação como via para a construção integral do sujeito para que possa compreender o outro e atuar como transformador de sua sociedade.

Pensar o ato educativo de forma complexa, em suas várias conexões, é tarefa difícil, mas imprescindível diante das transformações atuais que requerem um novo pensar para a compreensão dos problemas cruciais de nosso tempo. É necessária uma "reforma do pensamento e da educação".

Edgar Morin, em consonância com Daniel, sugere uma educação que ensine a viver, enfatizando que

a escola atual não fornece o viático benéfico para a aventura de vida de cada um. Não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira. (...) ele não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem viver. Ela não ensina a viver senão lacunarmente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial." (MORIN, 2015, p. 54).

Para uma educação para a vida, é necessário apreender a importância de se debater seus elementos construtores e os interditos. A partir daí, construirmos os passos para uma reforma do pensamento que provocará a projeção de uma educação do futuro.

A educação escolar está fundamentada na ciência clássica, apresentando conhecimentos como propedêuticos e desenvolvendo o método científico como base para alcançar conhecimentos "válidos e

confiáveis”, transformando os conteúdos em verdades exclusivas de cada disciplina.

Essa ciência clássica que prevalece até hoje como principal forma de ler o mundo é dominante na educação escolar e apresenta um discurso científico pautado na eficácia e na evidência, sendo categorias vistas de modo crítico pelas ciências da complexidade. Tal ciência da racionalização patológica e utilitarista tem “a procura crítica da verdade como critério último em matéria de formação, na esperança de um encontro harmonioso entre verdade, libertação das alienações internas e externas, e justiça social” (ATLAN, 1993, p. 100-101).

Historicamente, um sistema escolar universal, padronizador foi pensado em função de um ideal de homem europeu, entre os séculos XV a XVIII. As escolas e universidades se tornaram lócus de difusão de um saber exclusivamente racionalista que dogmatizou a ciência como linguagem universal. Desde então, esses espaços formadores se fecharam, limitando-se a ensinar “um método único e uma forma de pensar”, afirma Almeida (2017, p. 91).

Ao organizar seu método de conhecer, a ciência clássica afirma verdades unitárias, axiomas e provas. Portanto, outras formas de conhecer que não compartilhem dos seus princípios passam a ser rejeitadas. Ao separar a cultura humanística da cultura científica e excluir-se do diálogo com saberes milenares, a ciência se fez fragmentadora. Elementos que levaram ao pensamento fragmentado ressoaram evidentemente em diferentes dimensões, chegando às instituições e documentos, marcadamente na educação. Escolas e universidades seguiram o mesmo caminho unilateral e reducionista, pois seus currículos têm um padrão conteudista, com especialidades não comunicantes.

A ciência clássica produz a ideia do que é e o que não é ciência, negando os saberes ancestrais que compõem uma constelação de formas outras de ver o ser e o cosmo, ambos contendo um rico conhecimento sobre o homem, a natureza e suas interações. Na análise

de Henri Atlan, "foi a ciência moderna que se separou de tudo isso, tendo adquirido a sua eficácia operacional e teórica graças a essa separação" (1993, p. 124).

Sobre os conteúdos trabalhados atualmente na educação escolar, argumenta Morin que "os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não consegue conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da nossa época" (MORIN, 2016a, p. 17).

A educação formal, como instrumento de preparação das novas gerações, está diante de problemas em diferentes dimensões. Assim, é urgente retomar a reflexão sobre sua missão, em que um dos princípios fundamentais é construir uma sociedade com mais solidariedade e respeito, não reduzida às pretensões utilitaristas, neotecnicistas e neoliberais.

Ao apreender esse contexto que envolve questões cruciais sobre a educação, entendo ser preciso pensar a forma de educar dos nossos ancestrais, como apreendemos no pensamento de Daniel Munduruku. Uma educação presente, sustentada pelos saberes de uma tradição milenar e construída pelos saberes que a natureza apresenta.

Daniel apresenta em seus livros as sabedorias de seu avô Apolinário. Um dos ensinamentos diz:

Com os olhos inflamados por um estranho estado de êxtase recomendava: "Se vocês quiserem saber como foi o começo de tudo, perguntem ao nosso irmão mais velho, o fogo; se quiserem entender onde mora a alegria, pergunte à água cristalina, pois ela vem da fonte da alegria; querendo saber as notícias dos espíritos, questionem o irmão vento, pois ele vem de longe; se querem saber qual foi o som da criação, pergunte à Mãe Terra, pois ela tudo gerou". (MUNDURUKU, 2009, p. 28).

Esse ensinamento xamânico, que nos põe diante de uma natureza sábia, se manifesta a partir de uma consciência no presente e que educa o sentido. A sutileza e a sensibilidade para captar as

respostas irão depender do quanto experimentamos a potência da vida e a memória que nos sustenta diariamente.

Podemos apreciar a potência da vida ensinada pela natureza, por cada um de seus reinos, para humanizar o homem. Alguns desses xamãs, pajés, curandeiros, artistas e vários outros são veladores desses saberes que humanizam. São esses saberes que ampliam nossa compreensão sobre a vida, sobre nós mesmos e os outros.

Finalizando esta quarta jornada que pensa uma educação de base complexa, exponho algumas pistas que Munduruku nos dá de um pensamento que respeita e reverencia a Mãe-Terra. Uma sabedoria velada pelo xamanismo, que pode ainda humanizar uma sociedade que se distanciou dela.

As pistas para essa regeneração da civilização atual podem estar nestes ensinamentos indígenas ancestrais: 1) entender a Terra como mãe, como sagrada e reverenciá-la; 2) que o ser humano possui sua importância na permanência da força criadora, possuindo o mesmo caminho dos outros seres vivos, pois todos são manifestação da criação; 3) "o mundo tem uma alma", um espírito que nos ensina e humaniza. Para isso, como receita Munduruku, é preciso dançar e cantar, "invocar o som imemorial escondido no coração do mundo" (2009, p. 31). E 4) ter a gratidão à Mãe-Terra pela dádiva da vida e, por isso, precisamos manter o ritual, reverenciar, "praticar nosso sentido de pertencimento" e "ter clareza de que são parte da grande teia da vida" (MUNDURUKU, 2009, p. 32).

Considerando que a educação ensinada nas escolas fomente valores como a cooperação, gratuidade, generosidade, simplicidade e uma relação respeitosa entre homens e com a natureza, por exemplo, entendemos ser necessário que as instituições educacionais, escolas e universidades, vislumbrem a possibilidade de contaminar-se também com sabedorias locais que estão no DNA da diversidade sociobiocultural brasileira. Assim, para abrir-se ao cardápio da diversidade de saberes nas universidades, reforçamos a urgência de

uma reforma do pensamento e da educação (MORIN, 2016a). Tal reforma sugere um reencontro com reservas de civilização, com sabedorias ancestrais, como a pajelança e o xamanismo.

Segundo Daniel Munduruku, “o indígena se sente como pertencente à natureza, como uma espécie entre outras [...]. Ao pensar assim, o indígena compreende que sua participação na grande teia da vida, é basicamente fortalecê-la para que todos os seres vivos possam usufruir das dádivas que ela oferece” (MUNDURUKU, 2017, p. 53).

O ato educativo no xamanismo está presente em sua prática, apresentando saberes para o conhecimento de si, do cosmo e da natureza, a fim de atingir o que alguns xamãs denominam de humanismo pleno, caracterizado como condutas de solidariedade, cooperação, compreensão do próximo e respeito a todos os seres presentes na dimensão física ou não.

O educador indígena Daniel, então, apresenta reflexões sobre uma educação complexa que atenta para a necessidade de compreendermos a importância da aproximação entre os saberes da tradição e os saberes da ciência, discutindo as formas de concepção, suas especificidades, ressaltando que a educação acontece em todos os espaços e deve ser realizada por todos.

Nessa perspectiva, tomamos a ideia geral de que os conhecimentos e as práticas do xamanismo contribuem para pensar uma educação complexa, destacando a importância dos saberes ancestrais para pensar novos horizontes educacionais, os princípios de uma ecologia das ideias e a formação em rede de conhecimentos diversos.

Nas palavras de Conceição Almeida, uma verdadeira nova aliança, entre cultura científica e humanística só é possível a partir de uma ecologia das ideias que acolha saberes milenares da tradição dos quais se valem numerosas populações do planeta (ALMEIDA, 2017).

Concluo este texto com uma oração indígena que Munduruku repete em suas apresentações e que tem uma mensagem de

educação para a vida, ensinada pelos antigos povos indígenas do mundo. Uma prece de gratidão à vida, aos ensinamentos e reverência à sabedoria do grande espírito e dos ancestrais. Palavras para reverberar em nossa civilização. Este é um fragmento da oração xamânica dos nativos Sioux.

[...] Faça minhas mãos respeitarem as coisas que Você fez,
e meus ouvidos atentos para ouvir a Sua voz.
Faça-me sábio para que eu possa
entender o que Você
ensinou ao meu povo e a lição
que escondeu em cada folha
e em cada pedra. [...]

Xamanismo para adiar o fim do mundo

Os xamãs estão entre os responsáveis pela sustentação dos saberes da tradição. Possuem conhecimentos milenares e experiências que ensinam a preservar a memória, a natureza em seus ciclos, os mitos, os ritos, as conexões entre mundos, a alquimia da cura, os espíritos da floresta e o elo com as forças da transcendência.

É no xamanismo que encontramos o homem multidimensional com técnicas apuradas que permitem transcender a realidade, estabelecer comunicações simbólicas e ampliar sentidos, indo além da dimensão física, agregando à sua ciência a poética e a espiritualidade.

Constroem seus saberes dentro de outra cosmologia, com outra estética e princípios éticos, aprimorando seu olhar, sua escuta, seu sentir, tornando-se mais sensíveis às vibrações e energias dos seres e dos elementos. É nesse processo caro ao xamã que ele se afasta do modo de pensar utilitarista e pragmático que domina o pensamento da sociedade globalizada, resistindo às fragmentações e reduções da vida, das relações e do pensamento.

O xamã Davi Kopenawa reconhece como uma tragédia humana e cosmológica a destruição do território de seu povo Yanomami causada por garimpeiros (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Entende a predação mercantil como uma destruição da ordem cosmológica dos fenômenos ecológicos e meteorológicos (migração da caça, fertilidade de plantas silvestres, controle da chuva, alternância das estações), construindo a cosmovisão de uma *queda do céu*, mito que anuncia a morte dos xamãs em consequência da devastação da natureza e, com isso, o afastamento do espírito da floresta.

Para Davi, não se trata apenas de preservar a existência física, mas também de toda espiritualidade intrínseca, revelando a indissociável conexão entre os aspectos físicos e metafísicos que compõem a natureza. Para ele, as ações dos garimpeiros são uma subversão mortífera da ordem do mundo e da humanidade. A raiz do problema está na forma de pensar.

Em sua concepção, o pensamento do homem branco (referindo-se ao pensamento pragmático e utilitarista ocidental), está numa escuridão confusa, obscurecida pela mercadoria que o leva a se pôr como inimigo da floresta ao entendê-la como inerte. Sua crítica fundamental é sobre o fascínio do homem pela mercadoria, que o leva a um pensamento mortífero, sendo tomado por um espírito canibal (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Kopenawa narra essa cosmovisão para repreender também os conceitos de natureza e conservação, construídos intencionalmente nas narrativas de mercadores travestidos de protectionistas.

Aproximando-se dessa apreensão, Ailton Krenak desenvolve suas ideias para *adiar o fim do mundo*, enfatizando a ativação de redes de solidariedade, de cooperação entre os povos, para mantermos a nossa coesão como humanidade, a corresponsabilidade e o respeito pelo direito à vida dos seres.

A simples ideia de a Terra ser um organismo vivo pode mudar essa tendência de matarmos tudo ao nosso redor, diz Krenak. Porém, a

forma de pensar que separa o homem da natureza e a trata como mercadoria também nega os saberes ancestrais, por meio de uma narrativa fragmentadora que “suprime a diversidade, nega a pluralidade de formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todos” (KRENAK, 2019, p. 19-23).

Por isso, é necessário defender a manutenção de vínculos profundos com a memória ancestral como referências que dão sustentação a uma identidade. Poder contar mais uma história, como estratégia de adiar o fim do mundo e manter o céu suspenso, como ampliação de nosso horizonte existencial, são estratégias para entendermos a natureza como “dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência” (KRENAK, 2019, p. 43).

As condutas de solidariedade e respeito aparecem amplas nos textos do xamã Kopenawa, característica do xamanismo que inclui uma conotação sagrada a todos os seres, aos espíritos, e, por isso, os consideram essenciais para a vida, estando todos conectados por laços imperceptíveis. São essas noções inspiradas na própria natureza que constroem seus vínculos, comunicações e interconexões em meio a metamorfoses, mortes e renascimentos.

O pensamento indígena, no sentido primitivo (primeiro), possui suas práticas arraigadas no pensamento de comum-idade, companheirismo e participação. O xamã, por meio de mitos e ritos, preserva, repete e pratica, hoje, esses princípios éticos de existência plena.

Daniel Munduruku lembra as palavras de seu avô que diz: “Enquanto houver um único pajé sacudindo seu maracá, haverá sempre a certeza de que o mundo estará salvo da destruição” (2017, p. 59).

Essa sabedoria ancestral nos ensina que somos parceiros da natureza; cada coisa criada está em sintonia e possui sua sabedoria. Dito em outro livro, Munduruku enfatiza: “estamos neste planeta para

cuidar dele e não para sangrá-lo à exaustão” (MUNDURUKU, 2010, p. 27).

Ele nos inspira a entender os saberes xamânicos como experiências de humanidade, sobre a própria vida e fundamentais para caminhar sobre a terra. Cumprem o papel de provocar esse pensamento ocidental e linear que permeia a mente predatória, que olha para a realidade apenas como uma linha do tempo e a natureza como recurso explorável.

É preciso que as pessoas comecem a perceber que existem outras possibilidades de circularmos nesse mundo, que não apenas a circulação de mercadoria, de produção, mas também de existência e de relações (KRENAK, 2019).

Os saberes construídos pelos xamãs, pajés, curandeiros, feiticeiros, raizeiros, astrólogos são ciências. Assumir essa afirmativa é compreender a validade e a potência desses saberes para a organização e sobrevivência das sociedades tradicionais. Produzidos por estratégias diferentes, tais saberes devem ser apreendidos como complementares aos da ciência oficial para pensar a sustentabilidade das sociedades e da natureza. Saberes da tradição e saberes científicos precisam se olhar para construir uma aliança em benefício de seu destino comum e o destino do planeta.

Morin contribui com um conjunto de elementos imprescindíveis para dialogarmos sobre sustentabilidade, ao apreender a perversa relação da globalização com a natureza. No livro *Rumo ao abismo* (2011b), Morin aponta as consequências catastróficas promovidas pelo que denomina de quadrimotor: ciência, técnica, capital e lucro, que avança impiedosamente contra a natureza. Essa face cruel da globalização precisa ser estancada pela face boa da própria globalização, que conecta a todos e nos põe como pertencentes a uma comunidade de destino comum, sofrendo os mesmos riscos e problemas fundamentais, sejam ecológicos ou econômicos, e que permite nascer um novo mundo.

No livro *Saberes globais Saberes Locais: o olhar transdisciplinar* (2008), Morin dialoga com o indígena Marcos Terena sobre os conhecimentos usurpados pela ciência. Para o indígena do povo Terena, “Não era este o sonho que nossos antepassados queriam para a nossa civilização” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 18) e propõe como via uma aliança em que “a ciência do branco precisa conversar com a ciência indígena” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 21). Pede que os saberes indígenas, como patrimônio, sejam protegidos e revertidos para o bem-estar da humanidade.

Tal atitude representa a junção de pilares éticos presentes na base dos saberes da tradição: aliança, cooperação, respeito, partilha e comunhão. Ainda nesse livro, Morin reconhece a importância dos saberes indígenas como “conhecimentos muito sutis sobre o mundo vegetal e animal, sobre modos de cura” (2008, p, 26), esfacelando a ideia do mundo europeu que entende a sabedoria concentrada apenas em sua civilização ocidental.

As ideias, conceitos e iniciativas propostas revelam a base ética dos saberes da tradição, fundamentados em valores e ações praticadas até hoje nas comunidades arcaicas em que a solidariedade, a cooperação e a comunhão são inspirações vindas da própria natureza, concebidas por pajés, xamãs, curandeiros e pessoas sensíveis às várias relações entre os seres.

A potência dos saberes ancestrais brota da experimentação, da intuição, dos sonhos, das evocações e das comunicações simbólicas. Estão sempre ligadas aos fatos e às preocupações centrais do planeta.

Perceber a comunidade comum a que todos pertencemos e apreender nosso destino comum, olhar para si e a todos como participantes do cosmo é a via para pensarmos e agirmos para a sustentação da natureza e da vida em suas dimensões física, mágica, poética e imaginária.

Toda planta é sagrada, disse o xamã Amauri, curandeiro e pajé das tribos potiguaras do Rio Grande do Norte. Para ele, a floresta é a

farmácia viva preservada pela memória ancestral. Antes da instauração da medicina medicamentosa ocidental no Brasil, a medicina tradicional dos pajés, curandeiros, raizeiros, benzedeiros e mateiros foi por séculos a via de cura de diferentes doenças do corpo, da mente e do espírito. A diversidade de plantas e suas possibilidades de cura vão de plantas para descarrego até plantas médiuns.

Tudo cabe e está em mim, em ti e no mundo. Essa é a complexidade xamânica. O tempo do xamã é o do espírito do vale. Segue um fluxo próprio com infinitas relações e, nessas interações, segue o fluxo do aprender, reaprender, conectar, complexificar e transcender.

Os saberes xamânicos pertencem à constelação dos saberes ancestrais, considerados como reservas antropológicas ao resistir às ameaças da monocultura da mente. O diálogo com sabedorias ancestrais multidimensionais, como o xamanismo, proporciona uma democracia cognitiva e a contribuição dessa forma de pensar, propondo uma formação humana, ecológica, responsável consigo e com uma vida partilhada para os demais seres, baseada em noções éticas de solidariedade, comunhão e integração.

O xamanismo, como uma ciência carregada de uma memória biocultural, tem importância crucial na recomposição de uma civilização, na retomada de valores éticos para reconhecer a força que possui uma comunidade planetária. O xamã, como porta-voz dessa ciência, fala da necessidade de sentirmos o parentesco entre nós e todas as coisas. Somente na aceitação desse parentesco é que concebemos a importância da participação de cada ser nessa teia da vida, a força do espírito da floresta, e é por esse sentimento de comunidade que entenderemos cada ser como sagrado.

As palavras de Kopenawa, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Marcos Terena, Edgar Morin, Conceição Almeida e demais pensadores convergem e se retroalimentam dentro de uma perspectiva que reconhece nos saberes ancestrais e no pensamento xamânico um

potente modo de pensar sustentável, capaz de recompor a humanidade.

A metamorfose faz parte da dinâmica da natureza, do cosmo e por isso também nos constitui. Apostamos nesse potencial para *adiarmos o fim do mundo* e evitarmos a *queda do céu*, sustentando uma ética da solidariedade, da comunhão e do companheirismo. Ver a natureza, a vida e suas dimensões, em sua complexidade, se põe como tarefa urgente para apreendermos outros horizontes e soluções possíveis para as crises catastróficas em que vivemos.

Assim, o xamanismo faz parte de uma educação de base complexa que ultrapassa a instituição da escolarização; possui saberes para o cuidado e a responsabilidade com nossas principais casas (terra, corpo e mente) e resgata saberes arcaicos que deram vida aos nossos ancestrais. O xamã está em processo permanente de aprendizagem. A busca pelo conhecimento e sabedoria é presente em todas as jornadas. Aprender a apreender, ouvir, sentir, respeitar, integrar, solidarizar, comungar e contemplar a vida é a educação xamânica.

Caminhando para finalizar, o que se tira disso tudo é que o xamã educa. Uma educação de base complexa, que caminha pelas interfaces da arte, da ciência e da espiritualidade. Porém, o xamã não ensina nada a ninguém. Ele provoca, relembra, acorda, faz emergir, causa ab-reação, evoca forças para que cada um possa se curar. Compreensão que se encontra com as ideias do pensador Paulo Freire, que nos lembra que ninguém educa ninguém. Isso porque a porta da mudança só se abre por dentro, como ouvi falar um xamã. Educar é curar!

A cura pessoal, o autoconhecimento são os primeiros passos para entender a si e, daí em diante, compreender o outro, o planeta, o cosmo. Somos filhos do cosmo, como nos lembra Morin (CASSÉ; MORIN, 2008), constituídos pelos mesmos elementos que compõem o universo e “cumprindo a missão” do criador ao sermos também criadores. Ou como Reeves (2002) que usa da metáfora para falar que somos

artesãos do oitavo dia, imbuídos de criatividade, sentimentos, inteligência, captadores e difusores de energias.

Por fim, penso que o xamã está em cada um. Os saberes indígenas, dos pajés e xamãs me ensinam a viver e isso é a educação: ensinar a viver, a construção de outros mundos, escrever novas narrativas, a retomada da consciência una, para uma identidade planetária.

Muito se tem alcançado de conhecimentos sobre os saberes xamânicos. Na educação se tem travado uma jornada para que os saberes da tradição, os saberes indígenas e uma sabedoria xamânica possam ser ouvidos. Os ecos do xamanismo precisam ser ouvidos, principalmente neste tempo limiar da civilização que se deixou levar por um pensamento fragmentado e que destrói nossa mãe e a nós mesmos.

Trouxemos até aqui o eco do xamã Daniel, que realiza um trabalho grandioso na educação, levando os saberes indígenas, a sabedoria de seu povo e colocando piolho nas cabeças das pessoas. Desconstrói verdades estabelecidas a partir de suas vivências numa educação ampla da vida em comunidade, trazendo a sabedoria ancestral que ressoa na relação com a natureza, a dimensão espiritual da qual somos intrínsecos.

Para finalizar esta quarta e última jornada da tese, deixo as palavras de Daniel Munduruku fluírem. Um importante texto para pensarmos o que está no âmago de uma educação complexa. Com a força do espírito criador, estas palavras invocam a sabedoria ancestral e convocam os povos a compreenderem a potência da vida em permanente fluidez na natureza, nossa mãe.

Segue o fragmento do texto *Uma prece de esperança*:

(...) Grande Pai, ensina a eles as coisas que ensinaste a nós.
Ensina a eles que a Terra é sagrada.
Ensina a eles que a Terra é o nosso lar comum.
Ensina a eles que é preciso limpar a sujeira que cada um faz.
Ensina a eles que a Lua, nosso avó, é sagrada.

Ensina a eles a cuidar de suas crianças e de seus velhos - herdeiros de
Tua mensagem.
Ensina a eles a se tornar povo novamente, para que possam receber Tua
bênção criadora na sua forma original e com compreensão.
Ensina a eles a pararem de brincar de criador. Diz a eles que isso vai
fazer a terra passar mais rápido.
Ensina a eles a ensinar seus filhos e os que ainda irão nascer a
sobreviverem em nossa Terra-lar.
Grande Pai, continuamos a confiar na Tua presença e bondade. Ajuda-
nos a manter a esperança.

(MUNDURUKU, 2009, p. 87)

PARA ABRIR NOVOS CICLOS



Somos um círculo, dentro de um círculo, sem um começo
e sem um fim

Canto xamânico

É preciso reinstaurar a escuta poética do mundo e
apreender nossa impermanência, como todo ser
experimental, vivenciar a metamorfose.

Conceição Almeida

O ser humano precisa entender sua importância em um
nível cósmico.

Marcelo Gleiser

Chegaremos à plena humanização quando houver uma
civilização em que as pessoas vivam a experiência
mística.

Frei Beto

A fraternidade não se limita à comunidade dos homens,
ao seu meio ambiente imediato. Ela se estende até as
estrelas mais longínquas.

Edgar Morin

Ser plenamente humano é a única maneira de se sentir
plenamente integrado ao cosmo.

Daniel Munduruku

O sonho do xamã

Daniel Munduruku (2008) realizou uma adaptação do conhecido texto A Carta do Chefe Seattle no livro que intitulou de *A palavra do grande chefe*, um texto de sabedoria inestimável de um indígena norte-americano que reverbera até hoje. Imperceptível, a conexão do homem com outras formas de vida e com os não vivos é permanente e inviolável.

É indo à floresta, sentindo-a, experimentando-a e observando-a que o xamã compreende essa conexão com os outros seres. Por meio de suas jornadas e práticas, o xamã sonha e dança para os grandes espíritos. Um sonho que acredito se estender na realidade algum dia.

O sonho dos alquimistas é a pedra filosofal, da qual acreditam poder extrair o elixir da vida. Sonho para o xamã está em seu arsenal de vias para conhecer outros mundos. O sonho é um oráculo (RIBEIRO, 2019), um portal para novos horizontes. Uma via com memórias que, há séculos, guiam sociedades. Sonho e xamanismo se fundem, sendo talvez o xamanismo um sonho.

O que eu aprendi em minhas experiências xamânicas, que entendo como permanentemente um aprendiz, talvez possa ser resumido pelo sonho do xamã. No sonho de Ubiratan, o xamã é um propositor e artesão de um humanismo pleno, conforme suas palavras: "uma das buscas do xamã é por um humanismo pleno. Um momento em que podemos viver a solidariedade espontânea, que os indígenas ainda cultuam. O humanismo não é só o humano. É um horizonte possível que depende de uma transformação. Tudo é vida e todos possuem um humanismo. Mas que isso foi rompido pela ganância", finaliza Manoel Ubiratan.

O humanismo na fala do xamã parece ser, antes de tudo, um olhar, um pensar e um lugar que salvaguarda a diversidade cultural, natural e social. Sem ela não há humanidade, sendo uma condição

humana que nos coloca juntos, homem, outros animais e todos os reinos e elementais. Sem diversidade não há encanto, encantados, sagrado e nem vida.

Humanismo pleno é despir o indivíduo e situá-lo no cosmo, num estado de não separação. É compreender nossa complexidade, o diálogo permanente entre o exterior e nosso interior, essa complexa relação traduzida por Ilya Prigogine, quando diz que “há uma história cosmológica, no interior da qual há uma história da matéria, no interior da qual há uma história da vida, na qual há finalmente nossa própria história” (2002, p. 26).

Morin nos inspira a pensar no humanismo regenerado, que é essencialmente um humanismo planetário, interligando todos os seres humanos por meio de uma antropoética, despertando a noção de uma casa e um destino comum. Em suas palavras

o humanismo deve assumir conscientemente a grande inspiração que permeia toda a história humana: inserir a pessoa no seio de uma comunidade, florescer o eu no florescimento do nós. [...] A tomada de consciência da comunidade de destino terrestre deve ser o acontecimento-chave de nosso século. (MORIN, 2020a, p. 111).

Nas palavras de Capra (1999), devemos pensar a *Teia da Vida* para falar das infinitas relações que realizamos, objetivas ou não, com os diversos seres e mundos. A teia se torna nossos elos dentro de um sonho em que o xamã desperta.

O mito exposto por Davi Kopenawa, no livro *A queda do Céu*, fala da importância dos xamãs para a sustentação do céu, de seus horizontes de vida. A floresta, como lugar do espírito do xamã, não pode ser destruída, pois nela estão os saberes ancestrais e a antropoética xamânica que alicerça sua sociedade. O humanismo de Kopenawa se mostra retroalimentado na relação entre saberes arcaicos e a natureza. (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Da mesma forma, Ailton Krenak realiza uma reflexão sobre o humanismo e fala da necessidade de o humano manter vínculos profundos com sua memória ancestral, como referências que dão sustentação a uma identidade. Nos alerta sobre os perigos de uma história única.

Munduruku, em sua poética, nos revela algo:

Descobri que não precisa ser xamã ou pajé para chacoalhar o maracá, basta colocar-se na atitude harmônica com o todo, como se estivéssemos seguindo o fluxo do rio, que não tem pressa, mas sabe onde quer chegar. (...) Descobri que todas essas pessoas, em qualquer parte do mundo, praticando suas ações, buscando o equilíbrio do Universo, estão batendo seu maracá. (MUNDURUKU, 2014, p. 30).

Por fim, respondo a duas perguntas importantes. O que tudo isso tem a ver com a educação? Se a educação é a aprendizagem da cultura, uma educação de base complexa supõe a abertura do espírito para a poética, para a sensibilidade de um espírito xamânico.

O que aprendi com os xamãs? A estar mais sensível, no agora; a educar os sentidos. Ficar atento aos sinais da natureza, ao voo do pássaro, aos diferentes ventos, às correntezas dos rios; sentir a forças das ondas, os voos das estrelas, a respiração das montanhas; sentir o sonho se estender na realidade, uma extensão da vida; as energias das plantas, suas inteligências e forças de cura; aprendi a reverenciar o arquétipo de cada animal. Respeitar os mitos, ritos e encontrar neles minha caminhada. Aprendi a usar cada instrumento de conexão, suas simbologias e a perceber os portais do agora. Tudo isso numa construção artesanal do sentir. Aprendi que somos seres espirituais, infinitos, conectados com a grande força criadora. Aprendi, enfim, a viver a poética xamânica.

INSPIRAÇÕES

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Complexidade e ética como estética de vida. *In*: FRANÇA, Fagner Torres de; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade**. Natal: EDUFRN, 2019a. p. 167-177.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Dança, arte e espiritualidade. *In*: FRANÇA, Fagner Torres de; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade**. Natal: EDUFRN, 2019b. p. 178-189.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Prefácio: para despertar a sabedoria adormecida. *In*: WULF, Christoph; BAITELLO JUNIOR, Norval (org.). **Sapientia**: uma arqueologia de saberes esquecidos. Tradução Claudia Dornbusch; Doris Buchmann. São Paulo: Edições Sesc, 2018. p. 9-21.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Tecnociência e globalização. *In*: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura e pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 27-63.

ALVERGA, Alex Polari de. **O livro das mirações**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984.

AQUINO, Tania Maria de. **Um índio em minha casa**. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2013.

ARTÊSE, Léo. **O espírito animal**: descubra seu animal guardião. São Paulo: Roca, 2001.

ATLAN, Henri. **Tudo, não, talvez**: educação e verdade. Tradução Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019.

BOHM, David; PEAT, David. **Ciência, ordem e criatividade**. Tradução José da Silva Branca. Lisboa: Gradiva, 1989.

BOSCO FILHO, João. **As lições do vivo**: a natureza e as ciências da vida. 157 f. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CASSÉ, Michel; MORIN, Edgar. **Filhos do céu**: entre vazio, luz e matéria. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- CASTAÑEDA, Carlos. **Uma estranha realidade**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2009.
- CASTAÑEDA, Carlos. **Viagem a Ixtlan**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.
- CASTAÑEDA, Carlos. **Porta para o infinito**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. Tradução de Theo Santiago. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- CORTÊS, Jeronymo. **Lunário perpétuo**. Porto: Lello Editores, 2004.
- DROUOT, Patrick. **Nós somos todos imortais**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FRANÇA, Fagner Torres de; ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade**. Natal: EDUFRRN, 2019.
- GROF, Stanislav. **Psicologia do futuro**: lições das pesquisas modernas de consciência. Rio de Janeiro: Heresis, 2000.
- HARNER, Michael. **O caminho do Xamã**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. **O uso ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

LANGDON, Esther Jean. Configuraciones del chamanismo siona: modos de performance en los siglos XX y XXI. **Revista Maguaré**, Bogotá, v. 34, n. 1, p. 17-47, 2020.

LANGDON, Esther Jean. Xamãs e xamanismos: reflexões autobiográficas e intertextuais sobre a antropologia. **Revista Ilha**, Santa Catarina, v. 11, n. 2, p. 161-191, 2010.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. Tradução Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

MORIN, Edgar. **A aventura de o método e para uma racionalidade aberta**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições SESC, 2020a.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância, mistério**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016a.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2016b.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. Para um pensamento do sul. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL, 2010, Fortaleza. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio (SESC), 2011a. p. 8-21.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a.

MORIN, Edgar. **O Método 6**: ética. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as ideias: habitat, vida, costume e organização. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarissa Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Tradução Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **O retorno dos astrólogos**. Tradução de M. da Madre de Deus e Pimenta de Souza. Lisboa: Moraes Editores, 1972.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem viver. Lorena: DM Projetos Especiais, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: Uka Editorial, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura indígena brasileira. Ilustrações de Maurício Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **A palavra do grande chefe**. São Paulo: Editora Global, 2008.

OLIVEIRA, Luan Gomes dos Santos de. **Notícias do oco do mundo**: cartas para uma antropolítica da educação. 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O índio que mora na nossa cabeça**. São Paulo: Prumo, 2012.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. Organização de Edgard de Assis Carvalho; Maria da Conceição de Almeida. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

PRIGOGINE, Ilya. **Ilya Prigogine**: do ser ao devir: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: UNESP; Belém: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002. (Nomes de Deuses).

REEVES, Hubert. **Hubert Reeves**: os artesãos do oitavo dia: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: UNESP; Belém: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002. (Nome de Deuses).

REINAGA, Fausto. **Revolución India (1970)**. 4. ed. La Paz: MINKA, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Eduardo Chianca. **Frequências de luz**: terapia holística e conhecimentos pleiadianos para a nova era de luz. Belo Horizonte: Edição do autor, 2011.

SÁ, Maria José Ribeiro de. **Na escola da floresta**: pedagogias Tentehar. 2021. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

SHELDRAKE, R. **Ciência sem dogmas**: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiro. São Paulo: Cultrix, 2014.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Carlos Alberto Pereira. **Compor e educar para descolonizar**. 2009. 129 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SILVA, Francisco Lucas da. **Um sábio na natureza**. Organização Maria da Conceição de Almeida e Thiago Emmanuel Araújo Severo. Natal: IFRN, 2016.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz & Terra, 1993.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VILLAS-BÔAS, Orlando. **A arte dos pajés**: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano. São Paulo: Globo, 2000.

VILLOLDO, Alberto. **Os quatro ventos**: a odisseia de um xamã na floresta amazônica. Tradução Ruth R. Rejtman. São Paulo: Ágora, 1997.

VITEBSKY, Piers. **O xamã**: viagens da alma, transe, êxtase e cura desde a Sibéria ao Amazonas. Tradução de Alfonso C. Teixeira. Köln: Evergreen, 2001. (Grandes Tradições Espirituais)

WEBER, Renée. **Diálogos com sábios e cientistas**: a busca da unidade. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 1991.

FILMES

EL ABRAZO de la Serpiente. Direção: Ciro Guerra. Produção: Cristina Gallego. Argentina, 2015. 1 DVD (125 min).

EX-PAJÉ. Direção: Luiz Bolognesi. Cinematografia: Pedro J. Marquez. Brasil, 2018. 1 DVD (81 min).